

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

Letícia Vasques dos Reis Portella Nascimento

**HIDRODINÂMICA RESIDUAL DE UMA PRAIA DE ENSEADA
SUBTROPICALS:
ESTUDO DE CASO DA ENSEADA DO ITAPOCORÓI**

Florianópolis

2017

Letícia Vasques dos Reis Portella Nascimento

**HIDRODINÂMICA RESIDUAL DE UMA PRAIA DE ENSEADA
SUBTROPICALS:
ESTUDO DE CASO DA ENSEADA DO ITAPOCORÓI**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Oceanografia para a obtenção do Grau de Mestre em Oceanografia.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Fernando Härter Fetter Filho

Florianópolis

2017

AGRADECIMENTOS

Agresteço ao Prof. Dr. Antonio H. da F. Klein e ao Professor João Luiz Baptista de Carvalho por terem gentilmente cedidos os dados medidos imprescindíveis para o desenvolvimento do atual trabalho. Também devo agradecer à CB&I por toda a compreensão que foi necessária para que eu pudesse participar mestrado bem como todo o apoio cedido durante o processo.

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de avaliar a hidrodinâmica da Enseada do Itapocorói com foco na circulação residual e de longo período buscando compreender quais forçantes ambientais são mais relevantes na geração dessas correntes e qual é o padrão de circulação de longo prazo. Para alcançar este objetivo, fez-se a análise dos resultados de 3 *Acoustic Doppler Current Profilers* (ADCPs) dispostos ao longo da enseada em posições com diferentes graus de ondulação e um marégrafo localizado na enseada ao lado, em Penha. Também foi utilizado o modelo hidrodinâmico, Delft3D para analisar o comportamento espacial das correntes locais. O modelo foi desenvolvido em escala regional e local e calibrado com dados provenientes dos ADCPs. Verificou-se que as correntes na região tem um padrão bastante ameno, com velocidades abaixo de $40\text{cm}.\text{s}^{-1}$ em todo domínio e abaixo de $20\text{cm}.\text{s}^{-1}$ nas regiões mais internas. Pelo menos 1/4 da energia local provém de períodos acima de 50h, indicando forte presença de ondas de plataforma e correntes residuais.

Palavras-chave: Circulação Residual. Modelagem Numérica. Delft3D.

ABSTRACT

The current study has the goal to evaluate the hydrodynamic behavior of the Itapocorói Bay, focusing on the residual and long-term circulation, in order to better understand which environment forcings have the main part on its generation. To achieve this goal, data from 3 Acoustic Doppler Current Profilers (ADCPs) were analyzed as well as an tide gaugue located on a bay nearby, Penha Bay. Also, it was made use of a numerical model called Delft3D to better comprehend the spacial dynamic of local currents. The model was developed with a regional and a local grid and calibrated with data from the ADCPs. The current on the bay are very mild, usually below $40\text{cm}.\text{s}^{-1}$ in all area and below $20\text{cm}.\text{s}^{-1}$ in sheltered areas inside the bay. At least a quarter of local energy is contained in periods greater than 50h, indicating a strong presence of platform waves and residual currents.

Keywords: Residual Circulation. Numerical Modelling. Delft3D.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Métodos de solução para um problema físico. Fonte: Maliska (1995)	15
Figura 2	Exemplo de grade numérica estruturada	16
Figura 3	Exemplo de grade numérica desestruturada.....	16
Figura 4	Difusão numérica em diferentes condições de CFL em um problema da equação da onda 1D com condição de fronteira invariavelmente igual a 1.....	17
Figura 5	Localização da Enseada do Itapocorói	18
Figura 6	Efeitos da erosão em Piçarras. Fonte: Maciel (2010)	21
Figura 7	Imagen do Google Earth da Praia de Piçarras de 18 de Setembro de 2015. Fonte: Google Earth	22
Figura 8	Máxima elevação do nível do mar causada por marés meteorológicas e astronômicas. Fonte: Parise et al. (2009)	23
Figura 9	Fluxograma da metodologia a ser aplicada.....	25
Figura 10	Localização das coletas de dados através de ADCPs.....	28
Figura 11	Dados medidos no ADCP ST001. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP	29
Figura 12	Dados medidos no ADCP ST002. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP	30
Figura 13	Dados medidos no ADCP ST003. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP	31
Figura 14	Localização das variáveis calculadas em uma malha do tipo Arakawa C	33
Figura 15	Interface gráfica do TMD para obtenção das constituintes harmônicas calculadas pelo modelo TPXO	34
Figura 16	Localização dos dados de vento do modelo de reanálise CFSR e do aeroporto de Navegantes (METAR)	38
Figura 17	Rosa dos ventos do Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR) ...	39
Figura 18	Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para o ano de 2011.....	40
Figura 19	Histograma de velocidade do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)	41
Figura 20	Histograma de velocidade do vento referentes aos dados do CFSR para o ano de 2011	41
Figura 21	Histograma de direção do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)	42
Figura 22	Histograma de direção do vento referentes aos dados do CFSR para o ano de 2011	42
Figura 23	Dados válidos e dados indisponíveis nos dados de velocidade do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR).....	43
Figura 24	Distribuição conjunta dos dados de ventos.....	44
Figura 25	Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Verão (Dezembro a Fevereiro) nos anos 2011 a 2015	46
Figura 26	Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Outono (Março a	

Maio) nos anos 2011 a 2015.....	47
Figura 27 Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Inverno (Junho a Agosto) nos anos 2011 a 2015.....	48
Figura 28 Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Primavera (Setembro a Novembro) nos anos 2011 a 2015.....	49
Figura 29 Variação de Nível no ponto ST001 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte interior).....	52
Figura 30 Variação de Nível no ponto ST002 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte interior).....	53
Figura 31 Variação de Nível no ponto ST003 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte interior).....	54
Figura 32 Separação dos dados de nível em Penha	55
Figura 33 Evento de maré meteorológica negativa registrado	56
Figura 34 Constantes harmônicas definidas na estação maregráfica brasileira da FEMAR (FEMAR, 2016).....	63
Figura 35 Espectro de energia em Piçarras e Penha	68
Figura 36 Dados de temperatura.....	70
Figura 37 Rosa de correntes no ponto ST001 integrada na vertical (em centímetros).....	72
Figura 38 Rosa de correntes no ponto ST002 integrada na vertical (em centímetros).....	72
Figura 39 Rosa de correntes no ponto ST003 integrada na vertical (em centímetros).....	73
Figura 40 Histograma da velocidade de corrente no ponto ST001 integrada na vertical ...	73
Figura 41 Histograma da velocidade de corrente no ponto ST002 integrada na vertical ...	73
Figura 42 Histograma da velocidade de corrente no ponto ST003 integrada na vertical ...	74
Figura 43 Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST001. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%	74
Figura 44 Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST002. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%	75
Figura 45 Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST003. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%	75
Figura 46 Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST001.....	76
Figura 47 Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST002.....	77
Figura 48 Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST003.....	78
Figura 49 Rosa de correntes no ponto ST001 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)	79
Figura 50 Rosa de correntes no ponto ST001 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)	80
Figura 51 Rosa de correntes no ponto ST001 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)	81
Figura 52 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)	82
Figura 53 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)	83
Figura 54 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)	84
Figura 55 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 4 (em $cm.s^{-1}$)	85
Figura 56 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 5 (em $cm.s^{-1}$)	86
Figura 57 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 6 (em $cm.s^{-1}$)	87
Figura 58 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 7 (em $cm.s^{-1}$)	88
Figura 59 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 8 (em $cm.s^{-1}$)	89
Figura 60 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 9 (em $cm.s^{-1}$)	90

Figura 61 Rosa de correntes no ponto ST002 célula 10 (em $cm.s^{-1}$)	91
Figura 62 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)	92
Figura 63 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)	93
Figura 64 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)	94
Figura 65 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 4 (em $cm.s^{-1}$)	95
Figura 66 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 5 (em $cm.s^{-1}$)	96
Figura 67 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 6 (em $cm.s^{-1}$)	97
Figura 68 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 7 (em $cm.s^{-1}$)	98
Figura 69 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 8 (em $cm.s^{-1}$)	99
Figura 70 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 9 (em $cm.s^{-1}$)	100
Figura 71 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 10 (em $cm.s^{-1}$)	101
Figura 72 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 11 (em $cm.s^{-1}$)	102
Figura 73 Rosa de correntes no ponto ST003 célula 12 (em $cm.s^{-1}$)	103
Figura 74 Grade numérica	105
Figura 75 Batimetria interpolada na grade numérica	106
Figura 76 RMSE para a componente U da velocidade em ST001	109
Figura 77 RMSE para a componente U da velocidade em ST002	110
Figura 78 RMSE para a componente U da velocidade em ST003	111
Figura 79 RMSE para a componente V da velocidade em ST001	112
Figura 80 RMSE para a componente V da velocidade em ST002	113
Figura 81 RMSE para a componente V da velocidade em ST003	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Movimento estimado de turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)	19
Tabela 2 Receita estimada em reais para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)	19
Tabela 3 Principais atrativos turísticos considerados pelos turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)	19
Tabela 3 Principais atrativos turísticos considerados pelos turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)	20
Tabela 4 Localização dos equipamentos	27
Tabela 5 Cartas Náuticas utilizadas	35
Tabela 6 Características das velocidade de vento por estação do ano.....	45
Tabela 7 Características das Variações de Nível Medidas (em metros)	50
Tabela 8 Características das Marés Meteorológicas Medidas.....	51
Tabela 9 Frequências encontradas nos dados de nível do ST001	58
Tabela 10 Análise harmônica através do ttide nos dados de nível do ST002.....	59
Tabela 11 Frequências encontradas nos dados de nível do ST003	60
Tabela 12 Frequências encontradas nos dados de nível de Penha.....	61
Tabela 12 Frequências encontradas nos dados de nível de Penha.....	62
Tabela 13 Comparações entre as constantes harmônicas encontradas nos pontos ST001, ST002, ST003 e Penha com as constantes definidas pela FEMAR (FEMAR, 2016)	64
Tabela 13 Comparações entre as constantes harmônicas encontradas nos pontos ST001, ST002, ST003 e Penha com as constantes definidas pela FEMAR (FEMAR, 2016)	65
Tabela 14 Número de Forma para cada um dos dados analisados	66
Tabela 15 Características dos dados de temperatura.....	69
Tabela 16 Propriedades da grade numérica.....	104
Tabela 17 Configurações utilizadas na calibração.....	107
Tabela 18 Amplitude máxima do valor medido e percentual de erro do modelo para cada equipamento e parâmetro medido	107
Tabela 18 Amplitude máxima do valor medido e percentual de erro do modelo para cada equipamento e parâmetro medido	108
Tabela 19 Configuração das rodadas de análise.....	115

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	PERGUNTAS DE PESQUISA	9
1.2	HIPÓTESE	10
1.3	OBJETIVOS	10
1.3.1	Objetivo Geral	10
1.3.2	Objetivos Específicos	10
2	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
2.1	MARÉ E CIRCULAÇÃO RESIDUAL	11
2.2	MODELAGEM NUMÉRICA DE ZONAS COSTEIRAS	14
2.3	ÁREA DE ESTUDO	18
3	MATERIAIS E MÉTODOS	25
3.1	DADOS MEDIDOS	26
3.2	MODELO NUMÉRICO	32
3.2.1	DELFT3D-FLOW	32
3.3	FORÇANTES DOS MODELOS	33
3.3.1	Maré	33
3.3.2	Vento	34
3.4	DADOS DIVERSOS	35
3.4.1	Linha de Costa	35
3.4.2	Batimetria	35
3.5	AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DO MODELO	36
3.6	ANÁLISES UTILIZADAS	36
3.6.1	TTide	36
3.6.2	Transformada Rápida de Fourier (FFT)	36
4	RESULTADOS	38
4.1	ANÁLISE DOS DADOS DE VENTO	38
4.1.1	Análise por Estação	45
4.2	DESCRIÇÃO DOS DADOS MEDIDOS	50
4.2.1	Nível	50
4.2.2	Temperatura	69
4.2.3	Corrente	71
4.3	MODELO NUMÉRICO	104
4.3.1	Grade Numérica e Batimetria	104
4.3.2	Calibração	107
4.3.3	Rodadas de análise	115
4.3.4	Mapas de Residuais	116
5	DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	117
	REFERÊNCIAS	118

1 INTRODUÇÃO

Sentado numa cadeira de praia, um turista pode perceber facilmente que existe uma dinâmica na praia que o cerca. As ondas quebram incessantemente, às vezes maiores, às vezes menores, o vento varia de intensidade e direção e a faixa de areia pode se apresentar maior ou menor conforme o horário em que ela é observada. Apesar de facilmente observados, os processos costeiros que regem as dinâmicas de zonas costeiras são bastante complexos e interligados.

A zona costeira é uma região de alto dinamismo, e está sujeita a oscilações periódicas de altas e baixas frequências como ondas e marés, respectivamente. Dado que a água pode ser considerada incompressível, o volume remanescente após uma oscilação deve ser conservado e é de se esperar que as componentes geradas pela oscilação tenham uma resultante nula (LEBLOND, 1991). Entretanto, o que se observa na realidade é que a resultante das oscilações durante longos períodos (por exemplo, após um ou vários ciclos de maré) é não nula. Essa resultante pode ser causada ou amplificada por diversos parâmetros ambientais tais como: não linearidade da corrente de maré, padrão de onda predominante, direção do vento predominante, eventos de tempestade, entre outros (BROWN et al., 2010, e.g.).

As magnitudes dessas correntes residuais e de longo período normalmente são ordens de magnitude menores que as correntes de maré. No entanto, mesmo sendo muito menos intensas, a magnitude e a variação espacial e temporal dessa circulação exerce um grande influência na interação de processos físicos, bioquímicos e sedimentares. Os processos de transporte através da circulação residual e de longo período tem controle sobre fluxo de água doce, descarga de contaminantes, dispersão e transporte de sedimentos e nutrientes além de poderem auxiliar na manutenção ou declínio de recursos vivos (CHENG, 1990). Além disso, dependendo da variação dessa circulação, seja por sazonalidade ou pela frequência dos eventos de tempestade, a mesma também pode ter papel fundamental na morfodinâmica regional (BROWN et al., 2010).

A Enseada do Itapocorói se destaca no cenário catarinense pela grande importância turística. No entanto, a região sofre com sucessivos problemas erosivos desde a década de 70, quando a barra do rio Piçarras foi fixada (HEUVEL et al., 2008). Considerando então a importância econômica e social da Enseada do Itapocorói tanto em termos econômicos como sociais, o seu estudo é de vital importância. Visto que a circulação residual pode ter um papel importante para o entendimento do transporte de partículas, um estudo da mesma pode vir a contribuir para o entendimento da morfodinâmica de longo prazo, bem como avaliar a taxa de recirculação local, podendo colaborar para a melhora da qualidade da água. Além disso, o estudo da morfodinâmica de enseadas necessita que os processos hidrodinâmicos da região sejam bem conhecidos (SILVA et al., 2010). Dessa forma, o presente estudo visa avaliar o comportamento hidrodinâmico da região focando na circulação residual bem como o papel dos parâmetros ambientais da região em sua formação, de forma a avaliar qual parâmetro é mais relevante na modificação dessa circulação.

As correntes residuais dificilmente conseguem ser medidas em campo (CHENG, 1990) por isso, para alcançar o objetivo proposto, será feito uso da modelagem numérica e avaliação de dados de ADCP (temperatura, corrente, ondas e nível) coletados ao longo de um mês em três pontos na enseada.

1.1 PERGUNTAS DE PESQUISA

- Qual é o padrão espacial típico da circulação submareal da Enseada? E temporal?
- Quais os parâmetros ambientais têm maior influência na circulação residual?

1.2 HIPÓTESE

Existe uma circulação residual típica na Enseada do Itapocorói que é gerada principalmente por um algum fator ambiental (maré ou vento), mas cujas características principais podem ser eventualmente alteradas no caso de eventos de tempestade.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral do estudo é compreender o padrão de circulação local e a circulação residual na Enseada do Itapocorói (Balneário Piçarras), bem como as variáveis ambientais que os influenciam, através do uso de modelagem numérica de forma a agregar conhecimento sobre a hidrodinâmica na região de estudo.

1.3.2 Objetivos Específicos

São objetivos específicos deste trabalho:

- Caracterizar a circulação local através da análise das séries dos fundeio;
- Descrever características meteo-oceanográficas da região;
- Construção de um modelo hidrodinâmico (Delft3D-FLOW) para a área de estudo;
- Calibração dos modelos hidrodinâmicos com dados provenientes de 3 ADCPs;
- Definir o padrão típico da circulação residual;
- Compreender o papel dos parâmetros ambientais na modificação da circulação e qual o parâmetro dominante;
- Definir a circulação residual na Enseada do Itapocorói;

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 MARÉ E CIRCULAÇÃO RESIDUAL

As principais variações de nível ocorridas em zonas costeiras acontecem devido às oscilações causadas pelas marés, tornando-se de fundamental importância para estudos costeiros o seu conhecimento, bem como as correntes que são por elas geradas (EGBERT; EROFEEVA, 2002). Apesar de bem compreendidas num âmbito global, a onda de maré em águas costeiras tem uma dinâmica muito diferente daquela encontrada em regiões oceânicas (LEBLOND, 1991).

As marés são consideradas ondas de água rasa e, portanto, estão sempre sujeitas à influência do fundo. Entretanto, ao adentrar águas ainda mais rasas, como as plataformas continental interna, as suas escalas laterais passam a ser reduzidas (LEBLOND, 1991). Conforme a onda de maré passa a propagar para águas costeiras ela tende a interagir e sofrer diversos processos: reflexão total ou parcial (uma vez que a linha de costa passa a agir como uma barreira), efeitos iniciais, efeitos de continuidade, perda de energia por fricção, entre outros. Dessa forma, uma vez que se encontra em águas rasas, a onda de maré se torna progressivamente não linear e dissipativa. Além disso, esses processos não lineares podem transferir energia para constituintes harmônicas de águas rasas totalmente novas (SCHUREMAN, 1958; MASSEL, 1989; PARKER, 2007). Outra consequência da redução das escalas laterais é a criação de regiões de gradiente de velocidade. Os termos iniciais passam a ganhar importância no balanço de momento e contribuem para a geração de correntes residuais e vorticidade (LEBLOND, 1991). Portanto, em águas rasas, uma variedade de processos compõem um complexo cenário a ser estudado e, por mais que os fenômenos que gerem as marés sejam muito bem conhecidos e compreendidos, os movimentos resultantes requerem um estudo mais aprofundado.

Ao se considerar a água como incompressível, independente das oscilações ocorridas, seria natural se pensar, em um primeiro momento, que o residual da circulação deveria ser nulo (LEBLOND, 1991). O que se vê na realidade é bastante distinto e a observação de longo prazo nos dá a clara predominância de uma direção indicando a presença de resultantes não nulas. A fonte mais óbvia de geração de velocidade residual é a descarga fluvial, uma vez que seu fluxo é unidirecional. Entretanto, o que se observa é que existem resultantes de velocidade mesmo em locais sem presença de rios. Diversos parâmetros ambientais podem gerar residuais de velocidade. Entre eles podemos citar não linearidade da corrente de maré, padrão de onda predominante, direção do vento predominante, eventos de tempestade, diferença de densidade, características batimétricas ou mesmo obras costeiras (TEE, 1976; TRUCCOLO, 2009; BROWN et al., 2010).

A circulação residual, especialmente a da maré, está normalmente relacionada a processos de longo período, com frequências baixas e velocidades uma ou duas ordens menores que as próprias correntes de maré e, assim, pode acabar sendo negligenciada por conta dessas características (CHENG, 1990). Apesar de serem consideradas irrelevantes quando comparadas com as correntes de maré, elas podem ser bastante relevantes em longo prazo dado que podem dominar o transporte e a distribuição geral de propriedades da água como temperatura e salinidade quando considerada a sua persistência. Dessa forma, sua determinação pode contribuir para o manejo costeiro (como tempo de permanência de poluentes) ou mesmo para a proteção costeira, dado que ela também pode ter papel significante para transporte de partículas sedimentares (TRUCCOLO, 2009).

Parker (1991) cita os trabalhos de Hunt e Johns (1963), Huthnance (1973) e Nihoul e Ronday (1975) como os primeiros trabalhos a proporem mecanismos de geração de correntes residuais geradas por maré. Hunt e Johns (1963) estudaram a geração de correntes de fundo induzidas por maré em águas rasas, já citando a importância de fluxos residuais tanto na circulação geral quanto em mudanças morfológicas significativas. Huthnance (1973) verificou

que as forças geradoras de correntes residuais em bancos de maré no Norfolk Sandbanks foram a força de Coriolis e fricção de fundo. Nihoul e Ronday (1975) mostraram que em regiões com marés expressivas os termos não lineares das equações passam a agir como uma "tensão de cisalhamento de maré" que, aliada ao vento, produz movimentos residuais.

De forma geral e simplificada, o termo circulação residual é utilizado para remeter às circulações de longo período, ou seja, o resultante da circulação uma vez que os processos atuantes são findados. No entanto é possível perceber na literatura uma certa variação em relação à sua definição.

Nihoul e Ronday (1975) discutem sobre as diferentes formas como o termo circulação residual é utilizado em diferentes campos. Os autores citam que, sob um olhar matemático, as correntes residuais podem ser consideradas como o fluxo estacionário descrito pelas equações fundamentais desconsiderando os termos transitentes das equações. Em se tratando do campo experimental, tende-se a definir as correntes residuais como o fluxo que sobra ao se subtrair uma maré modelada (ou prevista) de um fluxo medido. E, segundo os autores, ainda existem os cientistas que consideram as correntes residuais aquelas encontradas após se realizar uma integração das correntes naturais ao longo de um período de tempo suficientemente longo, de forma a se cancelarem as contribuições da maré. Os autores afirmam que a última parece ser a mais realista.

Yanagi (1976) afirma que o fluxo estacionário (*steady-state*) é causado por diversos processos físicos como vento, gradiente de pressão atmosférica, descarga de rios, correntes de densidade, correntes de oceano aberto, força de Coriolis e marés. Especificamente, o autor considera fluxo residual de maré como aquele causado por não linearidades das correntes de maré relativas à topografia de fundo e geometria das bordas.

Tee (1976) considera corrente residual aquela corrente que permanece após retiradas as frequências diurnas, semidiurnas ou superiores.

No estudo de Brown et al. (2010) a circulação residual é tratada como a circulação instantânea que permanece após a remoção da maré astronômica da circulação total encontrada, tanto em dados medidos quanto modelados.

No presente estudo, será considerado como circulação residual aquela descrita como a média da circulação local em um longo período de tempo, conforme descrito por Nihoul e Ronday (1975). Este termo foi definido por Imasato (1983) como velocidade residual eulíriana gerada por maré e calculada conforme a equação 2.1 onde T é um período de tempo suficientemente grande para anular as componentes de maré.

$$U_{\text{residual}}(x, y) = \frac{1}{T} \int_0^T U(x, y, t) dt \quad (2.1)$$

Onde,

U é a componente da velocidade;

T é o período de tempo analisado;

x, y, t são as componentes espaciais e temporal.

Verifica-se na literatura que muitos estudos são focados em circulação residual em ambientes estuarinos com enfoque especial naquela gerada pela baroclinicidade do sistema (MACCREADY; BANAS, 2010; BURCHARD et al., 2011; BROWN et al., 2010). Poucos esforços foram feitos na tentativa de estudos de circulação residual em sistemas com predominância barotrópica ou separando e avaliando as componentes barotrópicas. O presente estudo vem ao encontro para contribuir nessa área, guiando-se pelos trabalhos de Valle-Levinson et al. (2000) e Brown et al. (2010).

Valle-Levinson et al. (2000) tinham como objetivo compreender a circulação residual em uma baía semi-árida bastante semelhante ao que se pode encontrar na Enseada do Itapocorói:

orientação preferencial norte-sul, aberta para o oceano, encapsulada entre dois promontórios, com uma baixa descarga fluvial, regime de micro-maré semidiurna e importante centro urbano. Os autores verificaram que a circulação básica poderia ser dividida em duas: uma camada superior dominada por uma componente diurna (atmosférica e mareal) e uma camada inferior com influência diurna e semi-diurna gerada principalmente pela maré.

Já o trabalho de Brown et al. (2010) tinha como objetivo compreender a contribuição de parâmetros físicos na variação temporal das correntes residuais em um ambiente estuarino fortemente influenciado pela maré e comparar a contribuição desses parâmetros, em condições normais e de tempestade, quando comparados com a maré. Os processos físicos avaliados foram: forçantes meteorológicas, baroclinicidade, descarga de rios, residual externo, marés e ondas.

O trabalho de Truccolo et al. (2006) verificou que em São Francisco do Sul, na região exposta às ondulações, apenas 74% da variação de nível poderia ser explicada por marés astronômicas e que 24% da variação poderia ser explicada pelas oscilações em frequência submareal. Além disso, oscilações do nível do mar em frequência submareal não podem ser completamente desconsideradas em um regime de micromaré como o encontrado no sul do Brasil, uma vez que sobre-elevações de até 1 m já foram registradas na região de Itajaí (TRUCCOLO, 2009).

Dessa forma, o presente trabalho levará em consideração as variações em frequência submareal, desconsiderando frequências supramareais (e.g. ondas de gravidade) e terá como foco principal o estudo de correntes residuais barotrópicas cujos principais parâmetros ambientais serão a maré e o vento.

2.2 MODELAGEM NUMÉRICA DE ZONAS COSTEIRAS

O conhecimento da hidrodinâmica de uma região costeira pode ter diversos benefícios tanto em termos ambientais (variações sazonais, previsão das condições oceanográficas, padrões de transporte de sedimentos, etc.) quanto em ganhos sociais (prevenção de desastres naturais, proteção costeira, etc.). No entanto, para um entendimento amplo das características oceanográficas de determinada região é necessário um conhecimento extenso da mesma tanto em termos espaciais quanto temporais. Isso se torna extremamente difícil principalmente devido à complexidade dos processos envolvidos e à dificuldade de obtenção de dados medidos, que são muito custosos e esparsos.

As leis de conservação que governam os fluidos são modelos matemáticos validados há bastante tempo e que podem ser amplamente utilizados para compreendê-los (MALISKA, 1995). Quando se faz necessário resolver determinado problema nesta área pode-se optar por três métodos: os analíticos, os numéricos (experimentação teórica) e a experimentação em laboratório (Figura 1 baseada em Maliska (1995)).

Os métodos analíticos e numéricos são métodos teóricos, pois ambos tem como objetivo resolver equações diferenciais que explicam os fenômenos. A diferença está apenas na complexidade da equação que cada método consegue resolver. O método de experimentação em laboratório é o mais próximo da realidade, pois de fato se trata da configuração real, porém está associado a grandes custos e uma super estrutura que, nem sempre, consegue atacar todos os problemas (e.g. escalas oceânicas).

No caso de soluções numéricas existem dois tipos de erros que podem estar presentes: aqueles referentes à má solução das equações diferenciais e aqueles referentes à não adequação das equações diferenciais para resolver o problema proposto. Ou seja, esses métodos só serão adequados e confiáveis quando se está em posse de um método numérico que resolva corretamente as equações diferenciais e de um modelo matemático que, sabidamente, represente com fidelidade o fenômeno físico. Independente dos possíveis erros associados, os ganhos advindos das técnicas de soluções numéricas e analíticas é muito alto quando comparado aos custos de técnicas experimentais. Além disso é ampla a aceitação destes métodos para a solução desses tipos de equações devido à grande versatilidade e relativa simplicidade de aplicação dessas técnicas (MALISKA, 1995).

No caso da mecânica dos fluidos já existe um consenso a respeito da validade das leis que as descrevem e, portanto, assume-se que os modelos matemáticos estão livres de erros ou que estes podem ser menosprezados na solução geral. Entretanto, estes modelos matemáticos validados são compostos de equações diferenciais parciais não lineares que, em geral, não possuem soluções analíticas ou fechadas, a não ser em casos extremamente simplificados. Portanto, para o caso da mecânica de fluidos complexos as solução numéricas são as mais adequadas. Quando os modelos matemáticos passam a ser discretizados e resolvidos através de métodos numéricos eles recebem a denominação específica de dinâmica de fluidos computacionais (KUNDU et al., 2012).

Apesar de serem consideravelmente precisas é necessário ter consciência que as soluções numéricas são, inexoravelmente, inexatas. Existem dois erros introduzidos ao se utilizar os métodos numéricos na solução de um problema. Um deles ocorre devido à limitação de armazenamento de informação que os computadores digitais possuem, denominados erros de arredondamento. O segundo tipo de erro é introduzido pelo próprio método numérico que, ao se utilizar aproximações para encontrar a solução numérica, acaba gerando os erros de truncamento. Juntos, os dois erros constituem o erro total da solução numérica, que é, basicamente, a diferença entre a solução verdadeira (exata, e que é desconhecida) e a solução numérica aproximada (GILAT; SUBRAMANIAM, 2008).

Inicialmente, soluções numéricas eram muito custosas computacionalmente e modelos analíticos (bastante simplificados) e experimentais eram as únicas ferramentas que os cientistas

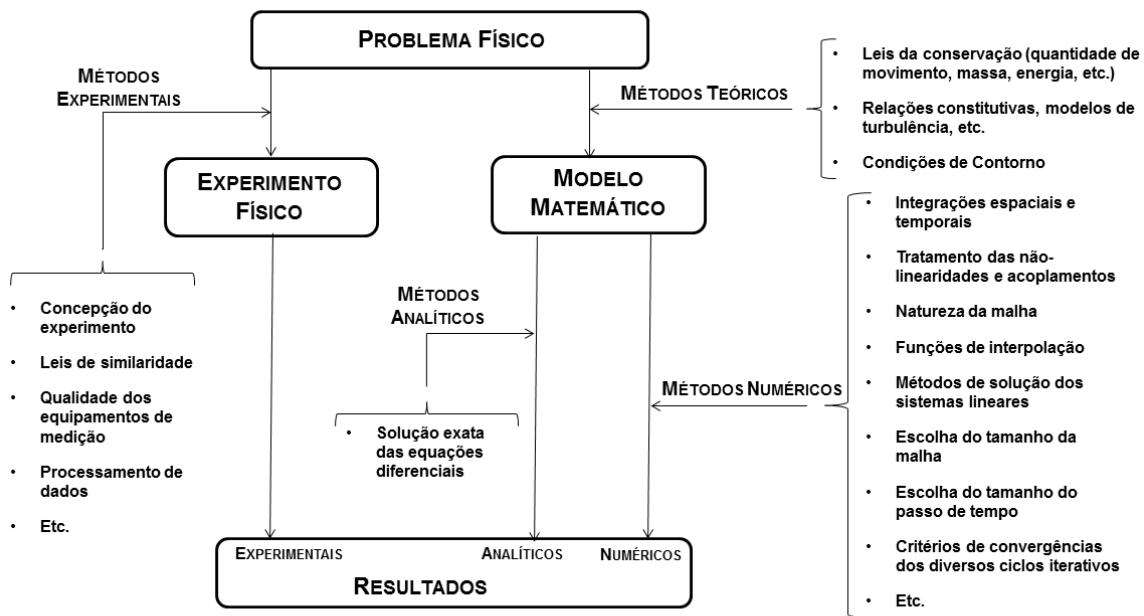


Figura 1 – Métodos de solução para um problema físico. Fonte: Maliska (1995)

podiam contar para o entendimento dos fenômenos físicos. Com o avanço computacional ocorrido nas últimas décadas, as barreiras computacionais que tornavam custosas as soluções para a resolução dos métodos numéricos se tornaram muito pequenas comparadas aos ganhos potenciais. A solução de escoamento turbulento supersônico em um aerofólio com os computadores da década de 60 consumiria um tempo de computação de aproximadamente 30 anos com um custo de 10 milhões de dólares. O mesmo problema com os computadores atuais requer minutos e custo na ordem de centenas de dólares (MALISKA, 1995). Dessa forma, a modelagem numérica permite não apenas resolver as equações que descrevem os fenômenos físicos mas também se constitui uma ferramenta para experimentos relativos aos processos que interagem e compõe as características observadas nos oceanos.

Modelos numéricos de áreas costeiras foram desenvolvidos desde o começo da década de 80, mas apenas na década de 90 que grandes institutos europeus conseguiram aprimorar os primeiros modelos e desenvolveram os modelos robustos e de código flexível que ainda são utilizados hoje em dia como o Delft3D (Deltares), Mike21 (*Danish Hydraulic Institute*) e Telemac (*Laboratoire Nationale d'Hydraulique*). Hoje em dia, diversos modelos estão disponíveis para utilização e muitos são gratuitos e de código aberto, o que facilita seu uso e dispersão. Inúmeros são os trabalhos na área da oceanografia que fazem uso dessa ferramenta que se tornou fundamental os estudos na área (ROELVINK, 2012).

A tarefa do método numérico, portanto, é resolver uma ou mais equações diferenciais, substituindo as derivadas existentes na equação por expressões algébricas que envolvem a(s) função(ões) incógnita(s). Quando escolhe-se fazer uma aproximação numérica da equação diferencial, aceitamos ter a solução para um número discreto de pontos de forma que, quanto maior for este número de pontos, mais próxima da solução exata será a solução aproximada (MALISKA, 1995). O conjunto de pontos onde a solução será calculada é denominado grade numérica ou malha numérica.

As grades numéricas podem ser construídas de maneiras estruturadas ou desestruturadas. As grades estruturadas são geralmente aquelas cujo formato é retilíneo ou curvilíneo, mas cuja forma principal é o retângulo como apresentado na figura 2. Grades não estruturadas ou desestruturadas são aquelas tipicamente construídas através de triângulos (Figura 3), mas também

podem se basear em composição de quadriláteros. Em grades estruturadas normalmente são utilizados métodos de diferenças finitas, enquanto em grades não estruturadas são utilizados métodos de elementos finitos ou volumes finitos (ROELVINK, 2012).

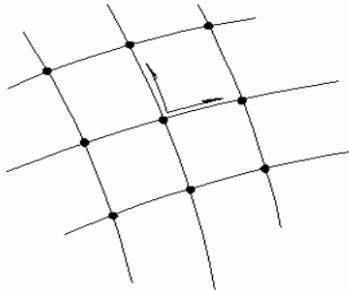


Figura 2 – Exemplo de grade numérica estruturada

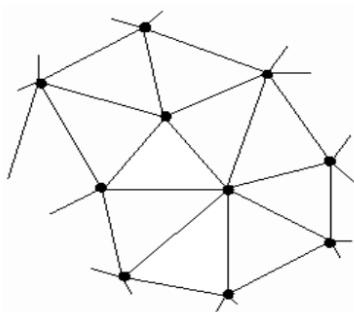


Figura 3 – Exemplo de grade numérica desestruturada

Tradicionalmente, o método de diferenças finitas é mais popular nos modelos costeiros, principalmente pela facilidade dos seus conceitos e sua eficiência no cálculo célula-a-célula. Já os métodos de elementos finitos são bem mais complicados matematicamente e costumam ser mais lentos nos cálculos célula-a-célula mas conseguem facilmente cobrir áreas com grandes diferenças em escala de tamanhos (ROELVINK, 2012). O Delft3D utiliza o esquema de diferenças finitas baseados na expansão em séries de Taylor onde tem-se que:

$$F(x + \Delta x) = F(x) + \Delta x F'(x) + \frac{\Delta x^2}{2!} F''(x) + \dots = \sum_{n=0}^{\infty} \frac{\Delta x^n}{n!} F^n(x) \quad (2.2)$$

Então o cálculo da primeira derivada através do método das diferenças finitas é dado por:

$$F'(x) = \frac{F(x + \Delta x) - F(x)}{\Delta x} + O(\Delta x) \quad (2.3)$$

Onde $O(\Delta x)$ é o erro de truncamento introduzido pelo método cuja ordem de magnitude é de Δx . Se aplicarmos esse método na equação da onda 1D dada por:

$$\frac{\delta u}{\delta t} + c \frac{\delta u}{\delta x} = 0 \quad (2.4)$$

Podemos obter a equação discretizada da equação da onda 1D:

$$\frac{u_i^{n+1} - u_i^n}{\Delta t} + c \frac{u_i^n - u_{i-1}^n}{\Delta x} = 0 \quad (2.5)$$

Com erros de truncamento na ordem de Δx e Δt .

Os sistemas de equações formados por todas as sete equações básicas discretizadas pode ser resolvido de dois modos, basicamente: de forma implícita ou de forma explícita. Em métodos

implícitos, todo o sistema de equações é calculado simultaneamente já que todos os valores do passo de tempo atual são desconhecidos com exceção das fronteiras. Esse cálculo pode ser feito através de inversão de matriz (totalmente implícito) ou de métodos iterativos (parcialmente implícito). No caso dos métodos explícitos, as variáveis no tempo atual são baseadas em valores conhecidos do passo de tempo passado, o que é consideravelmente mais simples. Em geral métodos implícitos demoram mais por passo de tempo, mas conseguem trabalhar com passos de tempo maiores porque não há um limite fixo de estabilidade. Já no caso de métodos explícitos existe pouco esforço computacional por passo de tempo, mas o critério CFL deve ser seguido para garantir estabilidade (MALISKA, 1995; ROELVINK, 2012). É importante ressaltar que processos que demandam iteração podem acumular erros de arredondamento que também podem desestabilizar a solução.

No caso de modelos costeiros, os modelos Delft3D e Mike21 utilizam-se de esquemas implícitos enquanto modelos como ROMS e o XBeach usam esquemas explícito de soluções.

Os modelos, em geral, podem apresentar problemas de convergência, onde a solução numérica não é estável. A condição descrita pelos autores Richard Courant, Kurt Friedrichs e Hans Lewy deu origem a todos os fundamentos necessários para as condições de convergência de qualquer esquema numérico e passou a ser conhecida como condição CFL (FORTUNA, 2000).

A ideia básica da condição de Courant-Friedrichs-Lowy (CFL) é que a solução das equações de diferenças finitas não pode ser independente dos dados que determinam a solução das equações diferenciais parciais associadas, ou seja, as partículas de fluido calculadas não podem se mover mais do que um espaçamento de grade em um passo de tempo. A condição CFL é uma condição necessária para a estabilidade do modelo, porém não suficiente.

Os métodos numéricos, por suas características intrínsecas, geram um efeito semelhante ao de difusão com suavização de gradientes, mesmo quando o cálculo inclui unicamente componentes advectivas. Esse é um efeito puramente numérico, denominado difusão artificial, difusão falsa ou difusão numérica. Conforme o CFL é reduzido, o efeito de difusão numérica também é (FORTUNA, 2000). A figura 4 apresenta o resultado final da equação da onda 1D para duas diferentes condições CFL. A fronteira foi imposta como 1 invariavelmente, mas nota-se o efeito de difusão numérica ocorrendo em maior ou menos escala, dependendo da condição imposta.

$$CFL = \frac{C\Delta t}{\Delta x}, C \approx \sqrt{gh} + u \quad (2.6)$$

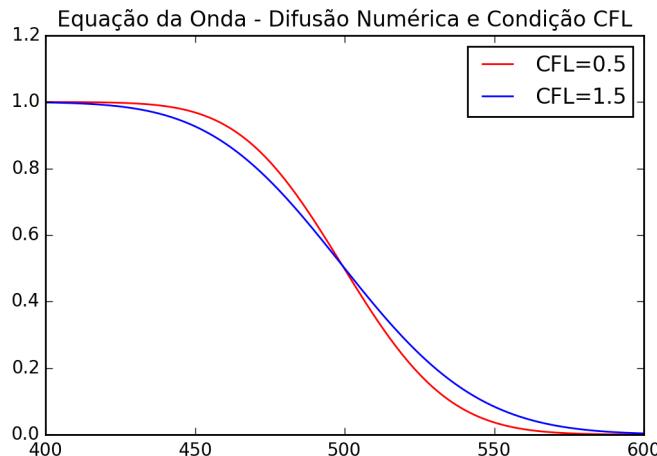


Figura 4 – Difusão numérica em diferentes condições de CFL em um problema da equação da onda 1D com condição de fronteira invariavelmente igual a 1.

2.3 ÁREA DE ESTUDO

No contexto das zonas costeiras as praias de enseadas (*headland-bay beaches*) representam quase 51% das linhas de costa do mundo. Estas são características em regiões rochosas associadas com topografias montanhosas e cujas dimensões podem variar dependendo da topografia pré-existente parcialmente afogada durante a transgressão holocênica. Tipicamente possuem um formato assimétrico caracterizado por uma área curva denominada zona de sombra, uma área parcialmente curva transicional e uma região reta alinhada ao clima de ondas predominante (SHORT; MASSELINK, 1999).

A Enseada do Itapocorói está localizada no litoral centro-norte de Santa Catarina e engloba os municípios de Piçarras, Penha e Barra Velha (Figura 5). A enseada se enquadra na característica típica de uma praia de enseada, com uma área sombreada, protegida por um costão rochoso (Ponta da Penha) no formato de uma espiral e uma área mais exposta na direção das ondulações predominantes.



Figura 5 – Localização da Enseada do Itapocorói

O principal município que constitui a enseada é a Praia de Piçarras, que possui 8 km de extensão, sendo delimitada ao norte pelo promontório de Itajuba e ao sul pela foz do rio Piçarras. Do rio Piçarras até a Ponta da Penha, esta parte do município de Penha. A praia de Piçarras tem orientação de 157 a 337° com altura de quebra de onda (Hb) de 0,4 m e período de 7 segundos (KLEIN; MENEZES, 2001).

Grande parte da economia local advém do turismo. Na maior parte do mundo, praias são o principal atrativo turístico da costa sendo que boa parte da economia de países desenvolvidos ou em desenvolvimento dependem desse tipo de turismo (KLEIN et al., 2009). No Balneário Piçarras esta tendência é bastante significativa. Em 2010 cerca de 17 mil pessoas residiam permanentemente na cidade (IBGE, 2015), porém estima-se que apenas nos primeiros três meses de 2010, mais de 133 mil turistas estiveram no município de Piçarras (Tabela 1) com uma receita estimada de mais de 62,5 milhões de reais (Tabela 2). Também verifica-se que o turismo representa mais de 50% dos motivos de viagem (SANTUR, 2012) e os atrativos naturais aparecem como o grande motivador turístico da região (Tabela 3).

Tabela 1: Movimento estimado de turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)

Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Nacionais	60.123	54.682	16.774
Estrangeiros	323	1.066	60
Total	60.446	55.748	16.834

Tabela 2: Receita estimada em reais para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)

Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Nacionais	33.376.245,70	22.339.482,46	5.299.255,48
Estrangeiros	323.000,00	1.205.400,04	75.000,00
Total	33.699.245,70	23.544.882,50	5.374.255,48

Tabela 3: Principais atrativos turísticos considerados pelos turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)

Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Atrativos Naturais	53,27%	55,91%	39,08%
Manifestações Populares	27,54%	30,97%	52,11%
Tratamento de Saúde	16,03%	12,86%	6,51%
At. Históricas e Culturais	2,48%	-	1,53%

Tabela 3: Principais atrativos turísticos considerados pelos turistas para os três primeiros meses de 2010 no município de Piçarras. Fonte: SANTUR (2012)

Origem	Janeiro	Fevereiro	Março
Entretenimento	0,23%	-	0,39%
Compras	0,23%	-	0,38%
Religião/Peregrinação	0,22%	-	-
Visita a Amigos e Parentes	-	0,26%	-
Total	100,0%	100,0%	100,0%

Principalmente por conta desse atrativo turístico, a Enseada sofreu o mesmo processo acelerado de urbanização que o litoral centro-norte catarinense passou, em especial nos últimos 30 anos. Nesse período, houve um incremento populacional considerável e com pouca atenção, por parte das autoridades locais, aos processos costeiros que fazem parte da dinâmica da região (KLEIN et al., 2006). A praia de Piçarras, região sul da Enseada e local das maiores taxas de desenvolvimento urbano, sofre com um grande problema erosivo (Figura 6) e vem sendo constantemente estudada em busca de formas de mitigá-lo (HEUVEL et al., 2008; ARAUJO et al., 2010; FREITAS et al., 2010; ALMEIDA, 2013; RIBEIRO, 2014).



Figura 6 – Efeitos da erosão em Piçarras. Fonte: Maciel (2010)

A população local afirma que os problemas erosivos começaram a ocorrer na década de 70, quando a desembocadura do rio Piçarras foi fixada (KLEIN et al., 2009). Diversas intervenções tem sido feitas para solucionar o problema erosivo, como a construção de espigões (1989 e 1994) e o engordamento praial (1999 e 2008) mas ambos os métodos não se apresentaram efetivos para a solução do problema no longo prazo (ALMEIDA, 2013). Na figura 7 pode-se observar na parte inferior direita a fixação da barra do rio Piçarras por dois espigões e na parte superior esquerda a presença de um espigão para retenção de sedimentos. Nota-se claramente na figura que determinadas partes da praia se apresentam muito menos extensas que outras e que as ondas continuam a chegar em ângulo na praia.

Araujo et al. (2010) verificaram um perfil erosivo ao longo de toda a praia, mas foi observado que o sedimento removido da parte sul não estava sendo depositado na mesma proporção na direção da deriva litorânea. A principal zona de erosão, identificada como uma zona de erosão acentuada (ZEA), se situa cerca de 500 m na parte ao norte da desembocadura do Rio Piçarras. Os valores de taxa de erosão chegaram a $-14 \text{ m}^3/\text{m}/\text{ano}$ na região mais crítica da praia entre os anos de 1998 e 2008.

Masselink e Short (1993) propuseram uma relação entre a altura de onda e a variação de maré para avaliar a predominância de um outro ou de outro em praias denominada *Relative Tidal Range* (RTR). Klein e Menezes (2001) verificaram que, em Piçarras, o RTR é de 2,02, o que indica que a praia é tipicamente dominada por ondas. Isso se deve ao fato de que toda a região sul do Brasil apresenta regimes de micromarés, principalmente pela influência de um ponto anfídrômico localizado aproximadamente em 33°S e 46°W. Na Enseada, a altura média da maré é de cerca de 0,8 m, com máximas de 1,2 m na sizígia e 0,3 m na quadratura, sendo classificada como regime de micro-maré semi-diurno (SCHETTINI et al., 1999). No entanto, análises feitas pelo Instituto de Hidráulica Ambiental da Cantábria indicaram que a maré pode alcançar 1,83 m (ALMEIDA, 2013). Dados da estação maregráfica da UNIVALI indicam que



Figura 7 – Imagem do Google Earth da Praia de Piçarras de 18 de Setembro de 2015. Fonte: Google Earth

também existe a presença de seiches em frequências sub-horárias (SCHETTINI et al., 1999).

Devido ao regime de micromarés do sul do país, as marés meteorológicas passam a ter uma grande importância na dinâmica local. Parise et al. (2009) verificaram que entre Junho de 2006 e Julho de 2007, 23 eventos de marés meteorológicas foram registrados na praia do Cassino, extremo sul do Brasil. As marés meteorológicas alcançaram, em média 1 m de elevação com uma medição máxima de 1,9 m. Os autores também verificaram que ventos de sudoeste estiveram presente em 70% dos casos de sobreelevação. É importante citar que os autores também verificaram que as maiores erosões costeiras eram provenientes de marés meteorológicas com maior duração e não com maior elevação. Esse resultado reforça a importância de estudos de longo prazo para avaliação do efeito cumulativo na dinâmica praial.

As principais forçantes do regime de corrente na Enseada são a maré e o vento, porém ficando em velocidades baixas, usualmente inferiores a $0,1m.s^{-1}$ (SCHETTINI et al., 1999). Estudos anteriores verificaram que a circulação local é, no entanto, muito mais influenciada pelos regimes de vento do que pela maré e esta só passa a ser dominante no caso de ventos fracos ou ausentes (SCHETTINI et al., 1999; LEITE et al., 2011). Leite et al. (2011) encontraram a presença de dois vórtices gerados dentro da Enseada com direções variando conforme o sentido do vento (sentido horário em ventos de NE e anti-horário em ventos de S e SO) e com pouca influência da maré.

O litoral de Santa Catarina é submetido regularmente à passagem de frentes frias, normalmente com trajetória sudoeste para nordeste que afetam todo o litoral da América do Sul. O ar frio é trazido pela aproximação de anticiclones que se deslocam sobre a Argentina e avançam sobre o Brasil (MONTEIRO, 2001). Rodrigues et al. (2004) verificaram que em 10 anos, 429

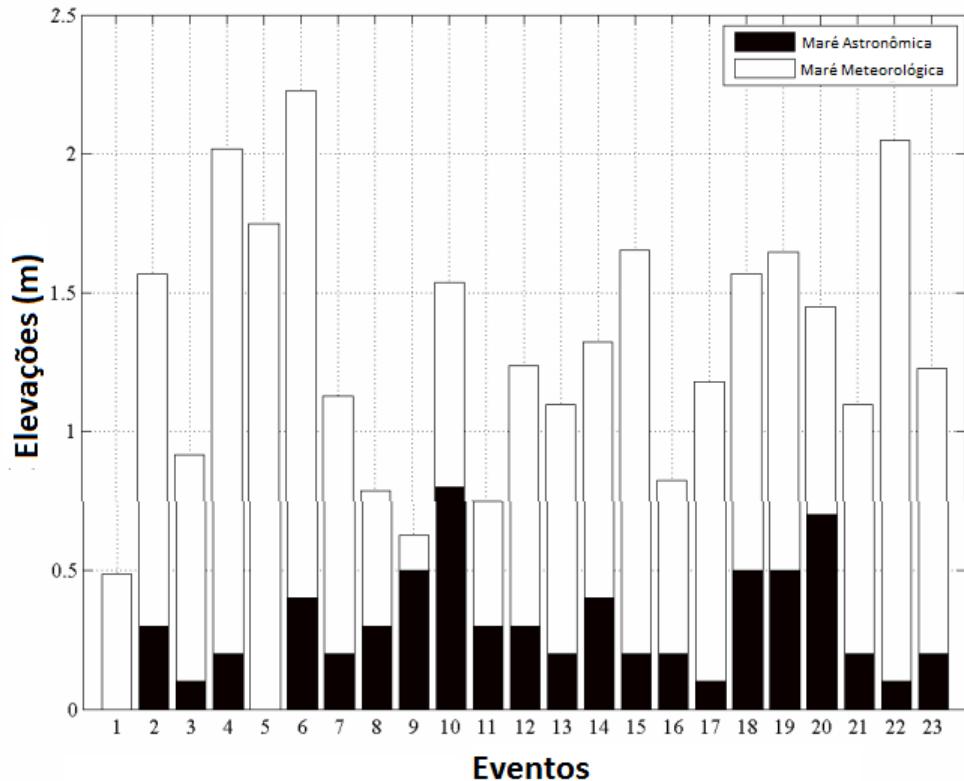


Figura 8 – Máxima elevação do nível do mar causada por marés meteorológicas e astronômicas.
Fonte: Parise et al. (2009)

frentes frias puderam ser identificadas em Santa Catarina com uma média de 3 a 4 frentes ocorrendo em todos os meses do ano. Entretanto, os autores também verificaram que existe uma leve tendência de aumento das frentes frias na primavera (cerca de 30% das ocorrências, com uma média de 12,6 frentes frias). O intervalo médio entre duas passagens consecutivas de frentes é de 8 dias, porém mais de 50% das frentes frias atingem o litoral catarinense entre 3 a 8 dias.

As ondulações também são bastante importantes na região, especialmente no setor norte. Devido ao posicionamento abrigado, a parte sul da Enseada é protegida das ondulações mais energéticas provenientes do quadrante S, permanecendo na maior parte do tempo sujeita à ondulações de NE com alturas modestas e períodos inferiores a 8 s (SCHETTINI et al., 1999).

Ribeiro (2014) avaliou dados de ADCP coletados entre agosto e setembro de 2011 e notou uma ausência de ondulações provenientes de NE durante este período. O autor encontrou períodos de pico oscilando entre 12 s, referentes a ondas mais longas de sudeste, e 8 s, referentes a ondas geradas mais próximo da costa, associadas à direção E.

Ramirez (2010) encontrou que as correntes exibem o mesmo comportamento tanto em ondas de altura média como extrema e variam apenas em intensidade. A autora descobriu também que correntes são quase nulas quando as ondulações são oriundas de S e que ondas incidentes de ESE e ENE tem as menores intensidades daquelas vindas do quadrante E, principalmente devido à orientação da praia.

Muitos estudos realizados na Enseada do Itapocorói focaram no estudo da morfodinâmica local (KLEIN; MENEZES, 2001; ARAUJO et al., 2010; RAMIREZ, 2010; OLIVEIRA, 2013), no padrão de ondas (RIBEIRO, 2014) e no estudo de perigos costeiros e evolução da linha de costa (FREITAS et al., 2010; SILVA, 2012). Estes estudos foram estimulados pelo grande problema erosivo que a enseada apresenta bem como pela característica de predominância dos efeitos de onda na região. Entretanto, em praias de enseada a dinâmica é dominada por ondas em períodos curtos, como

alguns estados de mar ou tempestades (SILVA et al., 2010) porém a circulação residual gerada pela maré e/ou vento pode ter um efeito cumulativo no longo prazo (BROWN et al., 2010). Dessa forma, visando complementar os estudos anteriores, o presente trabalho pretende atuar no estudo de padrões residuais na enseada, tomando o trabalho de Leite (2009) e Leite et al. (2011) como referência principal da dinâmica da região. Almeja-se que este estudo contribua para a compreensão do tempo de recirculação, que pode contribuir para a maricultura local, bem como contribua para o conhecimento das dinâmicas de longo período da região.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Dado os objetivos propostos pelo presente estudo, a figura 9 apresenta o fluxograma da metodologia a ser aplicada para que estes sejam alcançados.

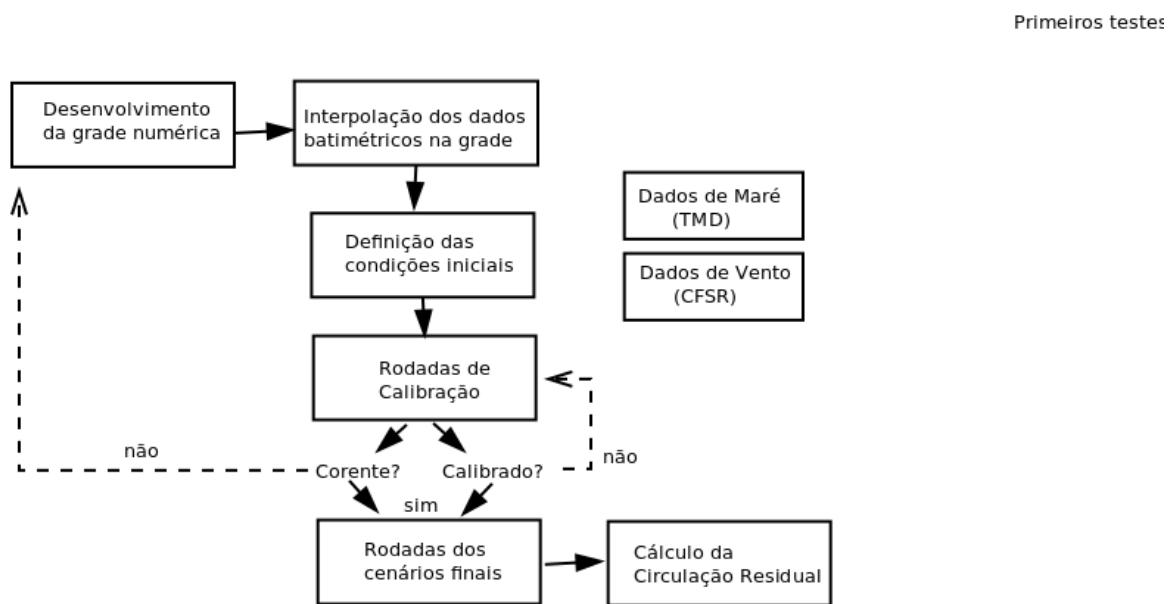


Figura 9 – Fluxograma da metodologia a ser aplicada.

A primeira etapa foi desenvolver uma grade numérica e interpolar a batimetria em ambas. Concomitantemente, serão avaliados os dados de ADCP que serão usados para a calibração do modelo. O objetivo dessas análises é avaliar a consistências dos dados, compreender melhor o comportamento encontrado e desenvolver análises estatísticas que permitam melhor representar os resultados encontrados.

Os dados de entrada foram utilizados como forçantes do modelo foram dados de maré do TPXO e dados de vento do CFSR/NCEP. Detalhes sobre cada um dos dados utilizados como forçante serão descritos nas seções que seguem. O resultado desse modelo será comparado com os dados medidos pelo ADCP, para avaliar a acurácia do modelo. Esse processo é denominado calibração e assume-se que, quanto menor a diferença entre o dado modelado e medido, melhor é o modelo (WAVEREN et al., 2010). Dessa forma, ao se atestar a confiabilidade dos dados em um ou mais pontos, assume-se que os processos reproduzidos em todo o domínio foram corretamente reproduzidos de forma a gerar resultados coerentes naquele(s) ponto(s) e, portanto, que o modelo está adequado, dentro de suas limitações, a reproduzir a dinâmica da área de interesse.

Os erros entre os dados simulados e os dados medidos podem existir por diversos problemas: erros conceituais nas simplificações assumidas pelos modelos, parâmetros inadequados, erros de forçantes ou problemas de aquisição dos dados medidos. Dessa forma, a ideia geral da calibração é modificar parâmetros que possam otimizar os resultados do modelo, testá-los, e avaliar os resultados. Esse é um processo iterativo e deve ser realizado até que o valor de erro esteja dentro de um limite aceitável (WAVEREN et al., 2010).

Após a obtenção de um modelo calibrado, serão realizadas rodadas com as configurações finais. Serão feitos esquemas conforme descrito em Brown et al. (2010), onde o modelo será rodado em uma condição "simples" (apenas com maré) e outros serão rodados com diferentes forçantes associadas, de forma a avaliar a contribuição de cada uma. Para isso, a condição "simples" será subtraída daquelas com as forçantes. O resultado encontrado será comparado àqueles obtidos através das análises dos dados de ADCP. Finalmente, será feito um balanço de momento e vorticidade e definidos os parâmetros ambientais mais relevantes para a Enseada

do Itapocorói.

3.1 DADOS MEDIDOS

Os dados utilizados na calibração do modelo foram coletados pelas equipes da Coastal Planning & Engineering do Brasil (CPE) e o Laboratório de Oceanografia Costeira (LOC) da Universidade Federal de Santa Catarina no período de 19/08/2011 a 22/09/2011, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ_CTTanArea 22/2008, Proc. No. 575008/2008-3).

Foram coletados dados de temperatura, nível, corrente e ondas com equipamentos do tipo *Acoustic Doppler Current Profiler* (ADCP). Os equipamentos do tipo ADCP utilizam-se do efeito Doppler para avaliar a direção e a velocidade das correntes com base na modificação de um sinal sonoro de alto frequência ao ser refletido em partículas suspensas do fluido em movimento. O ADCP consegue avaliar essa diferença de velocidade entre o pulso emitido e o refletido em diferentes intervalos de profundidade, denominado células. A suposição básica desse método é que as partículas em suspensão deslocam-se com a mesma velocidade do fluxo de água (MÖLLER; ABE, 2011). De forma simples e geral, a velocidade é dada por:

$$F_D = -2F_s \frac{V}{c}$$

onde,

F_d é a mudança na frequência de transmissão;

V é a velocidade relativa entre a fonte e o alvo;

c é a velocidade de propagação do som;

F_s é a frequência de transmissão do som.

Os ADCPs podem ser usados basicamente de duas formas: da forma estática, onde são feitas medições eulerianas de dados e o equipamento é instalado em pilares, pontes ou são fundeados ou de forma dinâmica quando o mesmo é instalado no caso de uma embarcação. Quando instalados da forma dinâmica se faz necessário um sistema rastreador do fundo (*bottom tracking*) para descontar a velocidade da embarcação.

Foram instalados três ADCPs na região da Enseada do Itapocorói em ponto fixos, de forma a se obter uma medição euleriana de dados (Figura 10). Os ADCPs foram dispostos em diferentes níveis de exposição às ondulações mais intensas de sul: abrigado (ST001), semi-exposto (ST002) e exposto (ST003) de acordo com as coordenadas dispostas na tabela 4 e no mapa da figura 10.

Tabela 4: Localização dos equipamentos

Equipamento	Latitude	Longitude
ST001	26° 46' 5.79"S	48° 39' 15,58"W
ST002	26° 45' 51,74"S	48° 39' 42,37"W
ST003	26° 42' 18,36"S	48° 36' 56,70"W

Os equipamentos foram fundeados voltados para cima (*upward-looking*) e configurados para adquirirem informações com intervalos de 30 minutos. As medições de pressão (nível)

e temperatura foram coletadas de forma instantânea (medidas pontuais) enquanto que as medições de corrente são resultados de uma média de 5 minutos de aquisição. Para a medição de ondas os dados foram coletados a cada 1 hora durante 20 minutos, numa taxa de aquisição de 4 Hz (0,25 s) no ST001 e ST002e 2 Hz (0,5 s) no ST003.

Os dados passaram por todo o processo de análise de consistência descritos em Ribeiro (2011) e obtiveram uma taxa de recuperação dos dados acima de 96% para todos os parâmetros coletados (corrente, onda, temperatura e pressão) nos 3 ADCPs. Os dados já foram usados nos trabalhos de Ribeiro (2014) e Oliveira (2013) e podem ser considerados de ótima qualidade para utilização no presente trabalho.

Entretanto, como foi exposto, durante as medições alguns dados não puderam ser coletados e, portanto, as séries temporais continham interrupções. Interrupções em séries temporais tornam-as muito complexas para utilização sem um tratamento prévio. Dado que a quantidade de dados faltantes era esparsa, representava menos de 5% da série temporal e estavam igualmente espaçados, escolheu-se utilizar uma interpolação linear simples para suprir os dados que não foram medidos. A figura 13 apresenta um exemplo dos dados medidos e da quantidade de dados faltantes no ST001.

Além dos dados desses 3 ADCPs, também foram cedidos gentilmente dados de maregrafia coletados em Penha durante mais de 1 ano (entre Outubro de 1995 e Dezembro de 1996). Estes dados não serão usados para a calibração do modelo, mas serão analisados e comparados com os dados do ADCP para melhor compreensão da hidrodinâmica local.

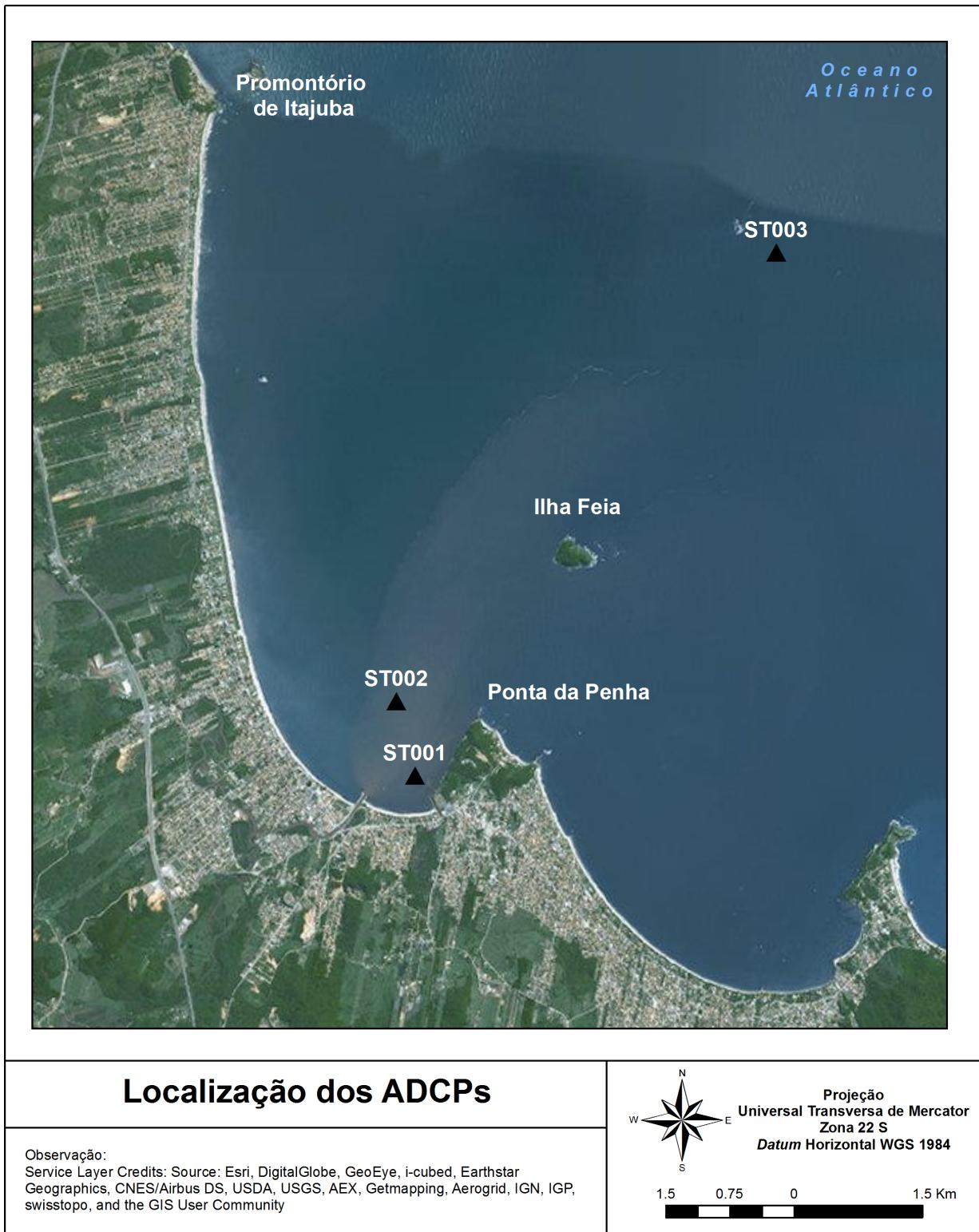


Figura 10 – Localização das coletas de dados através de ADCPs.

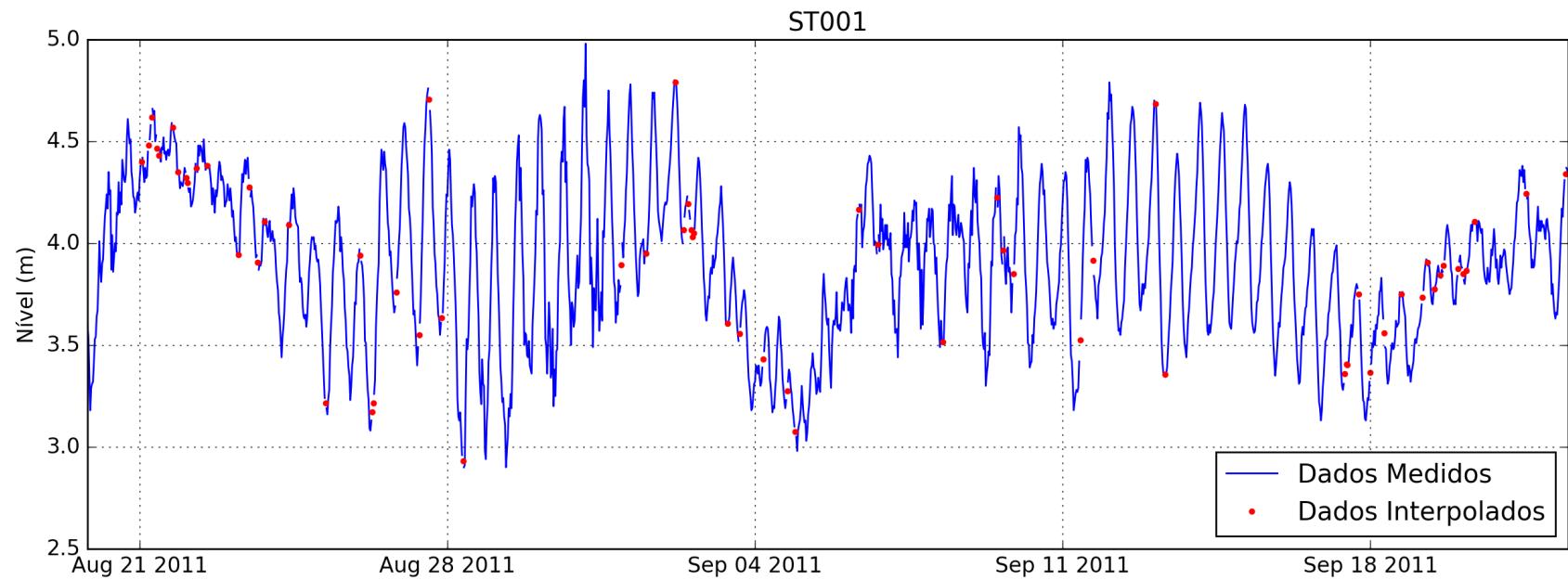


Figura 11 – Dados medidos no ADCP ST001. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidas pelo ADCP

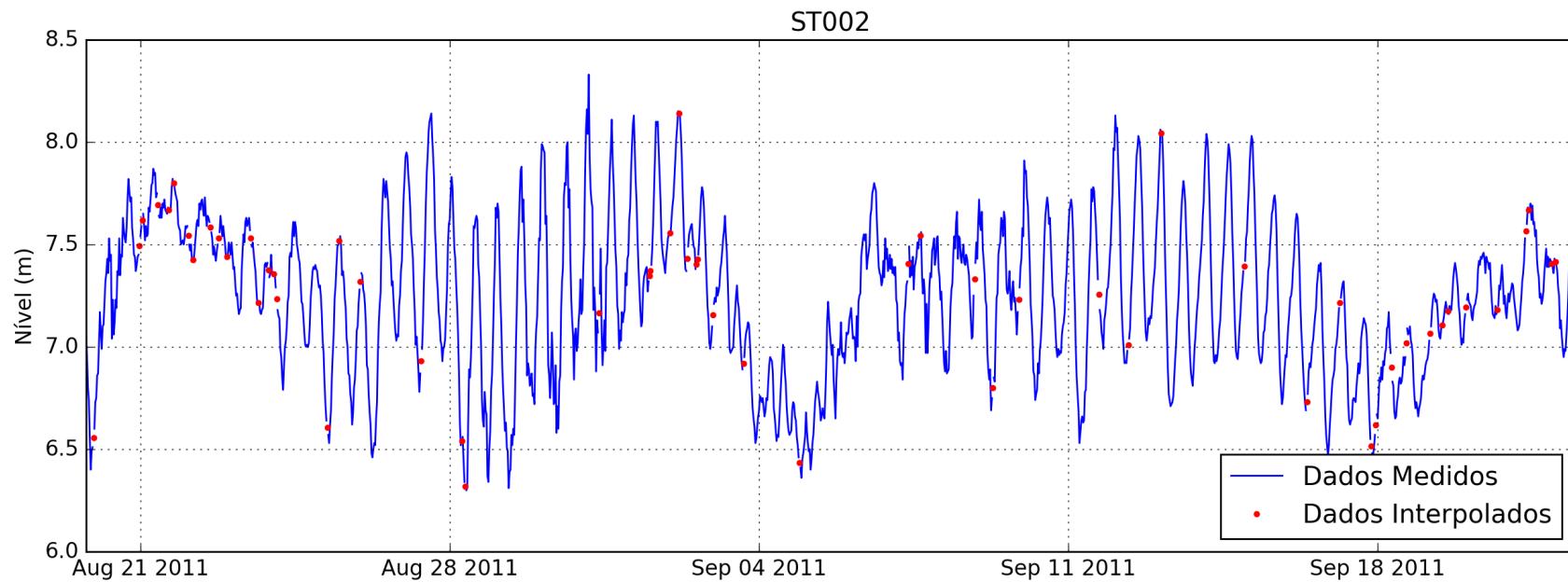


Figura 12 – Dados medidos no ADCP ST002. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP

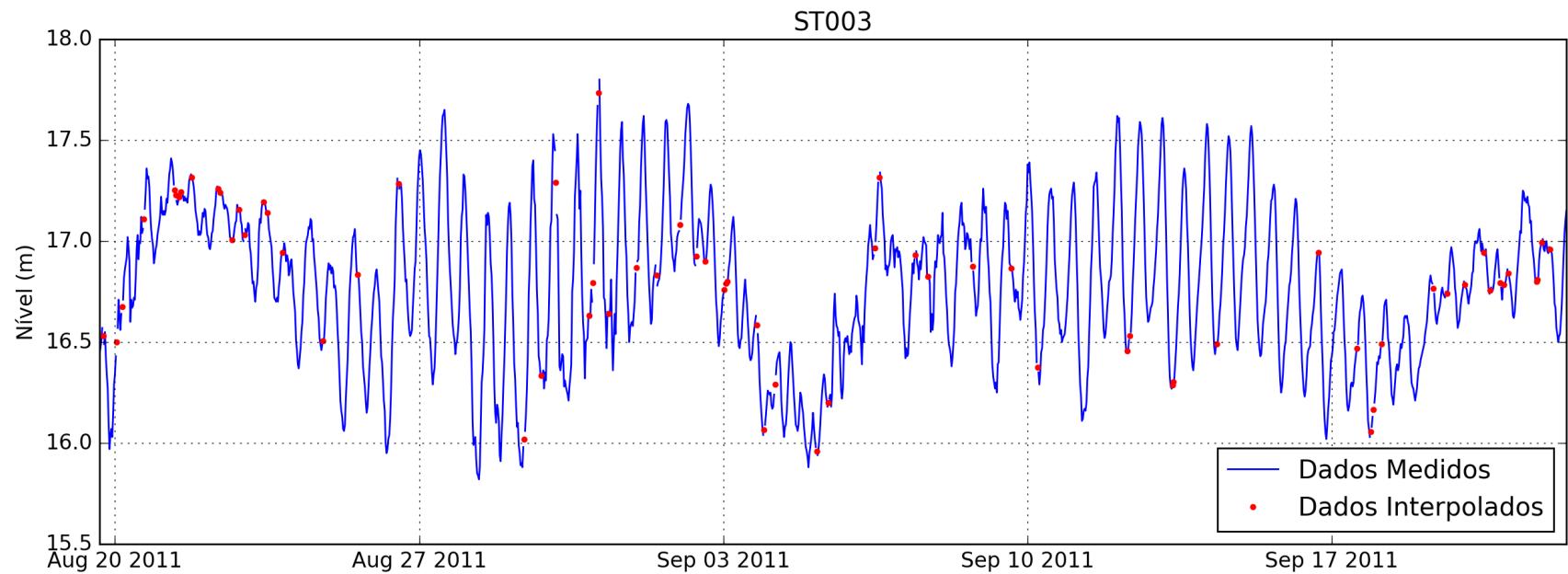


Figura 13 – Dados medidos no ADCP ST003. Pontos em vermelho indicam que os dados foram obtidos através de interpolação linear e os dados em azul são dados medidos pelo ADCP

3.2 MODELO NUMÉRICO

3.2.1 DELFT3D-FLOW

O Delft 3D é um modelo numérico desenvolvido pela WL Delft Hydraulics em cooperação com a Universidade de Delft de Tecnologia e constitui um avançado sistema integrado de modelos numéricos adequado para estudos multidisciplinares de sistemas complexos como processos costeiros, rios e áreas estuarinas. O modelo possui diversos módulos que podem ser acoplados para gerar simulações de fluxo, transporte de sedimento, geração e propagação de ondas curtas, qualidade de água, evolução morfológica e ecologia (DELTARES, 2014). No cerne do Delft3D está o módulo FLOW, que faz as computações hidrodinâmicas.

O módulo Delft3D-FLOW é um módulo para simulações hidrodinâmicas e de transporte. Este calcula fluxos não estacionários e fenômenos de transporte que são resultados de forçantes mareais e meteorológicas em grades complexas, retilíneas e curvilineares. Este módulo inclui diversos processos como cisalhamento de vento (wind shear), forçantes de onda, forçantes de maré, fluxos gerados por densidade, estratificação por gradientes de salinidade e/ou temperatura, modificações de pressão atmosférica entre outros, o que o faz capaz de ser aplicado em uma grande gama de situações costeiras (LESSER et al., 2004). É um dos modelos mais utilizados na atualidade, tendo sido aplicado em uma gama de estudos hidrodinâmicos (HU et al., 2009; HU; DING, 2009; LEONARDI et al., 2013; HORSTMAN et al., 2013).

O modelo utiliza-se de equações de águas rasas não-estáveis (unsteady) em duas (integrais na vertical) ou três dimensões. O sistema de equações constiste nas equações horizontais de momentum, a equação da continuidade, a equação de transporte e o modelo de fechamento turbulento. A equação de momentum vertical é reduzida ao relacionamento de pressão hidrostática, uma vez que assume-se que as acelerações verticais são pequenas quando comparadas às acelerações gravitacionais e, portanto, não são levadas em consideração. Ele se torna, então, adequado para preferir fenômenos de transporte onde as escalas horizontal e temporal são significativamente maiores que as escalas verticais (LESSER et al., 2004).

O modelo utiliza-se, na horizontal, de um modelo tradicional e centralizado de aproximações de diferenças finitas de segunda ordem, num esquema do tipo Arakawa C (ARAKAWA; LAMB, 1977). Neste esquema, as velocidades são calculadas nas bordas da célula enquanto variáveis escalares são calculadas no centro da célula de cálculo. Dessa forma, cada uma das variáveis (u , v e zeta) tem uma matriz de coordenadas independente. A figura 14) apresenta o padrão típico de uma grade no Delft.

Cada representação inserida na figura pode ser identificada abaixo:

linhas cheias: grade numérica

área cinza: itens com os mesmos índices de grade (m, n)

$+$: localização dos parâmetros de nível, concentração de constituintes, salinidade e temperatura

$-$: localização da componente horizontal da velocidade na direção x

$|$: localização da componente horizontal da velocidade na direção y

\bullet : profundidade abaixo do nível médio do mar.

Dado que a área de estudo apresenta-se em uma região com pouca influência estuarina e constitui-se de uma área aberta, onde a coluna de água tende a ser homogênea, optou-se por utilizar a versão bidimensional (2D) do modelo.

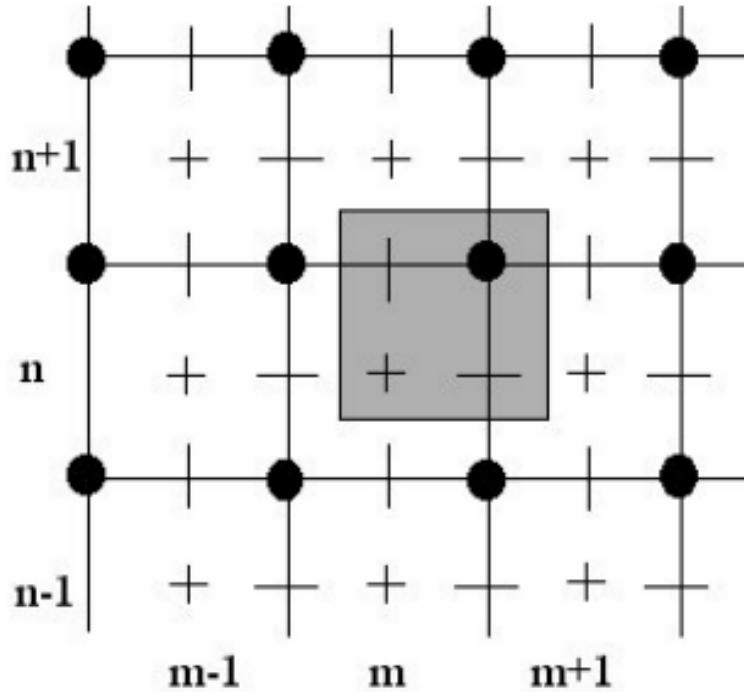


Figura 14 – Localização das variáveis calculadas em uma malha do tipo Arakawa C

3.3 FORÇANTES DOS MODELOS

3.3.1 Maré

Os dados de maré que serão utilizados para forçar o modelo hidrodinâmico serão obtidos do projeto *OSU TOPEX/Poseidon Global Inverse Solution TPXO* disponíveis em Egbert e Erofeeva (2015). O TPXO é um modelo global de marés com resolução de $1/4^\circ$ de grau (aproximadamente 28 km) que permite obter as constantes harmônicas.

Ele foi inicialmente idealizado por Egbert et al. (1994) que desenvolveram um método inverso generalizado para combinar as equações hidrodinâmicas, as quais os campos de velocidade e elevações devem atender, e dados de marés medidos e obtidos através de imagens de altimetria. Dessa forma, os autores conseguiram inserir dados de altimetria em um modelo barotrópico através da diminuição dos erros, pelo método de mínimos quadrados, entre os dados reais e as equações de águas rasas linearizada. No entanto, esse processo demandava muito tempo computacional, já que as equações deveriam ser calculadas duas vezes para cada observação (uma avançada e uma atrasada no tempo). Egbert e Erofeeva (2002) desenvolveram um método para implementar o modelo inverso generalizado de Egbert et al. (1994) de forma mais eficiente computacionalmente e este é o método usado hoje nas versões mais modernas do TPXO (7.2).

Através desse modelo é possível obter oito constituintes harmônicas principais: quatro semi-diurnas (M2, S2, N2, K2) e quatro diurnas (K1, O1, P1, Q1), duas constituintes de longo período (Mf e Mm) e três constituintes não lineares (M4, MS4, MN4). Os resultados do modelo são facilmente acessíveis através de uma interface gráfica desenvolvida em ambiente MATLAB e denominada *Tidal Model Driver* (TMD). A versão mais moderna do modelo (7.2) e o TMD estão disponibilizados gratuitamente no endereço: <http://volkov.oce.orst.edu/tides/global.html>.

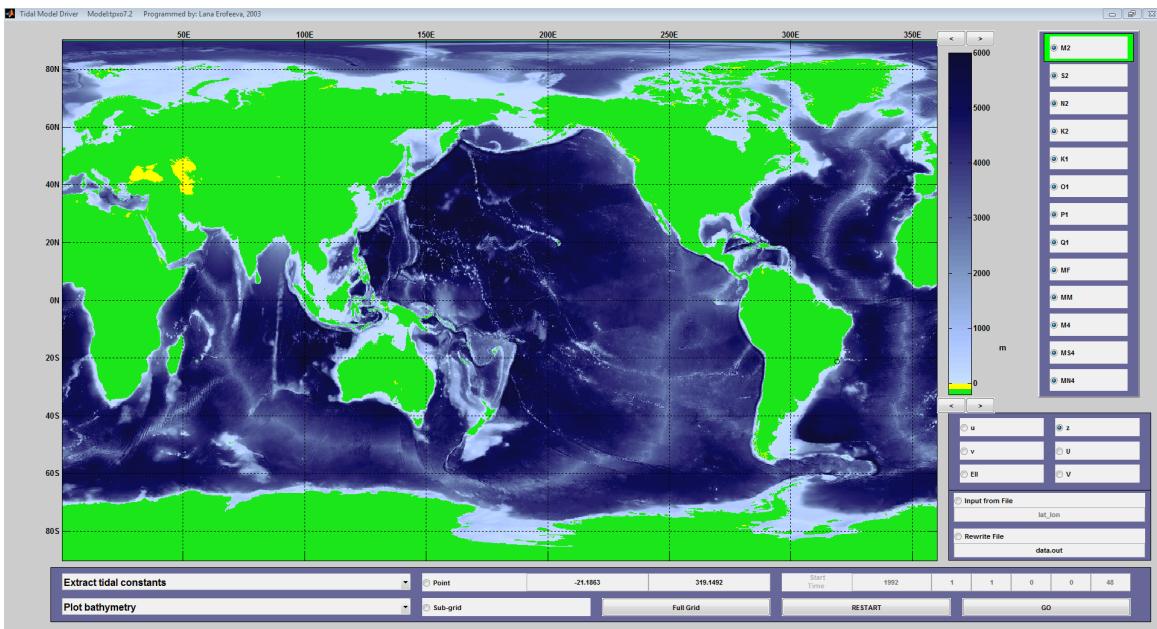


Figura 15 – Interface gráfica do TMD para obtenção das constituintes harmônicas calculadas pelo modelo TPXO

3.3.2 Vento

Para a forçante do modelo numérico os dados de ventos a serem utilizados serão obtidos do modelo de reanálise do *National Centers for Environmental Prediction (NCEP) Climate Forecast System Reanalysis* (CFSR).

O propósito geral de modelos de reanálise é produzir representações globais plurianuais acuradas de condições atmosféricas, geradas por um modelo e uma aquisição constante de dados ao sistema. Pode-se dizer que em um dado momento t é o resultado de uma curta previsão iniciada por uma análise passada ($t - \Delta t$), modificada por assimilação de dados em uma pequena janela centrada em t . Por convenção a janela Δt é de seis horas. Dessa forma, toda nova reanálise é beneficiada por todas as reanálises anteriores e os erros tem mais chances de serem descobertos e corrigidos nos resultados posteriores (SAHA et al., 2010).

O *Coupled Forecast System Reanalysis* (CFSR) é um modelo de reanálise mais recente, cuja primeira versão foi lançada em 2004, abrange o período de 1981 até 2011. Em Março de 2011, foi lançada a versão 2 do sistema, com maior resolução, com uma série de dados disponíveis a partir de 01 de Janeiro de 2011. O modelo de reanálise tem módulos de interação entre a atmosfera, os oceanos, a terra e o gelo marinho. A nova série tem resoluções horizontais de $0,2^\circ$, $0,5^\circ$, 1° e $2,5^\circ$ a cada 1 hora (SAHA et al., 2011). Para o presente modelo, serão utilizados apenas os dados referentes à segunda versão do modelo.

Os resultados estão disponíveis em intervalos de 1 hora e podem ser gratuitamente adquiridos no seguinte endereço: <http://rda.ucar.edu/datasets/ds094.1/>.

Também serão analisados os dados provenientes da Rede Meteorológica do Comando da Aeronáutica (REDEMET) registrados em diversos aeroportos pelo país, denominados METAR. Os dados estão disponíveis no endereço <http://www.redemet.aer.mil.br/>. Para o presente trabalho, foram coletados dados referentes ao ano de 2011 e coletados na estação presente no Aeroporto de Navegantes (SBNF).

Para a análise pontual dos dados de vento (comparação com os dados medidos e descrição da área de estudo) será feita uma comparação entre os dados provenientes do METAR e daqueles oriundos do modelo CFSR. Caso ambos sejam considerados consistentes, as análises posteriores serão realizadas considerando ambos os modelos.

3.4 DADOS DIVERSOS

3.4.1 Linha de Costa

A linha de costa utilizada no presente trabalho foi obtida no banco de dados GSHHG (Global Self-consistent, Hierarchical, High-resolution Geography Database) da NOAA. Este tem como base dois banco de dados de domínio público: o World Vector Shorelines (WVS) e a CIA World Data Bank II (WDBII) e pode ser gratuitamente obtidos em formato ESRI de Shapefile ou em formato binário. Os dados do GSHHG incluem 4 níveis hierárquicos fronteira entre o continente e o oceano (L1), fronteira entre lagos e terras (L2), fronteira entre ilhas lacustres e lagos (L3) e fronteiras entre lagos internos e ilhas (L4). Cada um desses níveis está disponível em cinco resoluções diferentes: grosseira (crude), baixa (low), intermediária (intermediate), alta (high) e máxima (full). Os dados foram adquiridos em dezembro de 2015 através do endereço <https://www.ngdc.noaa.gov/mgg/shorelines/gshhs.html>.

3.4.2 Batimetria

Foram utilizadas cartas náuticas da Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN) obtidas através do endereço <http://www.mar.mil.br/dhn/chm/box-cartas-raster/raster-disponiveis.html>. Foram utilizados dados pontuais de batimetria e isóbatas para refinar o detalhamento da batimetria do modelo das cartas náuticas listas na tabela 5.

Tabela 5: Cartas Náuticas utilizadas

Número da Carta	Nome	Escala
30	Costa Sueste da América do Sul	1:3.500.000
90	Da Ilha de Santa Catarina a Maldonado	1:990.526
23300	De Paranaguá a Imbituba	1:300.000
21070	Do Cabo Frio ao Cabo de Santa Marta Grande	1:1.000.000
1910	Da Ilha da Coral ao Cabo de Santa Marta Grande	1:100.211
1902	Proximidades da Ilha de Santa Catarina	1:100.928
1801	Porto de Itajaí	1:15.000

Na região próxima da costa na Enseada do Itapocorói foram utilizados dados de batimetria coletados pela Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade do Vale do Itajaí no período de 02/11/2011 a 06/11/2011, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ_CTTranArea 44/2008, Proc. No. 575008/2008-3) e gentilmente cedidos pelo Prof. Dr. Antonio H. da F. Klein (LOC/UFSC). Todos os procedimentos de coleta e tratamento dos dados estão descritos em Bitencourt e Silva (2011).

Todos esses dados foram interpolados do mais recente e detalhado (medida em 2011) até o mais esparsos (Carta No. 30), de forma que a batimetria interpolada fosse construída dando prioridade aos dados recentes. Os dados foram normalizados para o datum vertical do 0 DHN.

3.5 AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS DO MODELO

A performance do modelo será avaliada conforme os cálculos propostos por Fox (1981) e Wilmott (1982). Estima-se que variações na ordem de 10% da variável modelada sejam aceitáveis.

Fox (1981) descreve os esforços da Sociedade Meteorológica Americana (AMS) para desenvolver técnicas de avaliação de performance de modelos atmosféricos. Dois tipos principais de mensuração de performance foram encontrados: medidas das diferenças (ou residuais) e medidas de correlação. O primeiro diz respeito a uma quantificação do tamanho da diferença entre valores medidos e modelados. Medidas de correlação avaliam a associação ou concordância entre os valores medidos e modelados. O autor afirma que o primeiro é mais coerente com a teoria estatística.

Wilmott (1982) avaliou as medidas propostas por Fox (1981) e verificou que a Raiz do Erro Médio Quadrático (em inglês, RMSE) é uma das medidas que melhor conseguem avaliar a performance de modelos. Seu cálculo é dado por:

$$REMQ = \sqrt{\frac{1}{N} \sum_{i=1}^N (M_i - O_i)^2} \quad (3.1)$$

Onde,

O são os dados observados;

M são os dados modelados;

$$M'_i = M_i - \bar{O};$$

$$O'_i = O_i - \bar{O}.$$

Buscou-se alcançar erros na casa de 10% da amplitude máxima dos valores modelados. Por exemplo, para uma maré com amplitude de 2m, o ideal é que os valores de erro estejam na casa de, no máximo, 20cm.

3.6 ANÁLISES UTILIZADAS

3.6.1 TTide

Existe uma série de problemas associados com utilizar análises harmônicas clássicas para análise de sinais de maré. Visando corrigir e melhorar as análises harmônicas em sinais de maré, Pawlowics et al. (2002) fizeram o pacote TTIDE, que é uma série de rotinas para análise harmônica clássica porém com algumas correções e opções para os usuários. Essa série de rotinas foi utilizada no presente trabalho para analisar os sinais de nível e fazer uma análise do sinal de maré nos dados coletados.

3.6.2 Transformada Rápida de Fourier (FFT)

A Transformada Rápida de Fourier (do inglês, FFT) é um método de aplicação da Transformada Discreta de Fourier (do inglês, DFT) de modo a se alcançar eficiência computacional. A ideia da metodologia da DFT é decompor um sinal (ou uma série temporal) em termos de funções de base sinusoidal (seno e cosseno) multiplicadas por amplitudes. Dessa forma, é possível

avaliar o sinal no domínio da frequência, onde determinadas tendências podem ser vistas, que não podem ser identificados no domínio do tempo. Entretanto, a DFT espera que haja um número infinito de pontos para serem analisados na série temporal o que é impossível. A FFT vem para trabalhar a DFT em séries finitas (COCHRAN et al., 1967). Essa análise foi utilizada no presente trabalho para avaliar o sinal medido de nível em no domínio da frequência.

4 RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DOS DADOS DE VENTO

Primeiramente os dados proveniente da base METAR da Aeronáutica do Brasil foram comparados com os dados provenientes do modelo de reanálises CFSR da NOAA. Na figura 16 é possível observar a localização dos dados a serem apresentados.

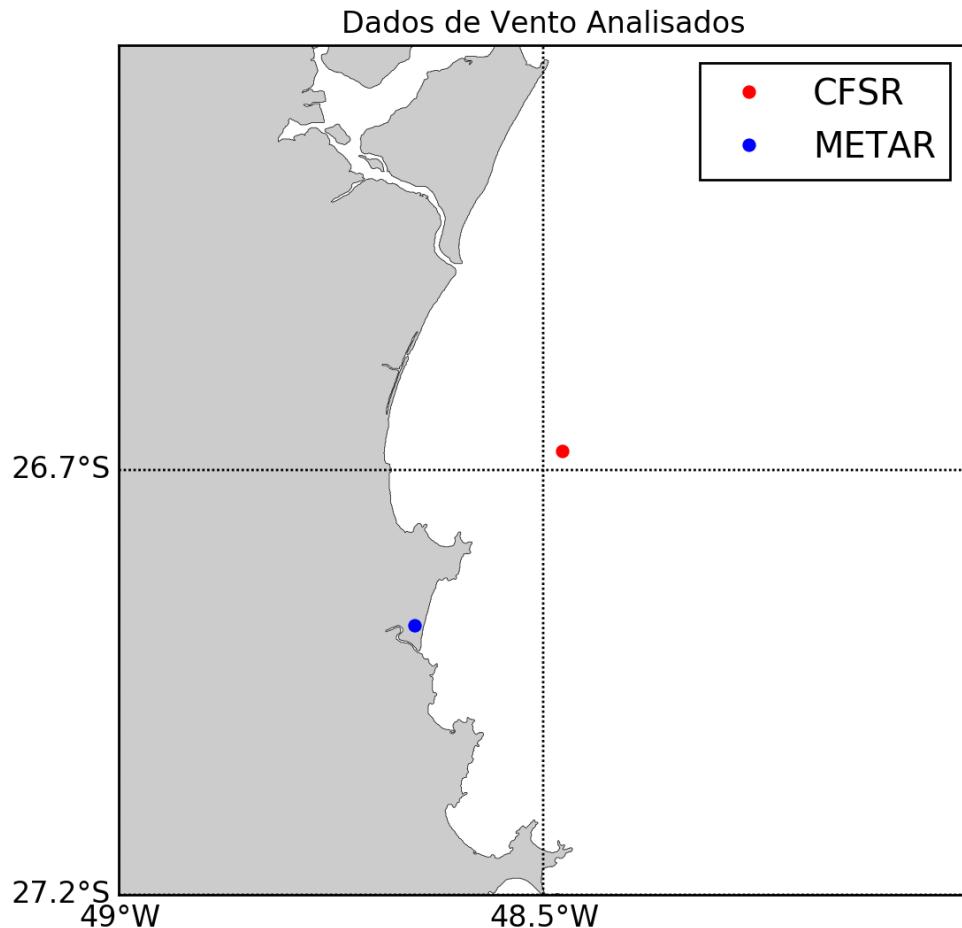


Figura 16 – Localização dos dados de vento do modelo de reanálise CFSR e do aeroporto de Navegantes (METAR)

As figuras 17 e 18 apresentam as rosas de vento dos dados do METAR e CFSR, respectivamente, no ano de 2011 exclusivamente. É possível perceber que os gráficos tem um comportamento semelhante em termo de direção, mas uma variação considerável em relação ao percentual em cada uma das direções. Verifica-se uma predominância de ventos de O-ONO que podem alcançar mais de $8m.s^{-1}$. Entretanto, nos dados do METAR os ventos de 0 representam quase 20% dos dados, com ventos em outras direções presentes, mas em menos de 10% do tempo e velocidades normalmente acima de $4m.s^{-1}$ abaixo de $8m.s^{-1}$, nunca ultrapassando $8m.s^{-1}$.

Os dados do CFSR tem uma maior distribuição na direção dos ventos, com uma baixa presença de ventos do quadrante SSE e uma presença marcante de ventos do quadrante NNE. A velocidade permaneceu entre 2 e $6m.s^{-1}$ na maior parte do tempo. Velocidades acima de

$8m.s^{-1}$ são est  o presentes apenas em ventos de ONO.

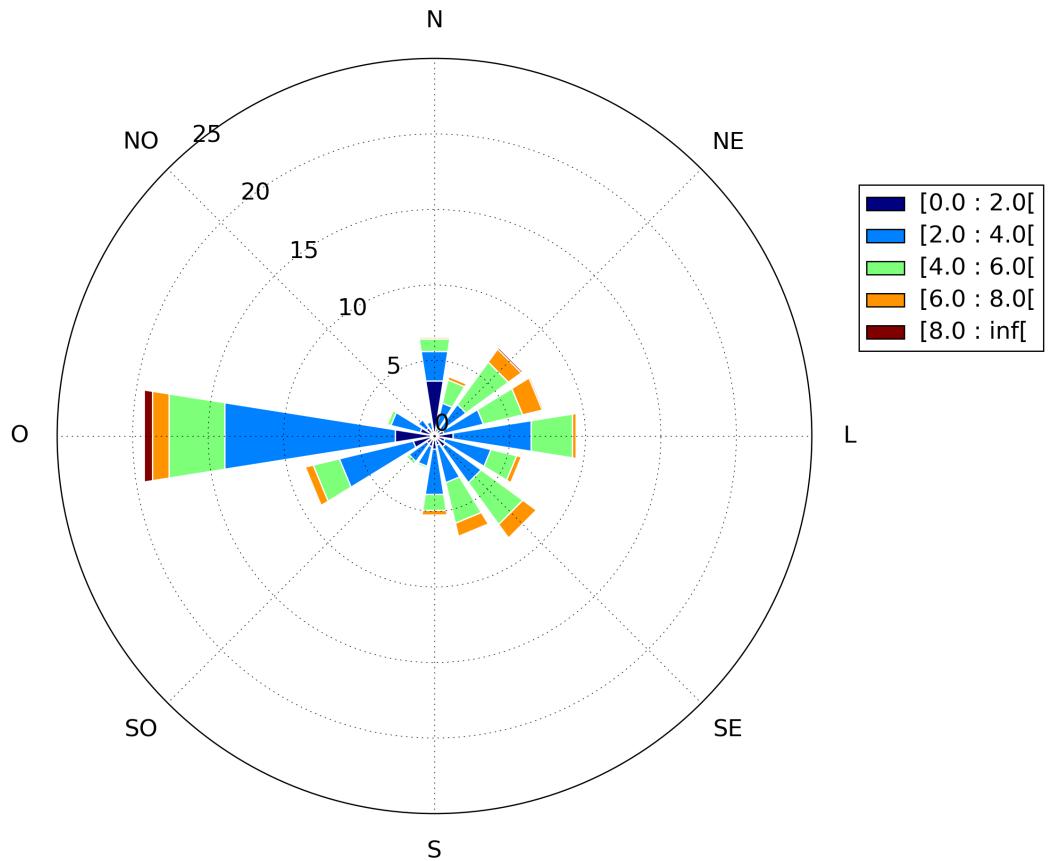


Figura 17 – Rosa dos ventos do Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)

Para melhor compreensão do comportamento dos dados, as velocidades foram descritas na forma de histogramas para os dados do METAR e CFSR nas figuras 19 a 22, respectivamente. Enquanto os dados de velocidade do METAR apresentam uma curva normal, os dados aparecem descontinuados no histograma. As velocidades nos dados do CFSR se apresentam mais distribuídas ao longo do histograma, apesar de não possuir o típico formato normal. Os valores de velocidade ficaram entre $0,68$ e $8,05m.s^{-1}$ no CFSR e $0,0$ e $12,86m.s^{-1}$ nos dados do METAR, ou seja, a velocidade máxima dos dados do METAR é 40% maior do que a do CFSR.

Pode-se perceber que os dados do METAR apresentando aus  cia de direc  es em um espaço relativamente equidistante, da mesma forma que observado nos dados de velocidade. J   os dados do CFSR apresentam uma distribui  o mais cont  ua, por  m com baixa presen  a de ventos entre 75 e 200° e distribui  o bastante homog  nea nas demais direc  es.

O que foi verificado ´e que os dados do METAR apresentam uma grande inconsist  cia nos dados. Do ano de 2011, 16,3% dos dados n  o estavam dispon  veis (Figura 23). A utiliz  o de metodologias de interpola  o dos dados em grande quantidade pode afetar o comportamento geral dados ainda mais considerando diversos dados ausentes em sequ  ncia, como ´e o caso atual. Além disso, por se localizar em uma base terrestre distante do local de estudo, os dados direcionais podem ter sido influenciados pelo relevo terrestre, potencialmente prejudicando an  lises feitas em locais distantes do ponto de amostragem. Dessa forma, como existem d  vidas a respeito da qualidade e localiza  o dos dados, as an  lises feitas no presente estudo poderiam ser comprometidas e, portanto, a base de dados do CFSR foi escolhida como a mais adequada fonte de dados de vento para o presente estudo.

A figura 24 apresenta a distribui  o conjunta dos dados de vento para todo o per  odo de

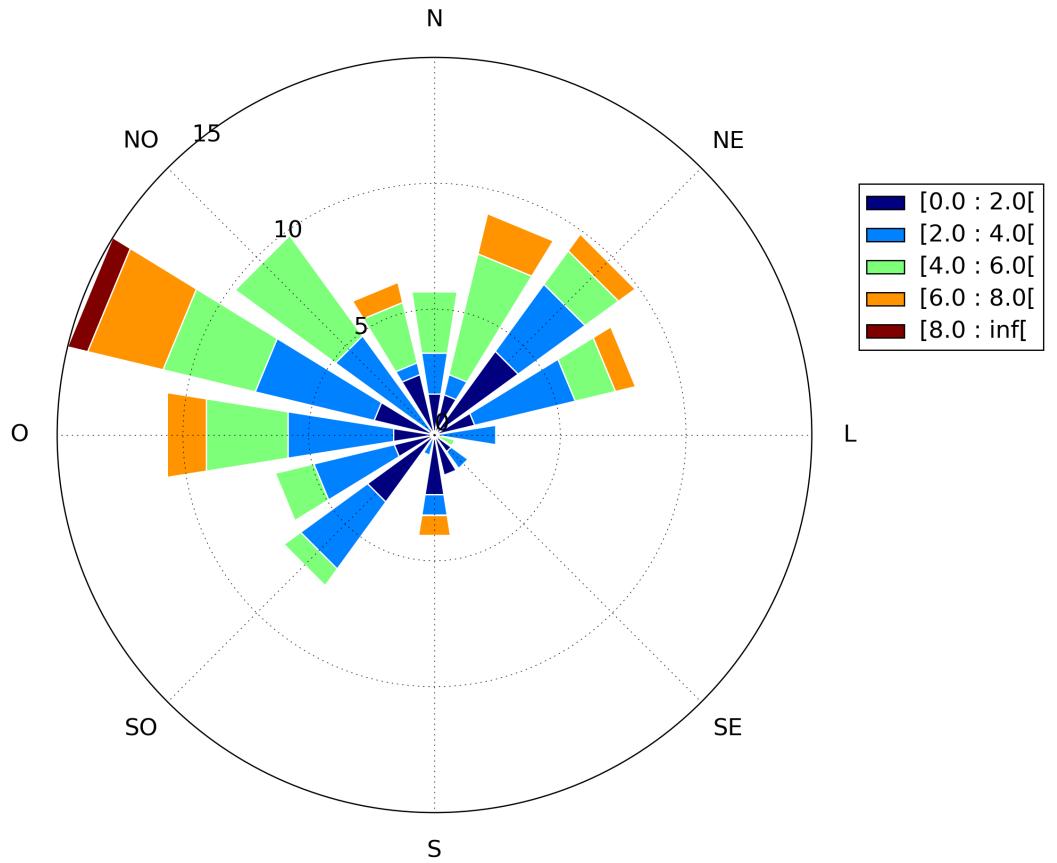


Figura 18 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para o ano de 2011

2011 a 2016. Pode-se verificar que 58,3% dos dados encontram-se no quadrante N (NW-N-NE) e que 70% do tempo, as velocidades do vento ficam abaixo de $6m.s^{-1}$. Considerando o quadrante S, ventos de SW são os mais recorrentes, acontecendo em 9,8% dos casos. Casos de vento acima de $8m.s^{-1}$ são recorrentes em menos de 10% dos casos.

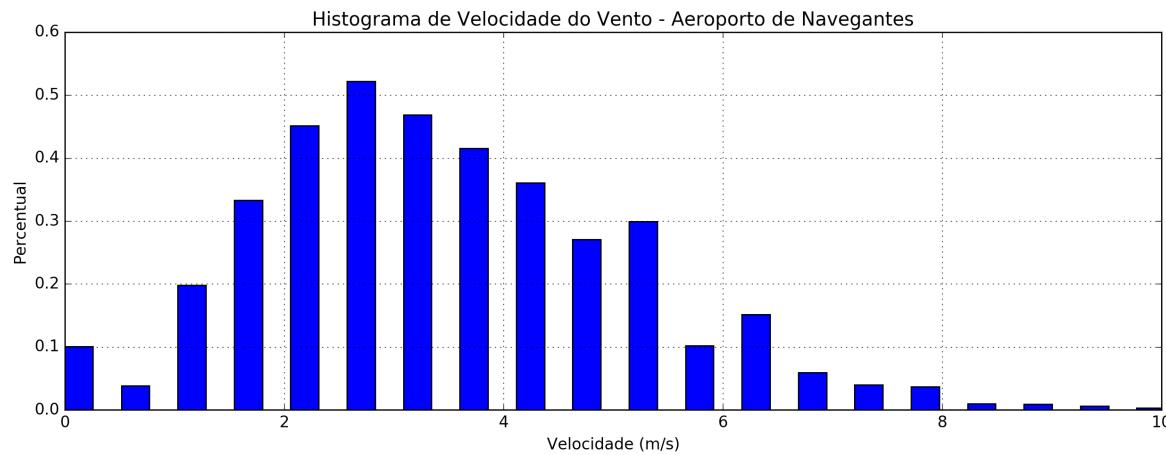


Figura 19 – Histograma de velocidade do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)

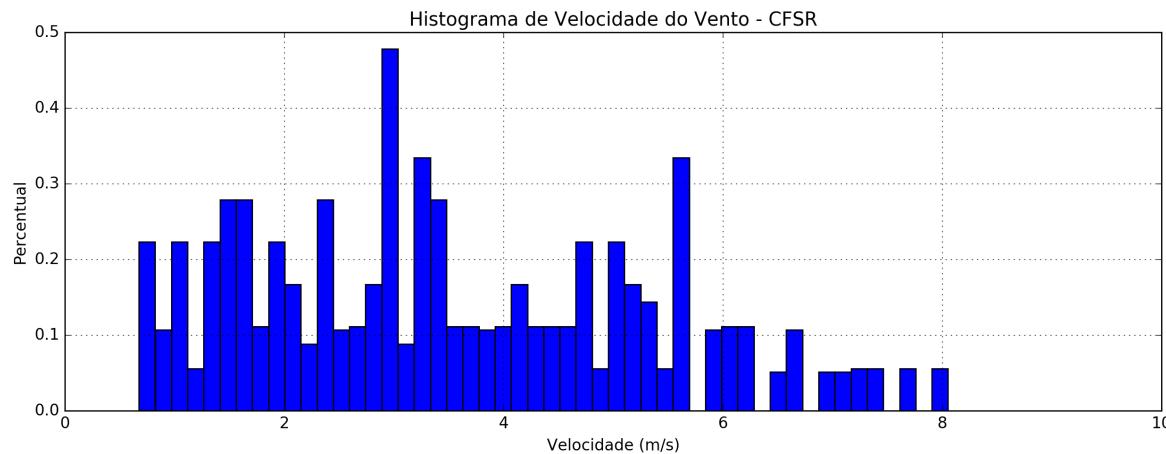


Figura 20 – Histograma de velocidade do vento referentes aos dados do CFSR para o ano de 2011

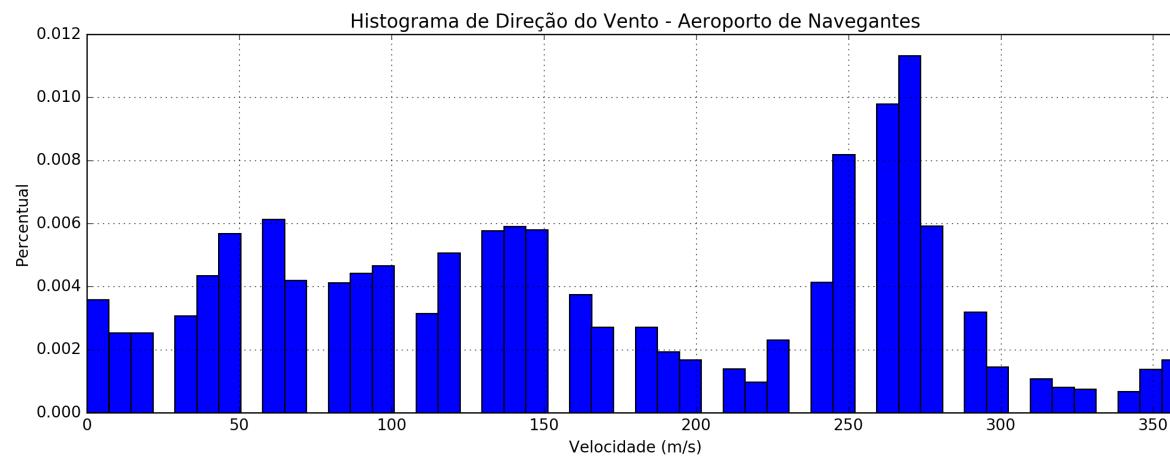


Figura 21 – Histograma de direção do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)

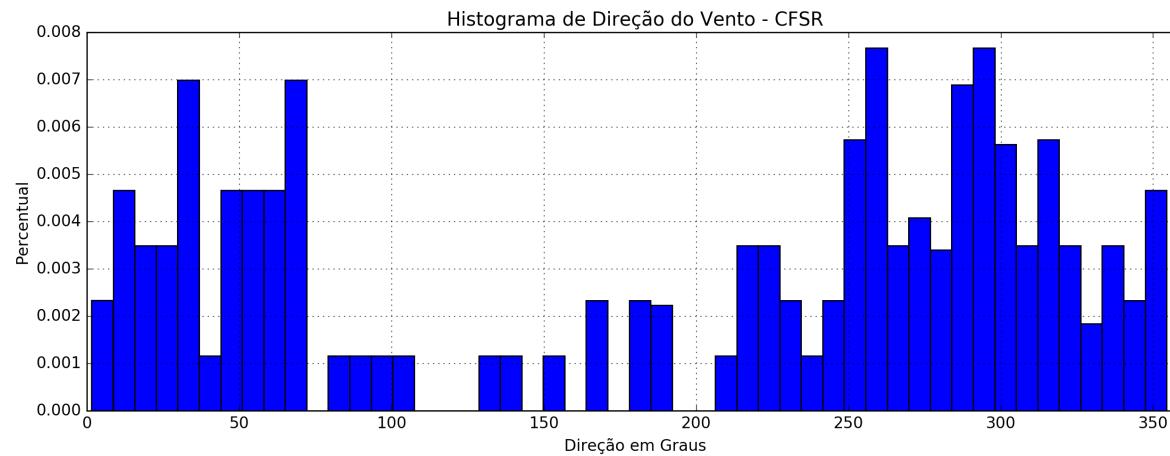


Figura 22 – Histograma de direção do vento referentes aos dados do CFSR para o ano de 2011

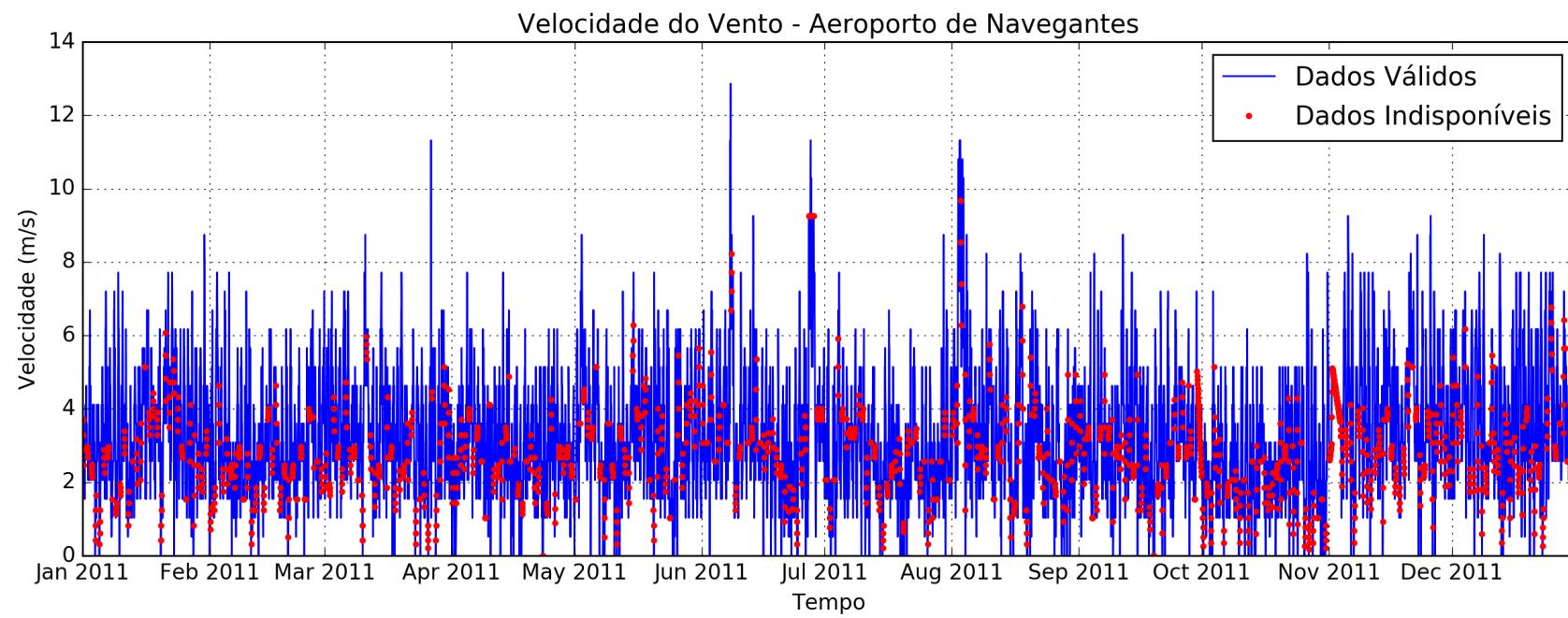


Figura 23 – Dados válidos e dados indisponíveis nos dados de velocidade do vento no Aeroporto de Navegantes para o ano de 2011 (METAR)

Vel \ Dir	N	NE	E	SE	S	SW	W	NW	Num. Casos	Frequência
0 - 1	0	0	0	0	0	120	0	120	240	3.3%
1 - 2	60	120	120	120	0	176	60	120	776	10.6%
2 - 3	0	420	60	0	120	180	180	35	995	13.6%
3 - 4	180	240	0	0	0	60	250	236	966	13.2%
4 - 5	60	420	120	60	0	120	296	480	1556	21.3%
5 - 6	60	180	60	0	0	0	120	180	600	8.2%
6 - 7	240	180	60	0	0	60	180	60	780	10.7%
7 - 8	120	60	60	0	0	0	175	335	750	10.3%
8 - 9	0	60	0	0	60	0	0	56	176	2.4%
9 - 10	60	0	0	0	0	0	110	115	285	3.9%
10 - 11	0	60	0	0	0	0	120	0	180	2.5%
Num. Casos	780	1740	480	180	180	716	1491	1737		
Frequência	10.7%	23.8%	6.6%	2.5%	2.5%	9.8%	20.4%	23.8%		
Vel Min	1.36	1.88	1.29	1.09	2.06	0.30	1.74	0.85		
Vel Med	5.41	4.48	4.19	2.32	4.28	2.60	5.58	5.03		
Vel Max	9.46	10.11	7.45	4.36	8.16	6.15	10.38	9.38		

Figura 24 – Distribuição conjunta dos dados de ventos.

4.1.1 Análise por Estação

Com os dados do CFSR de 2011 a 2015, foram feitas análises sazonais do comportamento do vento na região de estudo. Verificou-se que em todas as estações as velocidades ficaram abaixo de $1m.s^{-1}$ e abaixo de $11m.s^{-1}$ com a média perto de $4m.s^{-1}$ em todas as estações. Ou seja, não há uma variação expressiva de velocidade do vento ao longo das estações do ano.

Tabela 6: Características das velocidade de vento por estação do ano.

Estação	Mínimo	Máximo	Média
Verão	0,60	10,03	3,82
Outono	0,17	10,16	4,23
Inverno	0,41	10,93	3,84
Primavera	0,40	9,83	4,00

Entretanto, nas 25 a 28 percebe-se que a direção dos ventos muda bastante conforme a estação.

No Verão, os ventos são mais presentes no quadrante N (NO-NE). Ventos de ONO, N e NE representam cerca de 30% dos casos analisados. Os ventos mais intensos estão associados à direção ONO enquanto ventos de N e NE apresentam velocidades abaixo de $6m.s^{-1}$.

No Outono, os ventos ficam quase totalmente concentrados entre O e NO com menor presença de ventos N. Ventos do quadrante L e S são praticamente ausentes. As maiores velocidades são associadas aos ventos de O que representaram cerca de 13% dos dados. No entanto, a presença de ventos de NO abaixo de $8m.s^{-1}$ apresenta uma presença em quase 20% dos dados.

No Inverno, os ventos de S passam a ser predominantes tanto em intensidade ($>10m.s^{-1}$) quanto em percentual ($>10\%$). Ventos do quadrante L e O aparecem em percentuais menores e velocidades abaixo de $6m.s^{-1}$ na maior parte do tempo. Ventos do quadrante N se tornam quase ausentes neste período.

A Primavera se mostra uma estação bastante semelhante ao verão, com predominância do quadrante N e com os ventos mais intensos oriundos de ONO. Ventos de NE e L aparecem com um percentual próximo de 15% mas velocidades normalmente abaixo de $6m.s^{-1}$. Ventos do quadrante sul são praticamente ausentes e com velocidades abaixo de $4m.s^{-1}$.

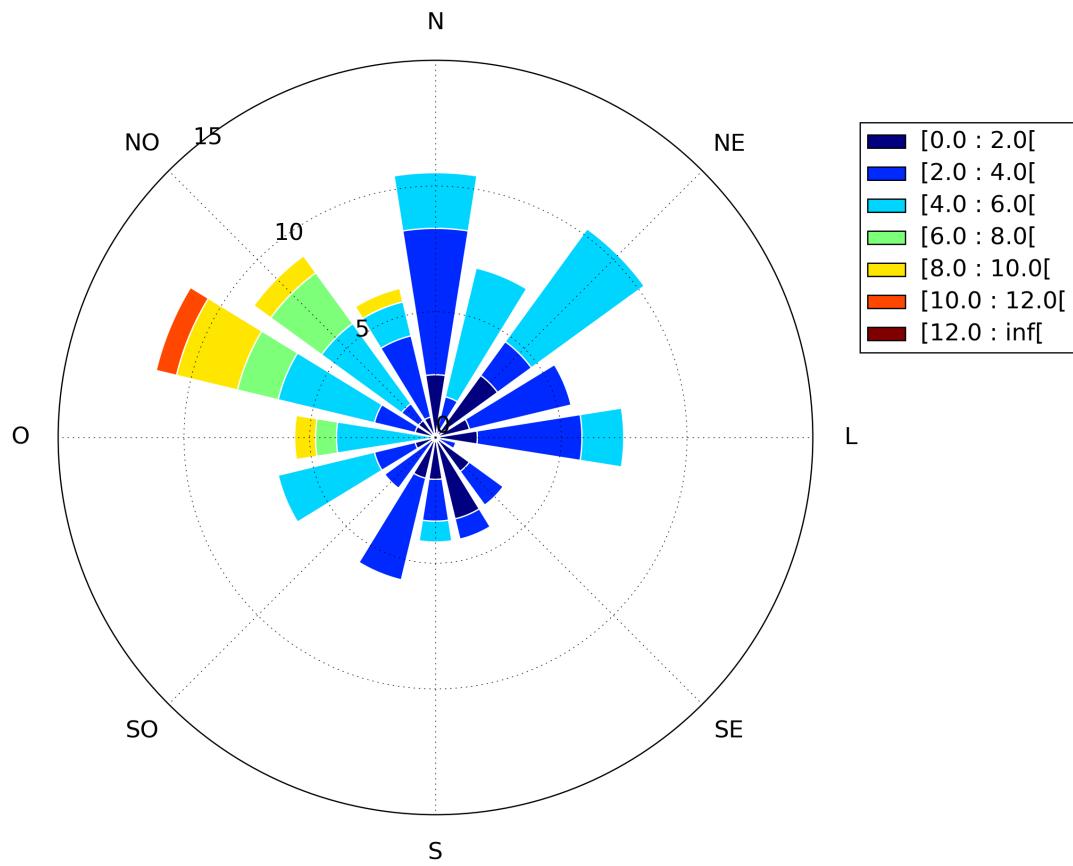


Figura 25 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Verão (Dezembro a Fevereiro) nos anos 2011 a 2015

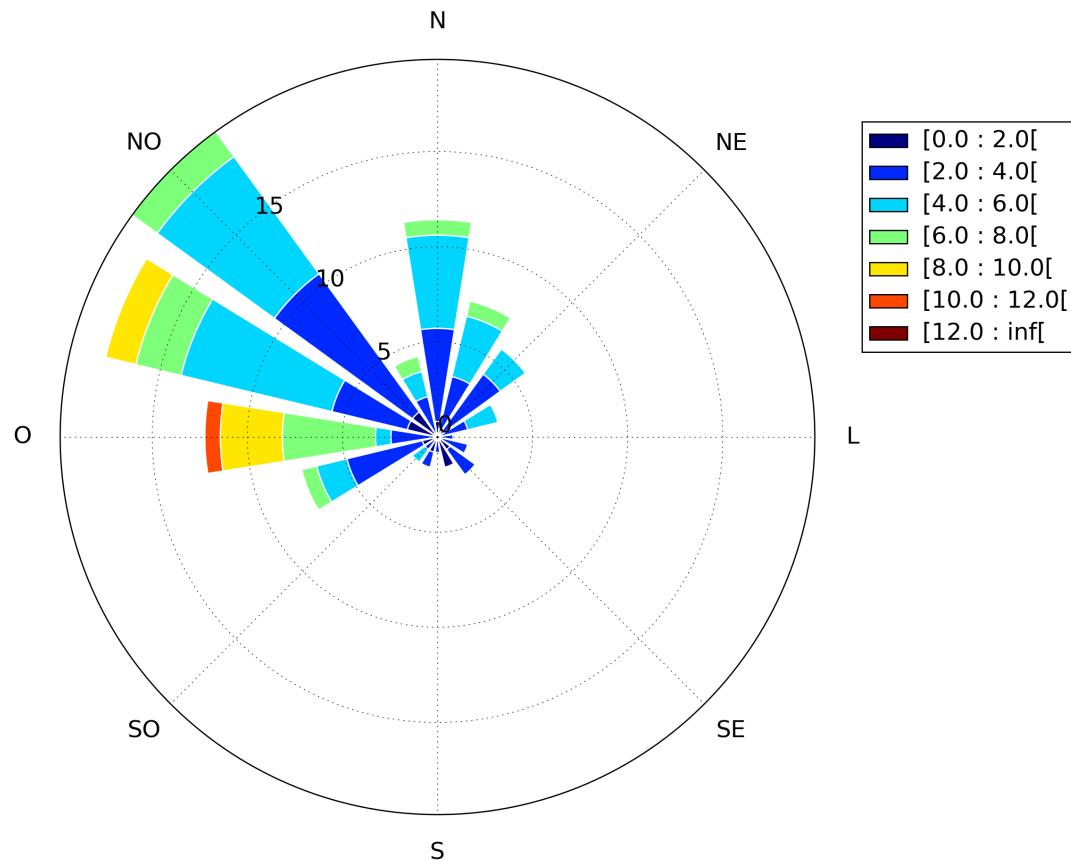


Figura 26 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Outono (Março a Maio) nos anos 2011 a 2015

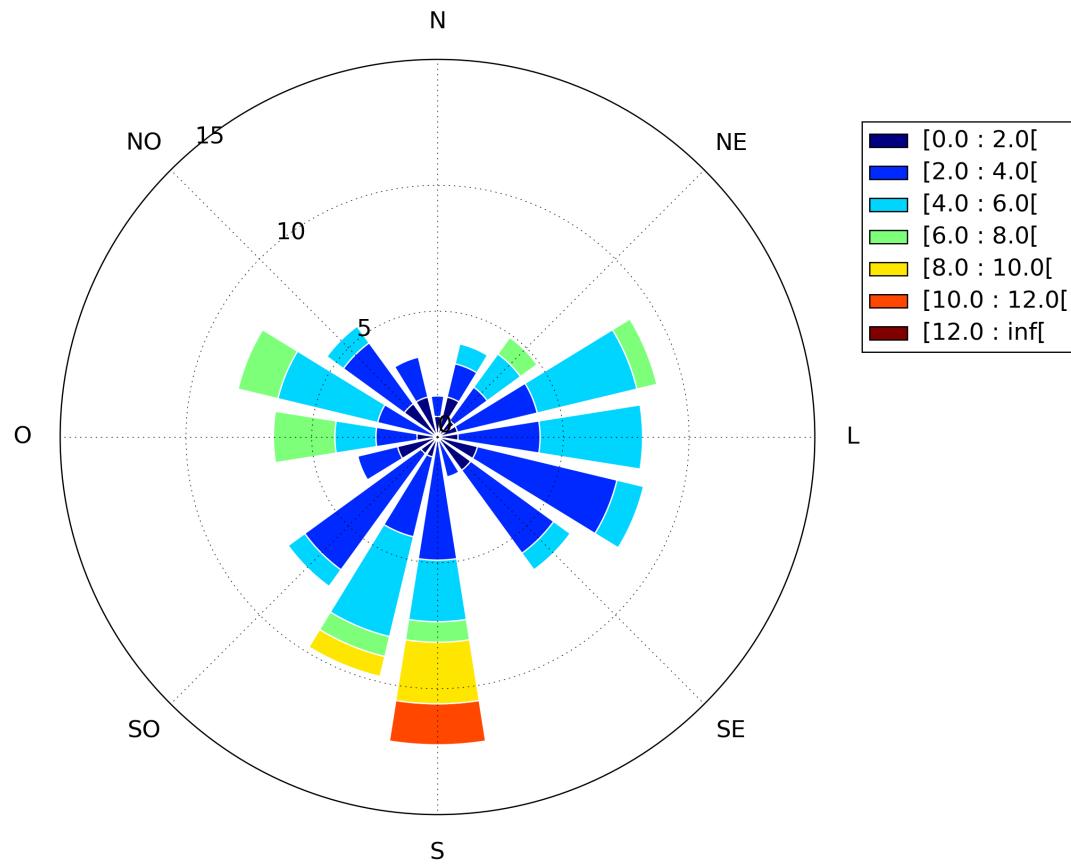


Figura 27 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Inverno (Junho a Agosto) nos anos 2011 a 2015

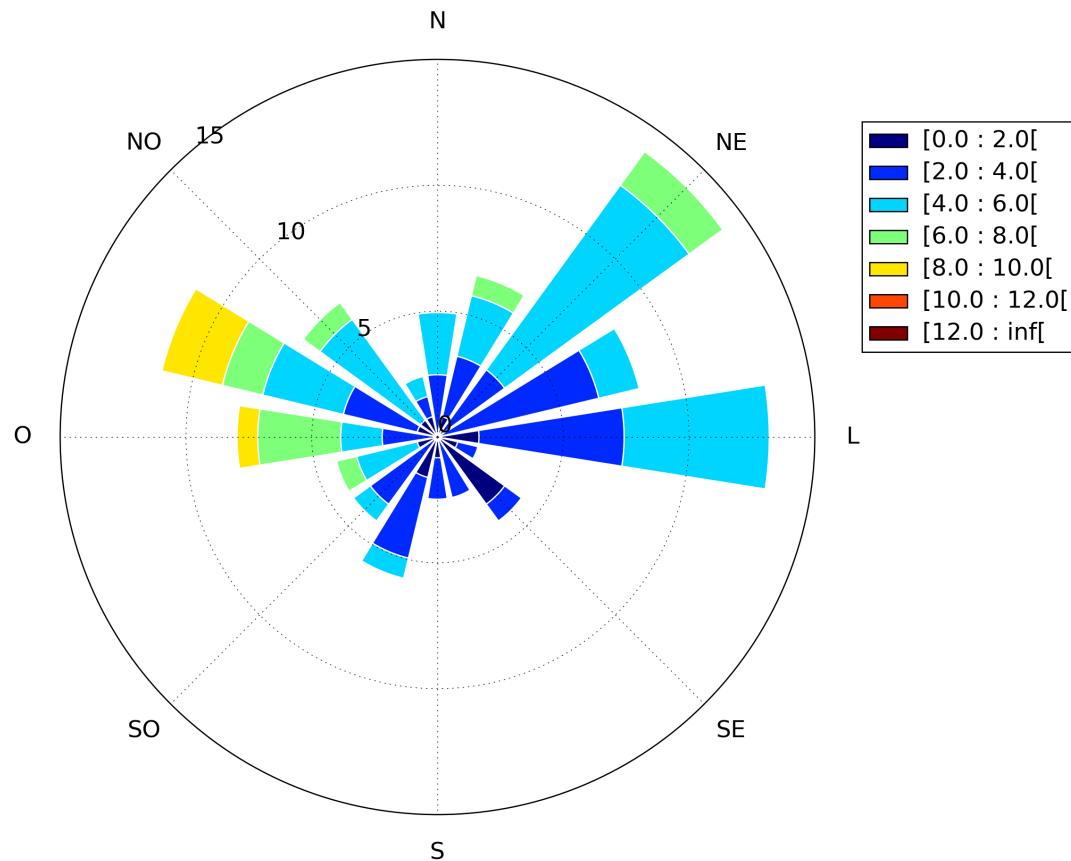


Figura 28 – Rosa dos ventos referente aos dados do CFSR para a estação Primavera (Setembro a Novembro) nos anos 2011 a 2015

4.2 DESCRIÇÃO DOS DADOS MEDIDOS

4.2.1 Nível

Inicialmente foram estudados os dados de nível (pressão) dos três ADCPs para melhor compreender o comportamento da maré ao longo da Enseada. Os dados analisados em cada um dos pontos dos ADCPs podem ser vistos nas figuras 29 a 31 na parte superior. Como a medição de nível depende do local onde o ADCP foi instalado, é possível perceber a diferença entre as profundidades nos três pontos medidos. Não obstante, os três aparelhos tiveram um comportamento de nível muito semelhante, o que indica que, em termos de nível, a dinâmica local não aparenta variar dentro da enseada. A tabela 7 contém as principais características dos dados adquiridos. A variação entre o nível máximo e mínimo encontrado foi de aproximadamente 2 m, com uma tendência leve de aumento dessa variação nos pontos mais internos (ST001 e ST002).

Os dados maregráficos de Penha serviram como base de comparação, uma vez que suas medições aconteceram por um período maior e em momento diferente da coleta dos dados dos ADCPs. A figura 32 se apresenta simétrica ao eixo 0, de forma geral, e com variações raramente ultrapassando 1,0 m tanto positivas quanto negativas. Em geral, as variações se apresentam com até 70 cm aproximadamente. A maior variação encontrada em Penha foi cerca de 30 cm maior que as verificadas nas medições dos ADCPs.

A variação máxima de nível encontrada (tanto em Penha quanto nos dados de ADCP) é quase 2 vezes superior à diferença máxima encontrada na tabela da FEMAR (Média das Preamares Superiores - Média das Baixamares inferiores), que seria de 1,11 cm (Figura 34). Isso indica que a componente meteorológica pode ter uma presença e uma influência muito grande na região.

Tabela 7: Características das Variações de Nível Medidas
(em metros)

Equipamento	Mínimo	Máximo	Média	Mediana	Variação Máxima
ST001	2,90	4,98	3,90	3,91	2,08
ST002	6,30	8,33	7,25	7,25	2,03
ST003	15,52	17,80	16,77	16,78	1,98
Penha	-1.13	1.18	-0.04	-0.04	2.32

As análises harmônicas foram aplicadas em todos os dados medidos para avaliar as componentes astronômicas dentro dos sinais analisados. O resultado final das análises incluiu as principais constantes harmônicas em cada um dos dados analisados e a resultante meteorológica encontrada para o período avaliado. Nas figuras 29 a 32 estão apresentados parte dos resultados gerados pelo pacote. Na parte superior da figura se encontram os dados medidos (uma vez retiradas as médias, no caso dos dados dos ADCPs), na parte inferior estão sobrepostos os dados das componentes astronômicas em azul e sobreposto em vermelho o sinal resultante da subtração de dois dados anteriores, referente à maré meteorológica.

Na tabela 8 estão apresentados os valores máximos e mínimos de nível de origem meteorológica. Nos dados colhidos pelos ADCPs, a maré meteorológica gerou um nível mínimo de -0,71 m e máximo de 0,65 m. Dessa forma, a maré meteorológica foi responsável por uma variação de nível de mais de 1,3 m no ponto ST003 e mais de 1,2 m nos outros dois locais de coleta. Já em Penha, verificou-se que enquanto o nível máximo tenha sido semelhante ao

encontrado no dados dos ADCPs (0,70 m), o nível mínimo foi quase o dobro, atingindo -1,37 m.

Na figura 33 verifica-se que esse nível mínimo registrado na verdade fez parte de um evento de maré meteorológica negativa que persistiu entre 3 e 4 dias.

Dessa forma, é possível concluir que a maré meteorológica verificada pelos ADCPs no ano de 2011 não foi tão representativa quanto ela pode ser na região estudada e que marés meteorológicas na região podem ultrapassar 1,3 m. De fato, esses dados concordam com o trabalho de Parise et al. (2009) que verificaram que as marés meteorológicas alcançam em média 1 m, podendo alcançar 1,9 m em casos mais extremos no sul do país.

Tabela 8: Características das Marés Meteorológicas Medidas

Equipamento	Mínimo	Máximo	Variação Máxima
ST001	-0,71	0,65	1,37
ST002	-0,68	0,53	1,21
ST003	-0,70	0,50	1,20
Penha	-1,37	0,70	2,08

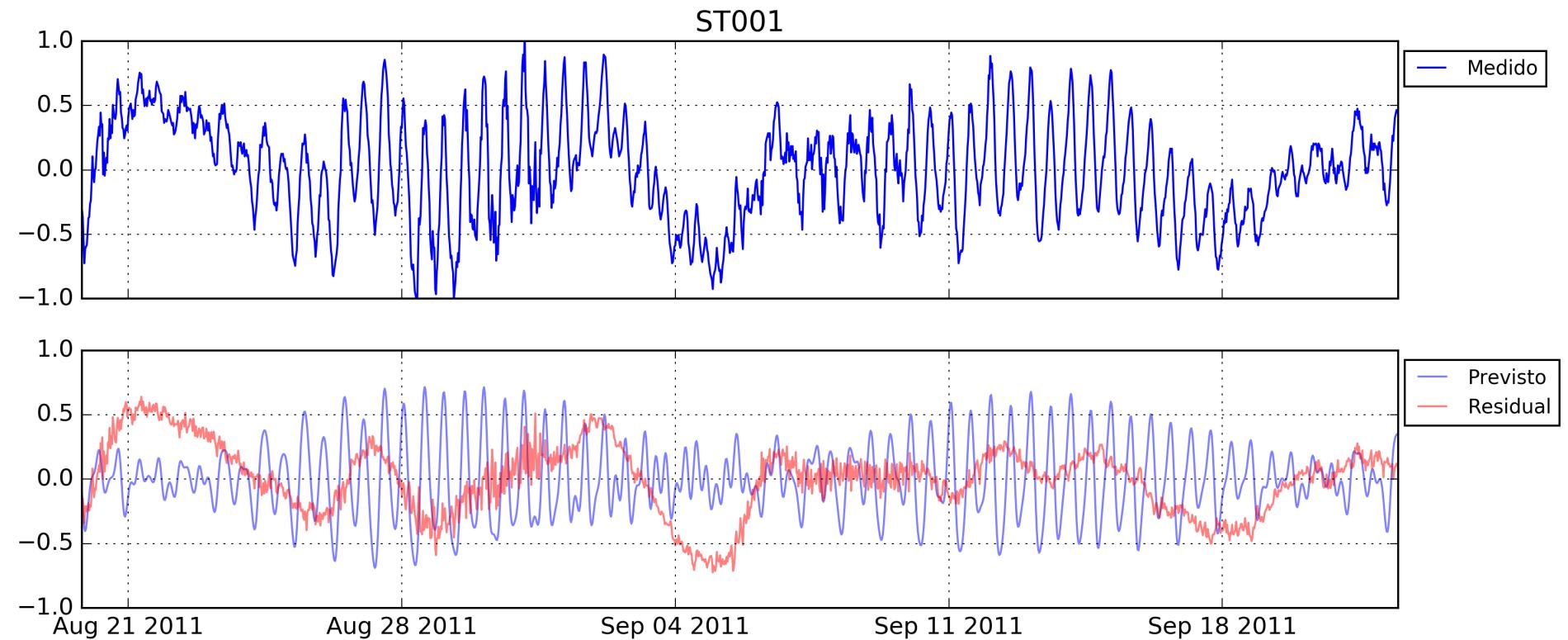


Figura 29 – Variação de Nível no ponto ST001 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte interior).

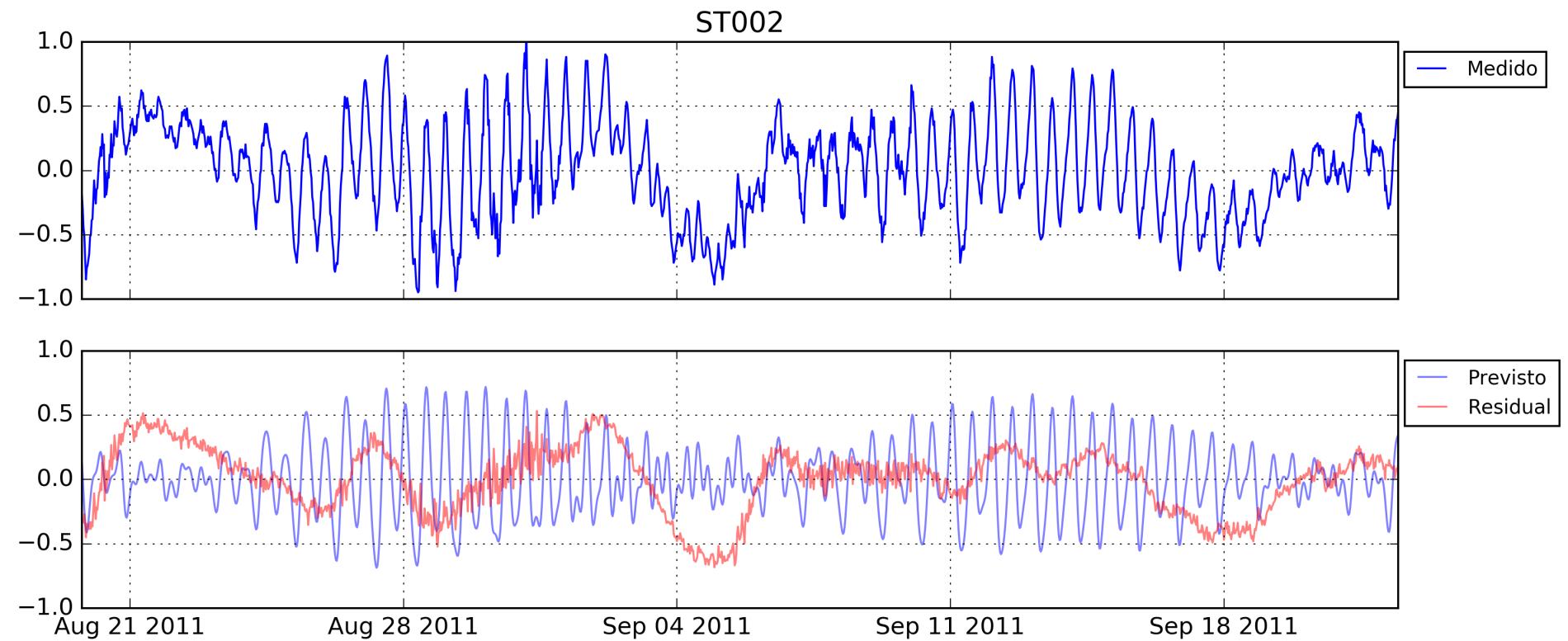


Figura 30 – Variação de Nível no ponto ST002 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte inferior).

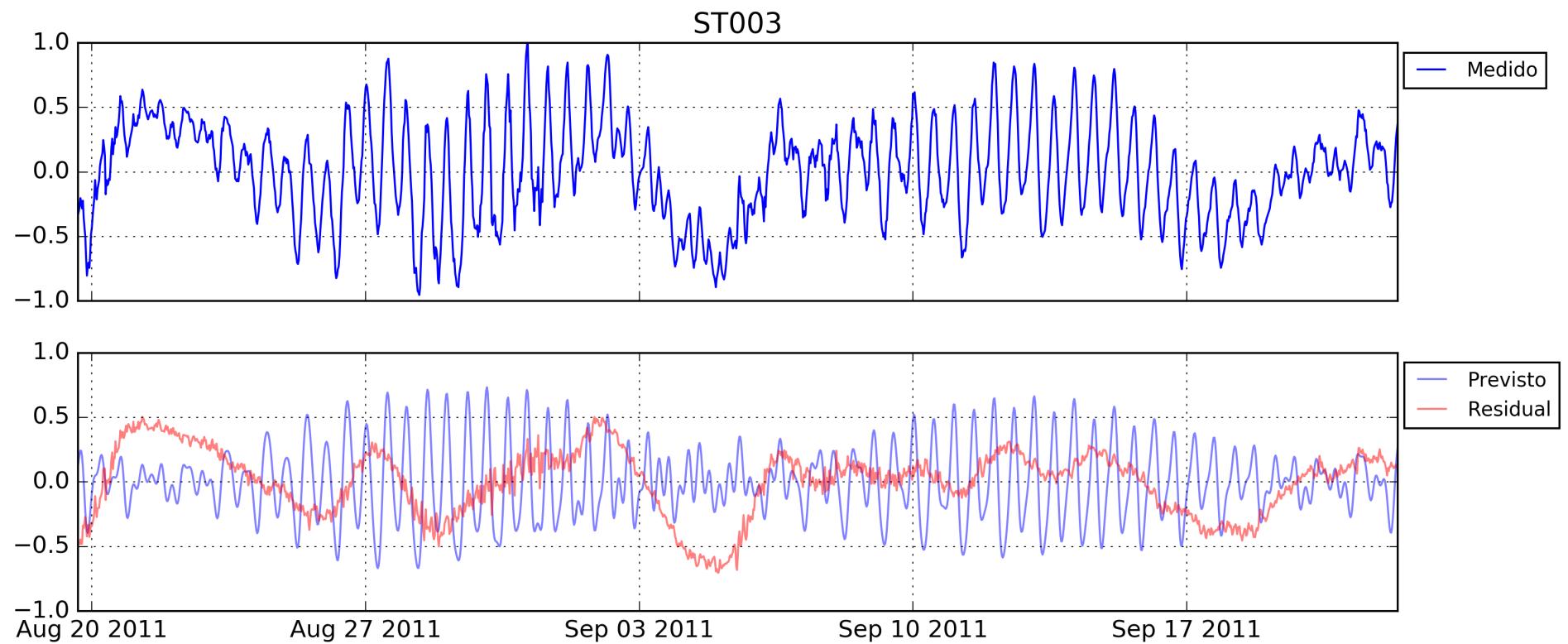


Figura 31 – Variação de Nível no ponto ST003 separado entre: dado medido (parte superior) e dados de maré previsto e o residual meteorológico (parte inferior).

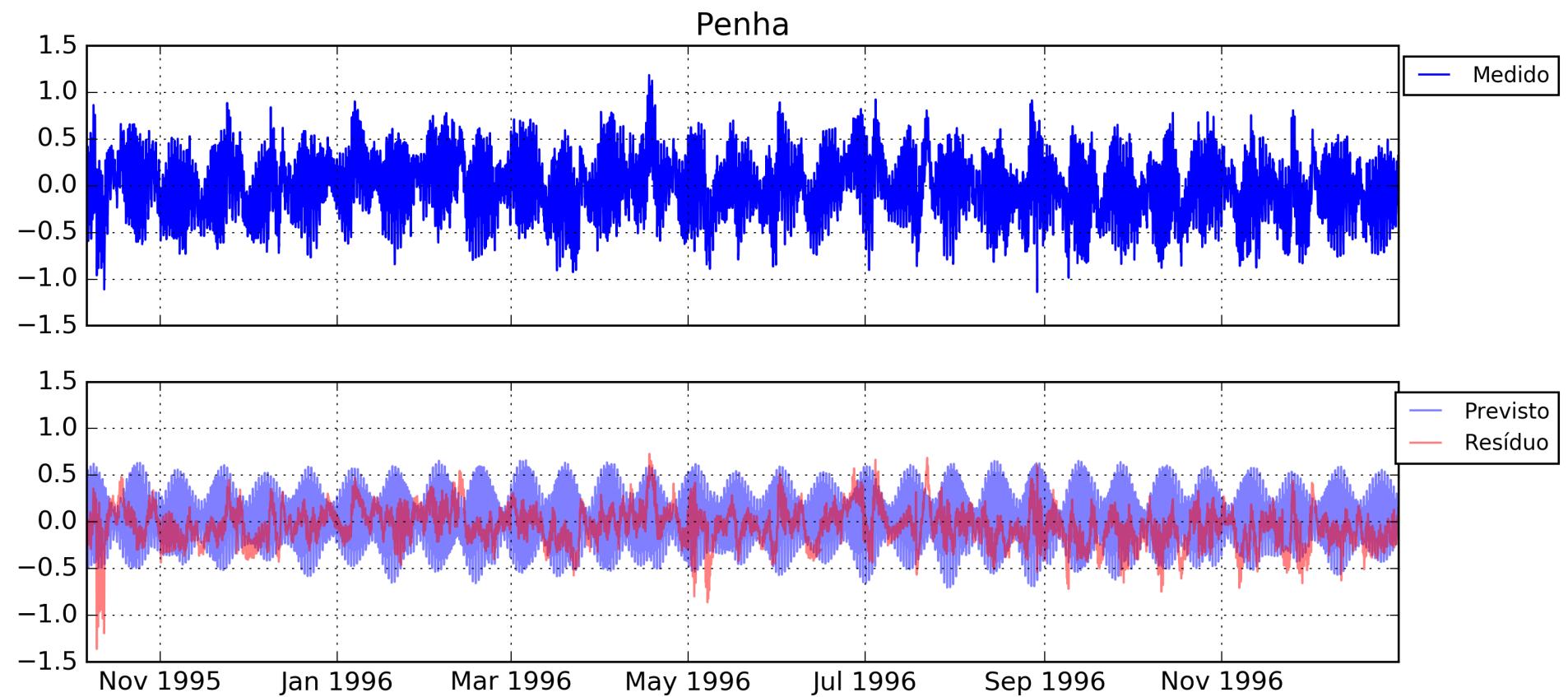


Figura 32 – Separação dos dados de nível em Penha

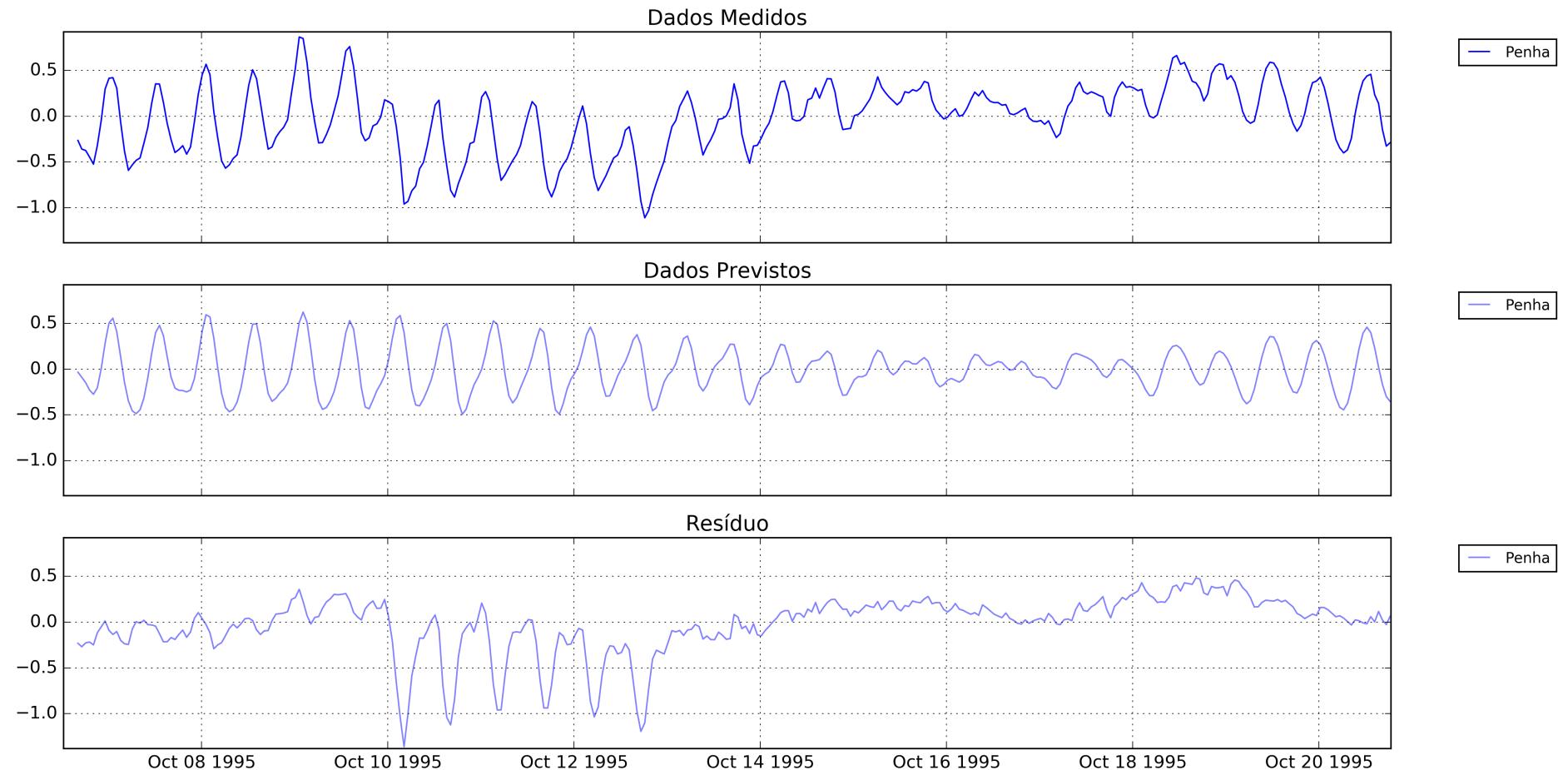


Figura 33 – Evento de maré meteorológica negativa registrado

Nas tabelas 9 a 12 se encontram as constantes harmônicas encontradas pelo pacote *ttide* para os sinais analisados. É possível verificar a frequência, amplitude (em centímetros), o erro de amplitude, a fase, o erro de fase e a relação sinal-ruído (*Signal-to-Noise Ration*) conhecida como SNR.

Simulações considerando um sinal fixo com diferentes níveis de ruído conseguiram indicar para sinais de maré é ideal que o SNR seja maior que 10, mas que valores entre 2 e 3 são aceitáveis (PAWLOWICZ et al., 2002). Portanto, foram excluídas da tabela as constantes harmônicas que apresentaram uma relação de sinal-ruído (SNR) menor que 2.

Quando comparamos as constantes harmônicas dos ADCPs de Piçarras (30 dias de medição) com aquelas encontradas pelo marégrafo localizado na Penha (1 ano de dados), é possível perceber que as segundas apresentaram um maior número de constantes harmônicas cujo SNR foi maior que 2. Pode-se concluir, portanto, que a quantidade limitada de dados no primeiro período pode, potencialmente, prejudicar análises harmônicas mais complexas.

Também é possível observar que as constantes harmônicas encontradas não foram as mesmas em todos os locais analisados. Buscou-se compreender estas diferenças e, para isso também foram utilizadas para comparação as constantes harmônicas estabelecidas como referência pela FEMAR em Penha (FEMAR, 2016). A tabela 13 apresenta, baseado na tabela da FEMAR, quais as constantes harmônicas foram encontradas nos dados e os valores de amplitude encontrados. É nítido que várias constantes apresentadas na tabela da FEMAR não foram encontradas em nenhum dos dados analisados. Entre elas estão as MM, Msf, M1, J1, OO1, 2N2, NU2, T2, SN4. Vale ressaltar que essas constantes até podem ter sido encontradas pelo pacote *ttide* mas foram desconsideradas devido à baixa relação de sinal-ruído.

Dentre as constantes apresentadas pela FEMAR que foram verificadas nos dados medidos, pode-se perceber uma variação na amplitude das ondas. As diferenças chegam alcançar 1,7 m na componente quaterdiurna MS4, 2 cm na componente principal lunar (M2) e mais de 4 cm na principal solar (S2). Além disso, três constantes foram encontradas exclusivamente nos dados de ADCP (ALP1, 2Q1 e NO1) e duas foram encontradas em todos os dados medidos mas não constavam na FEMAR (SK3 e 2MS6).

Tabela 9: Frequências encontradas nos dados de nível do ST001

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
ALP1	0.0343966	1.5419	0.452	299.51	16.54	12
2Q1	0.0357064	1.6449	0.400	94.02	14.52	17
Q1	0.0372185	2.7398	0.429	325.62	9.94	41
O1	0.0387307	10.7731	0.428	293.18	2.08	630
NO1	0.0402686	1.5740	0.392	80.78	15.24	16
K1	0.0417807	4.7897	0.394	17.28	5.59	150
UPS1	0.0463430	0.9009	0.390	337.22	26.55	5.3
MU2	0.0776895	2.8297	0.747	339.19	15.01	14
N2	0.0789992	5.1950	0.728	287.81	7.60	51
M2	0.0805114	28.3225	0.778	139.90	1.38	1300
S2	0.0833333	23.9287	0.756	316.36	1.70	1000
MO3	0.1192421	2.3921	0.792	300.25	19.55	9.1
M3	0.1207671	4.8001	0.727	294.10	9.16	44
SK3	0.1251141	1.9392	0.815	81.87	27.06	5.7
MN4	0.1595106	3.8750	1.030	285.08	13.99	14
M4	0.1610228	8.8702	0.810	266.71	6.14	120
MS4	0.1638447	5.0315	1.057	169.33	11.57	23
2MS6	0.2443561	0.7546	0.459	340.08	40.16	2.7

Tabela 10: Análise harmônica através do ttide nos dados de nível do ST002

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
ALP1	0.0343966	1.6004	0.466	305.34	18.93	12
2Q1	0.0357064	1.7065	0.455	106.38	16.03	14
Q1	0.0372185	2.7464	0.475	338.41	9.04	33
O1	0.0387307	10.6537	0.484	308.31	2.50	480
NO1	0.0402686	1.6129	0.487	97.99	14.54	11
K1	0.0417807	4.7405	0.491	30.21	5.82	93
UPS1	0.0463430	0.9177	0.479	340.12	27.41	3.7
MU2	0.0776895	2.9617	0.756	8.09	12.26	15
N2	0.0789992	5.2263	0.647	315.58	7.34	65
M2	0.0805114	28.0921	0.828	168.82	1.38	1200
L2	0.0820236	1.1613	0.689	147.04	35.45	2.8
S2	0.0833333	23.8874	0.813	346.16	1.74	860
MO3	0.1192421	2.3641	0.837	344.45	19.41	8
M3	0.1207671	4.7645	0.837	338.04	9.39	32
SK3	0.1251141	1.9392	0.856	123.28	24.65	5.1
MN4	0.1595106	3.8767	0.843	344.14	14.66	21
M4	0.1610228	8.8543	0.995	324.72	5.24	79
MS4	0.1638447	4.9715	1.029	227.51	11.20	23
2MS6	0.2443561	0.7419	0.397	68.45	33.10	3.5

Tabela 11: Frequências encontradas nos dados de nível
do ST003

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
ALP1	0.0343966	1.5514	0.609	321.28	22.65	6.5
2Q1	0.0357064	1.9434	0.564	111.56	16.70	12
Q1	0.0372185	2.6224	0.581	13.64	12.90	20
O1	0.0387307	10.6821	0.570	335.28	2.74	350
NO1	0.0402686	1.8453	0.567	125.71	17.34	11
K1	0.0417807	4.4388	0.503	62.02	7.14	78
EPS2	0.0761773	0.8275	0.393	57.06	30.64	4.4
MU2	0.0776895	3.1584	0.410	60.54	7.12	59
N2	0.0789992	4.7225	0.451	6.84	5.75	100
M2	0.0805114	28.2740	0.392	227.28	0.90	5200
L2	0.0820236	1.0548	0.439	191.77	24.69	5.8
S2	0.0833333	24.3625	0.464	45.41	0.96	2800
ETA2	0.0850736	1.1363	0.493	60.91	22.28	5.3
MO3	0.1192421	2.5788	1.045	76.21	22.82	6.1
M3	0.1207671	4.6140	0.982	64.48	11.73	22
SK3	0.1251141	1.9197	1.033	218.20	27.98	3.5
MN4	0.1595106	3.9056	0.860	98.87	14.13	21
M4	0.1610228	8.7903	0.941	82.71	5.82	87
MS4	0.1638447	4.9328	0.893	348.19	10.47	30
2MS6	0.2443561	0.4758	0.328	230.46	40.95	2.1

Tabela 12: Frequências encontradas nos dados de nível
de Penha

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
Q1	0.0372185	2.4132	0.417	114.85	9.27	34
RHO1	0.0374209	0.5895	0.377	242.64	38.22	2.4
O1	0.0387307	8.8670	0.352	348.75	2.53	630
P1	0.0415526	2.0539	0.450	354.04	11.79	21
S1	0.0416667	1.1426	0.424	25.74	17.71	7.3
K1	0.0417807	5.4217	0.394	55.87	3.76	190
2N2	0.0774871	1.7591	1.085	260.35	34.36	2.6
MU2	0.0776895	2.1402	1.110	344.04	33.61	3.7
N2	0.0789992	4.5907	1.088	126.94	16.34	18
M2	0.0805114	28.1197	1.146	261.17	2.11	600
S2	0.0833333	17.5111	1.067	210.29	3.76	270
K2	0.0835615	5.5192	1.191	74.89	11.89	21
MO3	0.1192421	2.5799	0.577	83.65	11.79	20
M3	0.1207671	5.2993	0.545	284.82	6.15	95
SO3	0.1220640	1.5534	0.509	147.95	21.70	9.3
MK3	0.1222921	1.7008	0.530	195.19	17.68	10
SK3	0.1251141	1.2108	0.547	310.34	24.34	4.9
MN4	0.1595106	2.7916	0.505	244.34	11.17	31
M4	0.1610228	7.6645	0.484	144.14	3.95	250
MS4	0.1638447	3.6645	0.552	189.35	8.55	44

Tabela 12: Frequências encontradas nos dados de nível
de Penha

Constante Harmônica	Freq.	Amplitude (cm)	Erro de Ampl.	Fase	Erro de Fase	SNR
MK4	0.1640729	1.0341	0.651	42.41	31.48	2.5
2MK5	0.2028035	0.5157	0.240	281.05	28.78	4.6
2MS6	0.2443561	0.3173	0.145	89.39	32.33	4.8

FEMAR-FUNDAÇÃO DE ESTUDOS DO MAR *Catálogo de Estações Maregráficas Brasileiras*

Nome da Estação :	PENHA – SC						
Localização :	No trapiche da Cia. Pesca Krause						
Organ. Responsável :	DHN						
Latitude :	26° 46,2' S		Longitude :	48° 39,1' W			
Período Analisado :	20/08/74 a 20/09/74		Nº de Componentes :	36			
Análise Harmônica :	Método Tidal Liverpool Institute						
Classificação :	Maré de Desigualdades Diurnas						
Estabelecimento do Porto: (HWF&C)	I H 57 min		Nível Médio (Zo):	68 cm acima do NR.			
Média das Preamares Superiores (MHHW) :	124 cm acima do NR.		Média das Preamares Inferiores (MLHW) :	103 cm acima do NR.			
Média das Baixa-mares Superiores (MHLW) :	32 cm acima do NR.		Média das Baixa-mares de Inferiores (MLLW) :	13 cm acima do NR.			
CONSTANTES HARMÔNICAS SELECIONADAS							
Componentes	Semi-amplitude (H) cm	Fase (g) graus (°)	Componentes	Semi-amplitude (H) cm	Fase (g) graus (°)		
Sa	-	-	MU₂	3,1	143		
Ssa	-	-	N₂	5,5	317		
Mm	21,2	110	NU₂	1,1	317		
Mf	-	-	M₂	26,3	067		
MTM	-	-	L₂	0,8	225		
Msf	6,9	004	T₂	1,1	064		
Q₁	3,8	218	S₂	19,4	064		
O₁	11,7	069	K₂	5,3	064		
M₁	0,5	254	MO₃	1,7	027		
P₁	2,6	144	M₃	5,5	188		
K₁	7,9	144	MK₃	0,6	080		
J₁	1,5	068	MN₄	3,8	234		
OO₁	0,7	142	M₄	8,1	121		
MNS₂	-	-	SN₄	0,9	356		
2N₂	0,7	207	MS₄	3,3	213		
Referências de Nível: RN-1: situada no inicio do trapiche onde está montada a casa da bomba. RN-2: na escada de acesso à fábrica de gelo							
Obs: Não há referências a outros períodos							

Código BNDO: 60224

- 263 -

Figura 34 – Constantes harmônicas definidas na estação maregráfica brasileira da FEMAR (FEMAR, 2016)

Tabela 13: Comparações entre as constantes harmônicas encontradas nos pontos ST001, ST002, ST003 e Penha com as constantes definidas pela FEMAR (FEMAR, 2016)

Constantes	FEMAR	ST001	ST002	ST003	Penha
Constante	FEMAR	ST001	ST002	ST003	Penha
MM	21,2	-	-	-	-
Msf	6,9	-	-	-	-
Q1	3,8	2,7	2,8	2,6	2,4
O1	11,7	10,77	10,65	10,68	8,9
M1	0,5	-	-	-	-
P1	2,6	-	-	-	2,0
K1	7,9	4,8	4,7	4,4	5,4
J1	1,5	-	-	-	-
001	0,7	-	-	-	-
2N2	0,7	-	-	-	-
MU2	3,1	2,8	3,0	3,2	2,1
N2	5,5	5,2	5,2	4,7	4,6
NU2	1,1	-	-	-	-
M2	26,3	28,3	28,1	28,3	28,1
L2	0,8	-	1,2	1,0	-
T2	1,1	-	-	-	-
S2	19,4	23,9	23,9	24,4	17,5
K2	5,3	-	-	-	5,5

Tabela 13: Comparações entre as constantes harmônicas encontradas nos pontos ST001, ST002, ST003 e Penha com as constantes definidas pela FEMAR (FEMAR, 2016)

Constantes	FEMAR	ST001	ST002	ST003	Penha
MO3	1,7	2,4	2,4	2,6	2,6
M3	5,5	4,8	4,8	4,6	5,3
MK3	0,6	-	-	-	1,7
MN4	3,8	3,9	3,9	3,9	2,8
M4	8,1	8,9	8,8	8,8	7,7
SN4	0,9	-	-	-	-
MS4	3,3	5,0	5,0	4,9	3,7

A importância relativa das constituintes diurnas e semidiurnas pode ser expresso pelo número de Forma (*Form Factor*, F) de acordo com as constantes harmônicas, definido por (PUGH, 1987):

$$F = \frac{H_{K1} + H_{O1}}{H_{M2} + H_{S2}} \quad (4.1)$$

Onde:

H_{K1} : é a amplitude da componente lunisolar diurna;

H_{O1} : é a amplitude da componente principal lunar diurna;

H_{M2} : é a amplitude da componente principal lunar;

H_{S2} : é a amplitude da componente principal solar.

e:

Se F estiver entre 0 e 0.25 a maré tem forma semidiurna;

Se F estiver entre 0.25 e 1.5 a maré é considerada mista com predominância semidiurna;

Se F estiver entre 1.5 e 3 a maré é considerada mista com predominância diurna;

Se F for maior que 3 a maré é puramente diurna.

Os números de forma encontrados para os dados medidos podem ser observados na tabela 14 e, portanto, a maré na Enseada de Itapocorói e arredores pode ser considerada do tipo mista com uma predominância semidiurna. Vale ressaltar no entanto que, pelo baixo valor de número de forma encontrado, pode-se notar a alta influência das componentes semidiurna sobre as componentes diurnas. Os dados de Penha apresentaram uma maior influência das componentes diurnas sobre as semidiurnas quando comparados com os dados de Piçarras.

Tabela 14: Número de Forma para cada um dos dados analisados

Local	Número de Forma
ST001	0,2978
ST002	0,2962
ST003	0,2873
Penha	0,3131

Também é possível observar a grande influência das componentes semidiurnas na figura 35 onde estão apresentados os resultados de uma Transformada Rápida de Fourier (FFT). Primeiramente deve-se notar que apesar de os dados terem um tempo de medições diferentes (1 ano para Penha e 1 mês para Piçarras), os resultados de espectro se mostraram muito semelhantes. É possível perceber que existem quatro picos de energia distintos cujos períodos associados a esses picos são de 25,5, 24, 12,5, 8,2 e 6,2 horas.

O maior pico de energia em ambos os dados analisados estava localizado no período aproximado de 12,5 horas indicando a predominância semidiurna, como já foi verificado anteriormente. As componentes diurnas, terciadiurnas e quaterdiurnas se apresentaram com picos de energia semelhantes entre si, sem predominância. No dado de Penha, é possível identificar dois picos

de energia distintos: um em 24h e um em 25,5h. Esses picos não podem ser distinguidos nos dados do ADCP, devido à sua pequena amostragem em comparação com a medição em Penha. Outro resultante interessante é que, em ambos os gráficos, existe uma energia considerável em períodos maiores que 25 horas, mas que não pode ser bem identificada no espectro. Verificou-se que energias com períodos maiores que 50h representaram 27,5 % dos dados analisados.

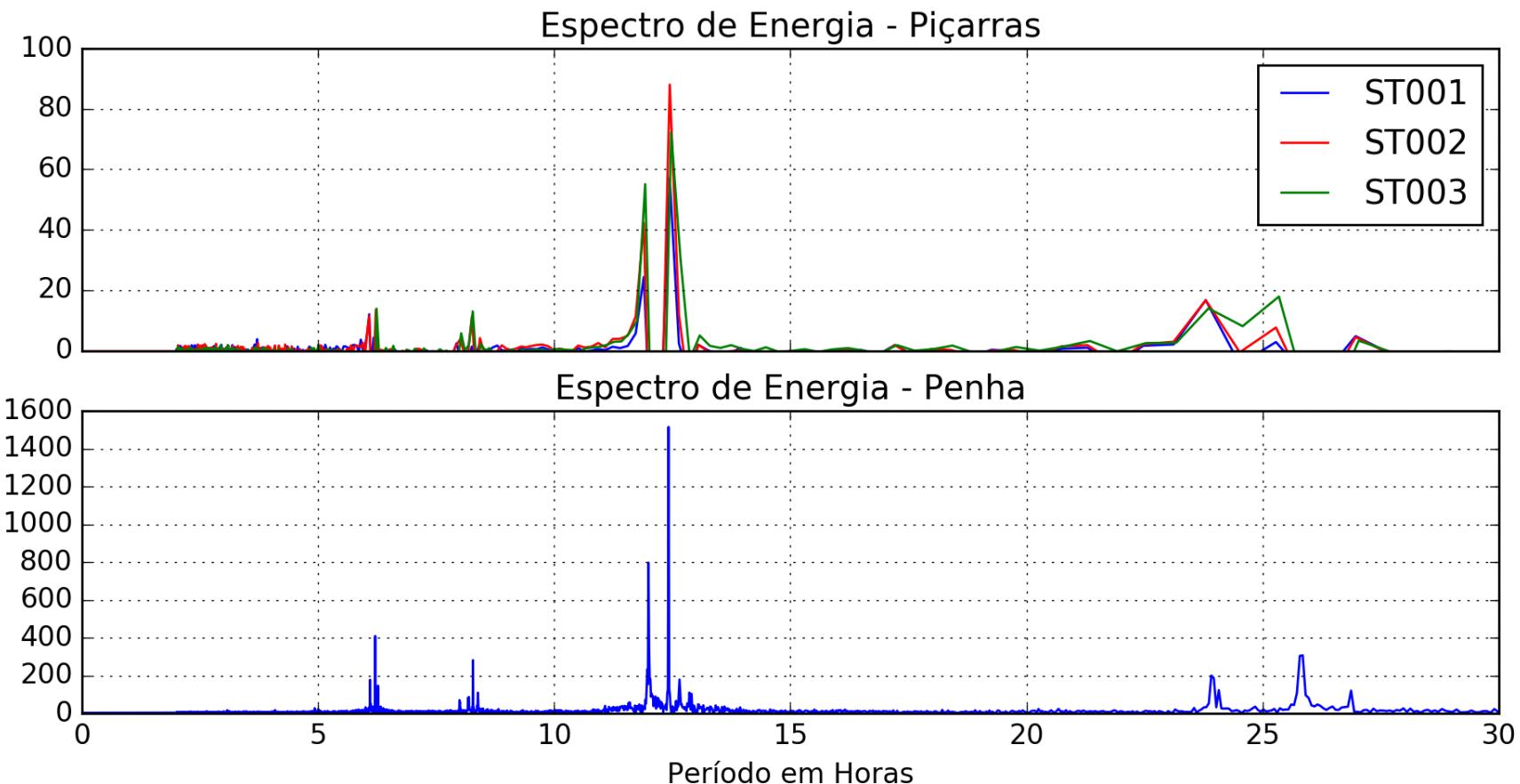


Figura 35 – Espectro de energia em Piçarras e Penha

4.2.2 Temperatura

Os dados de temperatura obtidos pelos ADCPs podem ser observados na figura 36. Existe uma mudança brusca no comportamento da variável ao longo dos três pontos. No ponto ST001, mais próximo da praia e na menor profundidade, possui uma grande variação de temperatura ao longo do mês. A temperatura chegou próximo a 17°C no dia 24 de Agosto (18h) e ultrapassou os 20°C em 19 de Setembro (23h). No ponto ST003 a variação foi de apenas 1,05°C em todo o período analisado enquanto o ponto ST002 permaneceu com características intermediárias (Tabela 15).

Deve-se notar que as temperaturas mínimas foram bastante semelhantes (menos de 0,5 °C de diferença) enquanto a temperatura máxima foi onde as diferenças foram maiores. Dado que a variação de temperatura do ponto ST003 foi mais de 3 vezes a variação encontrada no ponto ST001, assume-se que o segundo tem uma grande influência do aquecimento local, e possivelmente do vento, dada a sua pequena profundidade 4 m. Já o ponto ST003, localizado na profundidade de 17 m, tem um padrão homogêneo possivelmente só sendo afetado por massas de água externas.

Buscou-se tentar encontrar correlações entre a direção do vento predominante e dos dados de temperatura porém apesar de haver alguns indícios de que a variação do vento de NO-N para S poderia ter influência no pico de temperatura no ST001, de forma geral os resultados não apresentaram um padrão evidente.

Tabela 15: Características dos dados de temperatura.

Equipamento	Mínimo	Máximo	Média	Variação Máxima
ST001	17,02°C	20,61°C	18,02°C	3,59°C
ST002	17,23°C	19,67°C	18,19°C	2,44°C
ST003	17,40°C	18,45°C	17,89°C	1,05°C

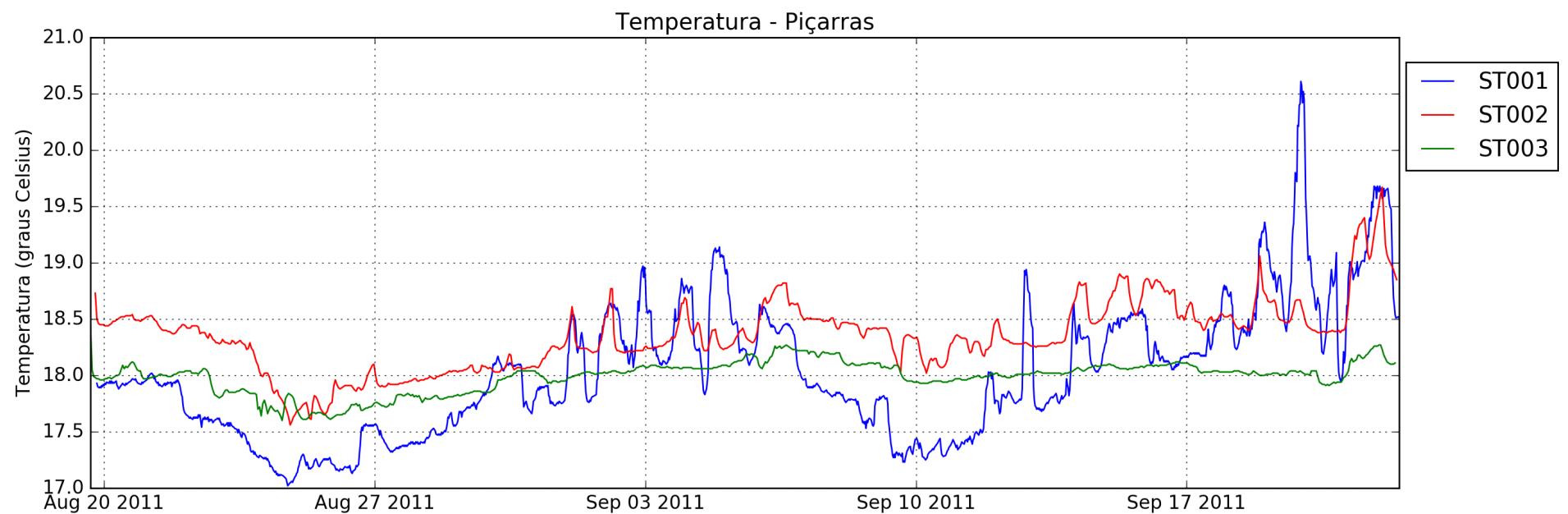


Figura 36 – Dados de temperatura

4.2.3 Corrente

Nas figuras 37, 38 e 39 podem ser observadas as rosas de corrente integradas na vertical para os pontos ST001, ST002 e ST003, respectivamente. Das figura 49 à 73, estão apresentadas as rosas de vento de cada ADCP por camada. Demais análises por camadas podem ser encontradas nos Apêndices.

Em termos de velocidades integradas na coluna, as correntes apresentam velocidades muito baixas, abaixo de 20 cm.s^{-1} na maior parte do tempo. Entretanto, nota-se que a maior parte das correntes fica abaixo de 10 cm.s^{-1} (Figuras 40 a 42). É possível notar nas figuras 43 a 45 que em 90% do tempo, as velocidades ficam abaixo de 8 cm.s^{-1} nos pontos ST001 e ST002 e abaixo de 21 cm.s^{-1} em ST003.

As figuras 46 a 48 apresentam na parte superior os vetores indicando a direção e magnitude das correntes e na parte inferior a velocidade. Enquanto nos pontos ST001 e ST002 não foi possível associar os episódios de grande velocidade com direções predominantes, no ponto ST003 percebe-se que as correntes que atigiram velocidades acima de 15 cm.s^{-1} estão associadas a correntes de sudeste.

Em ST001 as correntes se apresentaram mais fortes na superfície (Figura 51), com direção predominante para NE, enquanto perto do fundo (Figura 49) as velocidades ficaram abaixo de 10 cm.s^{-1} . Correntes para O são praticamente ausentes em todas as camadas.

Em ST002 a velocidade é melhor distribuída ao longo da coluna de água, embora as direções variem de um eixo ENE-WSW perto do fundo para uma distribuição mais homogênea de direções próximo da superfície.

ST003 apresenta predominância de correntes de S-SSE em praticamente todas as camadas mais intensas na superfície, acima de 35 cm.s^{-1} e menos intensas perto do fundo, normalmente abaixo de 30 cm.s^{-1} .

Vale ressaltar que os episódios de velocidade acima de 25 cm.s^{-1} nas camadas de ST001 e ST002 não aconteceram no mesmo período de tempo. Tudo isso indica que diferentes processos regem as correntes em cada uma das regiões analisadas.

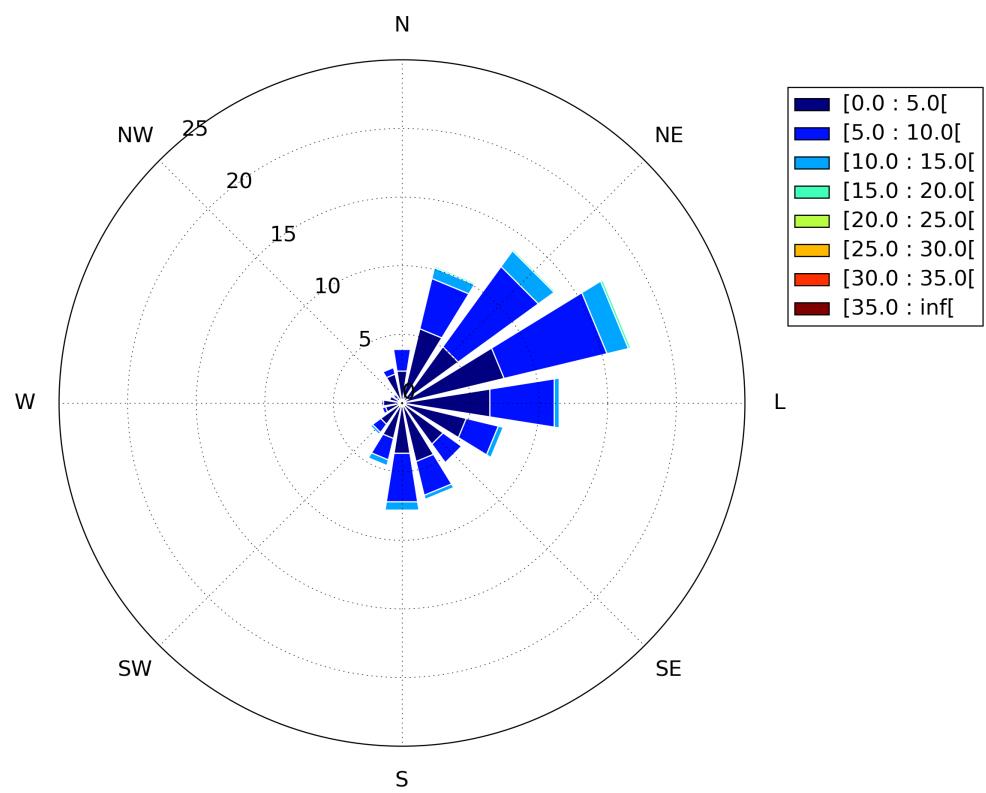


Figura 37 – Rosa de correntes no ponto ST001 integrada na vertical (em centímetros)

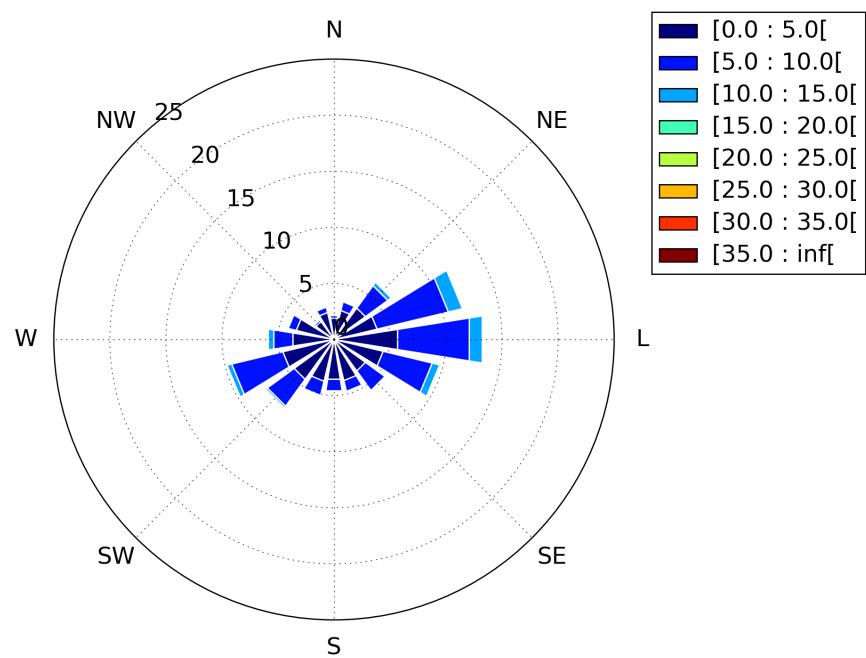


Figura 38 – Rosa de correntes no ponto ST002 integrada na vertical (em centímetros)

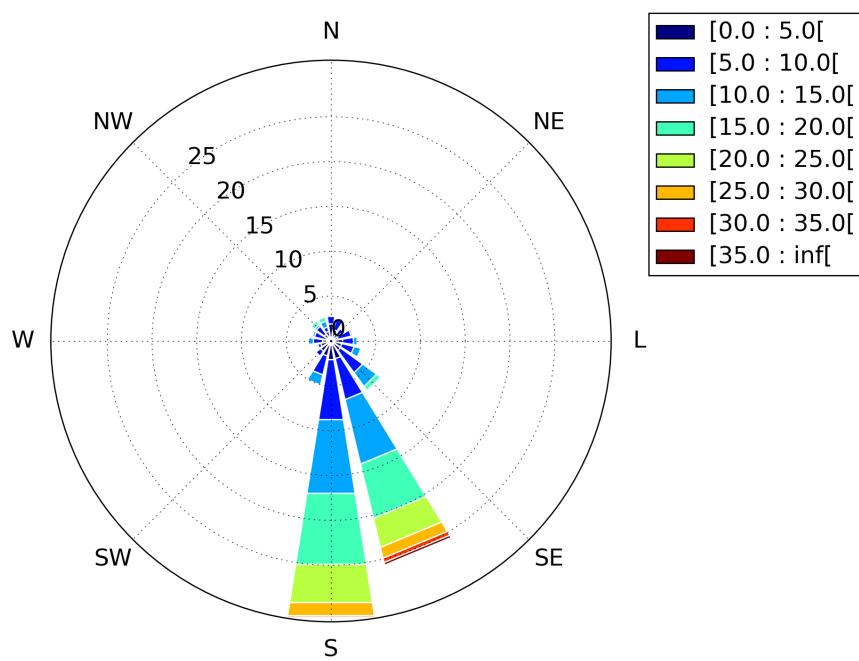


Figura 39 – Rosa de correntes no ponto ST003 integrada na vertical (em centímetros)

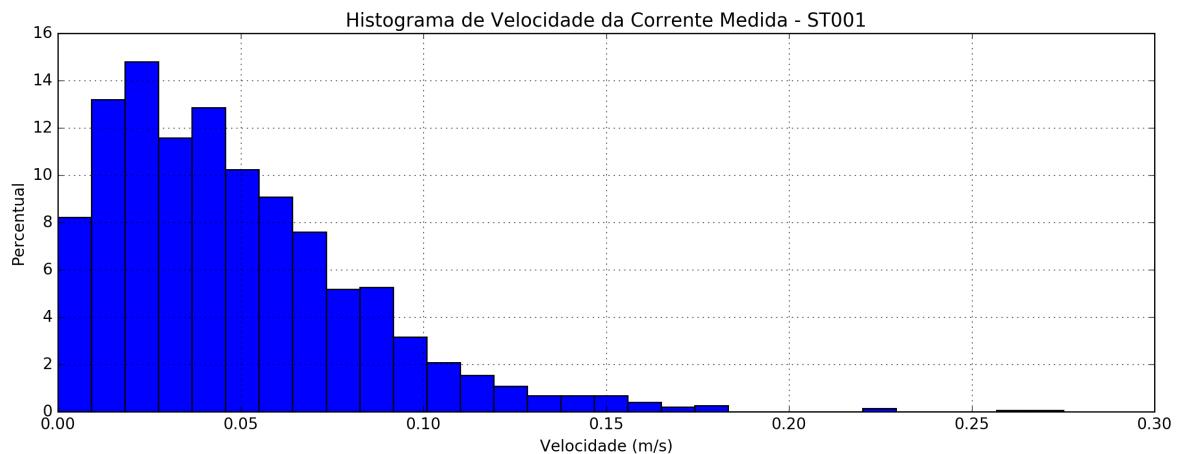


Figura 40 – Histograma da velocidade de corrente no ponto ST001 integrada na vertical

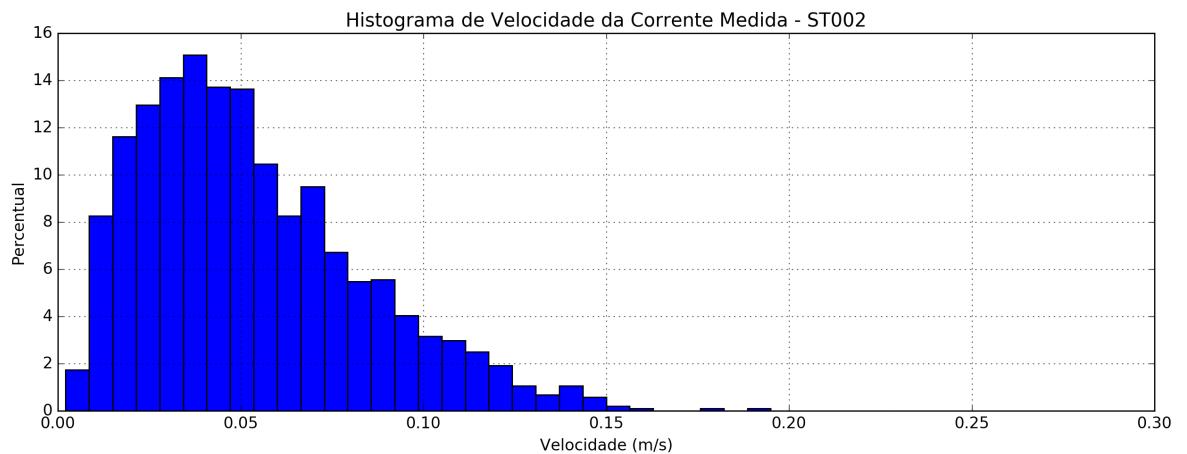


Figura 41 – Histograma da velocidade de corrente no ponto ST002 integrada na vertical

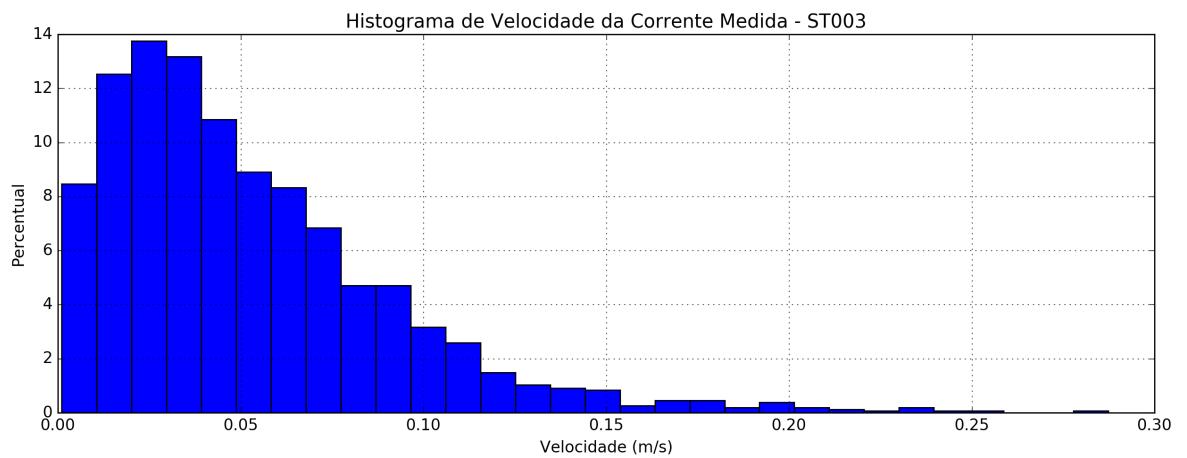


Figura 42 – Histograma da velocidade de corrente no ponto ST003 integrada na vertical

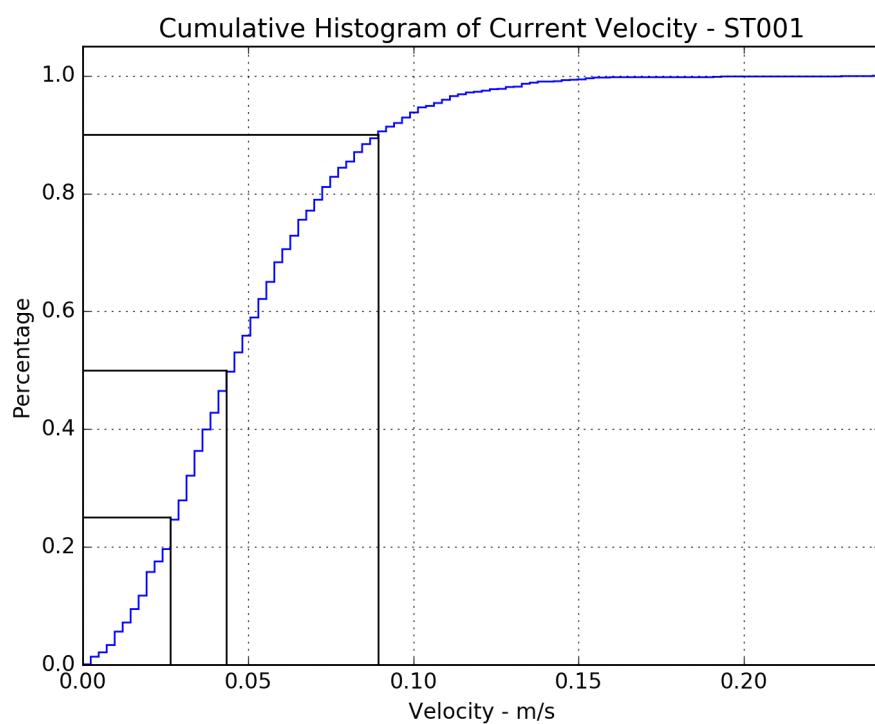


Figura 43 – Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST001. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%

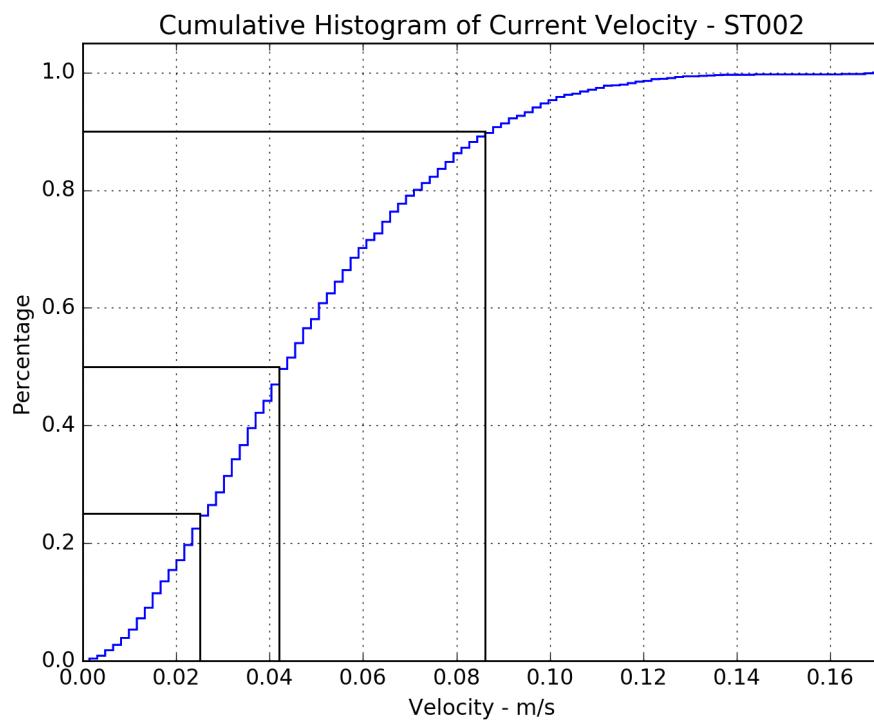


Figura 44 – Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST002. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%

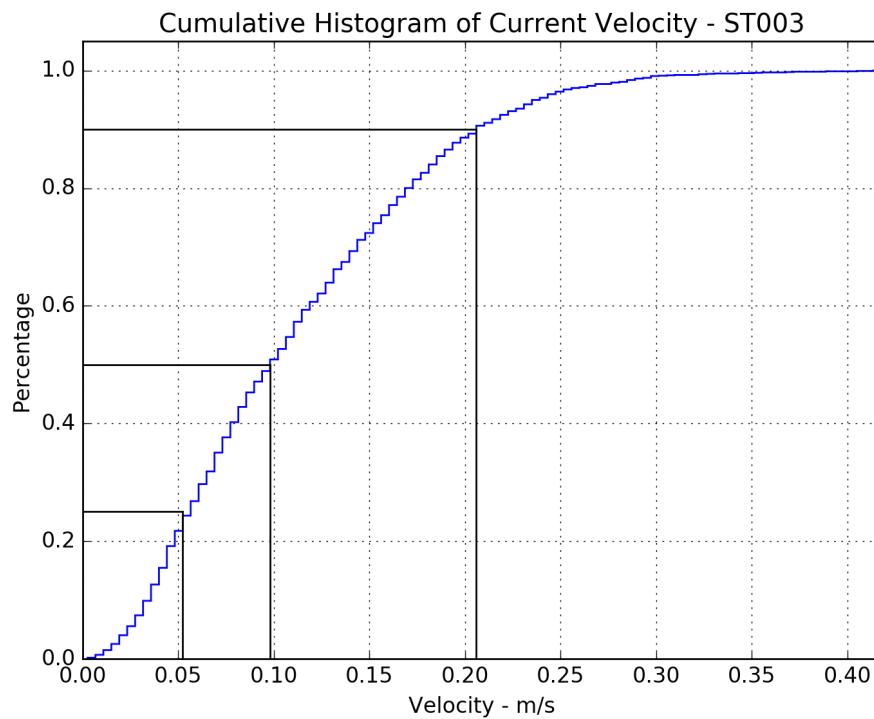


Figura 45 – Histograma cumulativo da velocidade da corrente em $m.s^{-1}$ no ST003. Linhas em preto indicam os quartis de 25, 50 e 90%

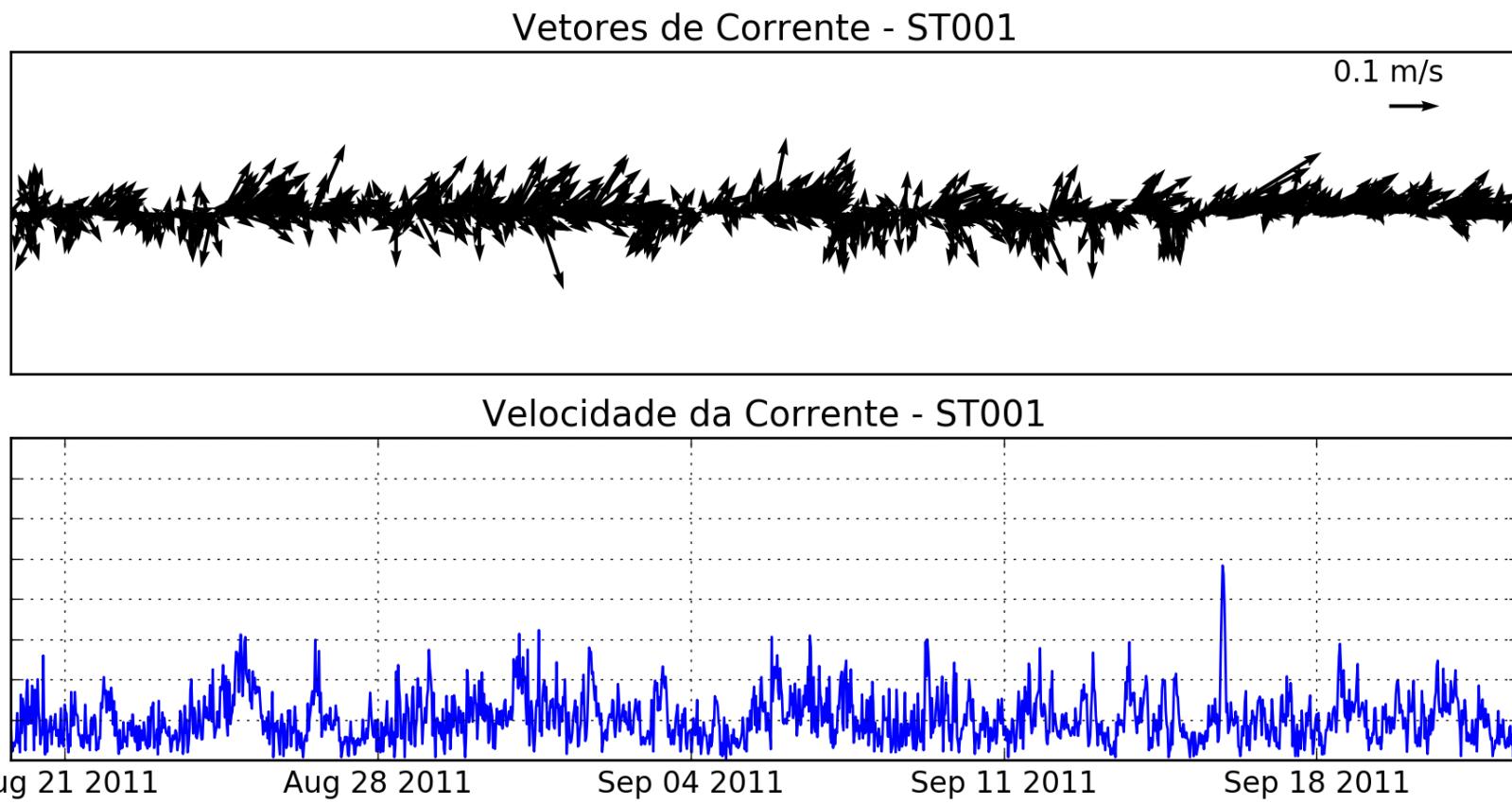
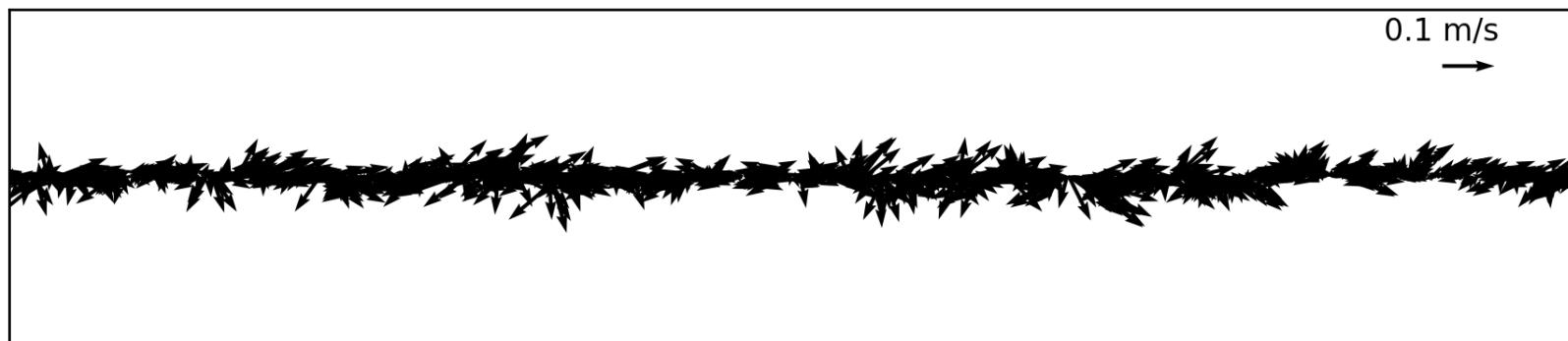


Figura 46 – Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST001

Vetores de Corrente - ST002



Velocidade da Corrente - ST002

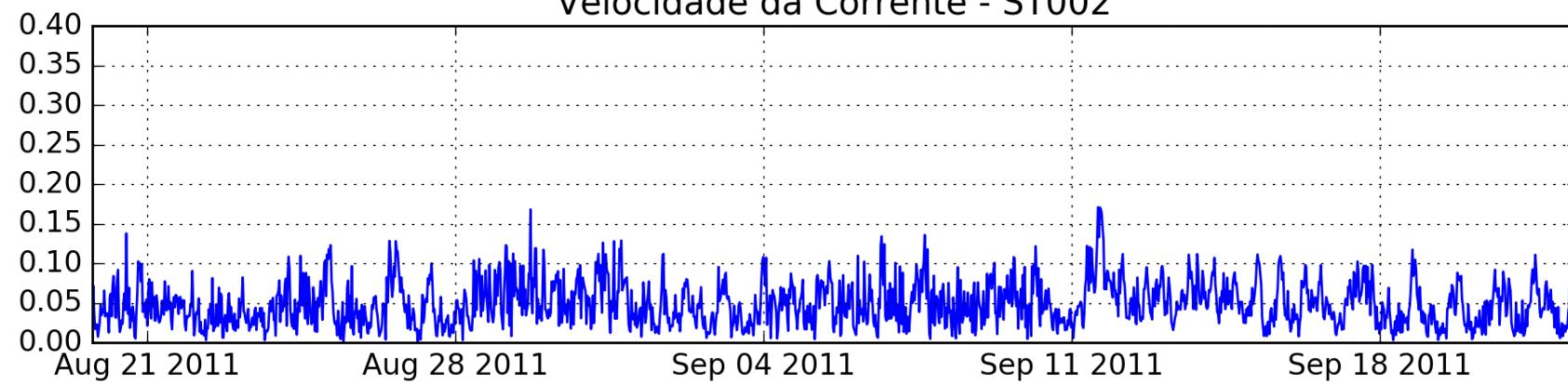


Figura 47 – Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST002

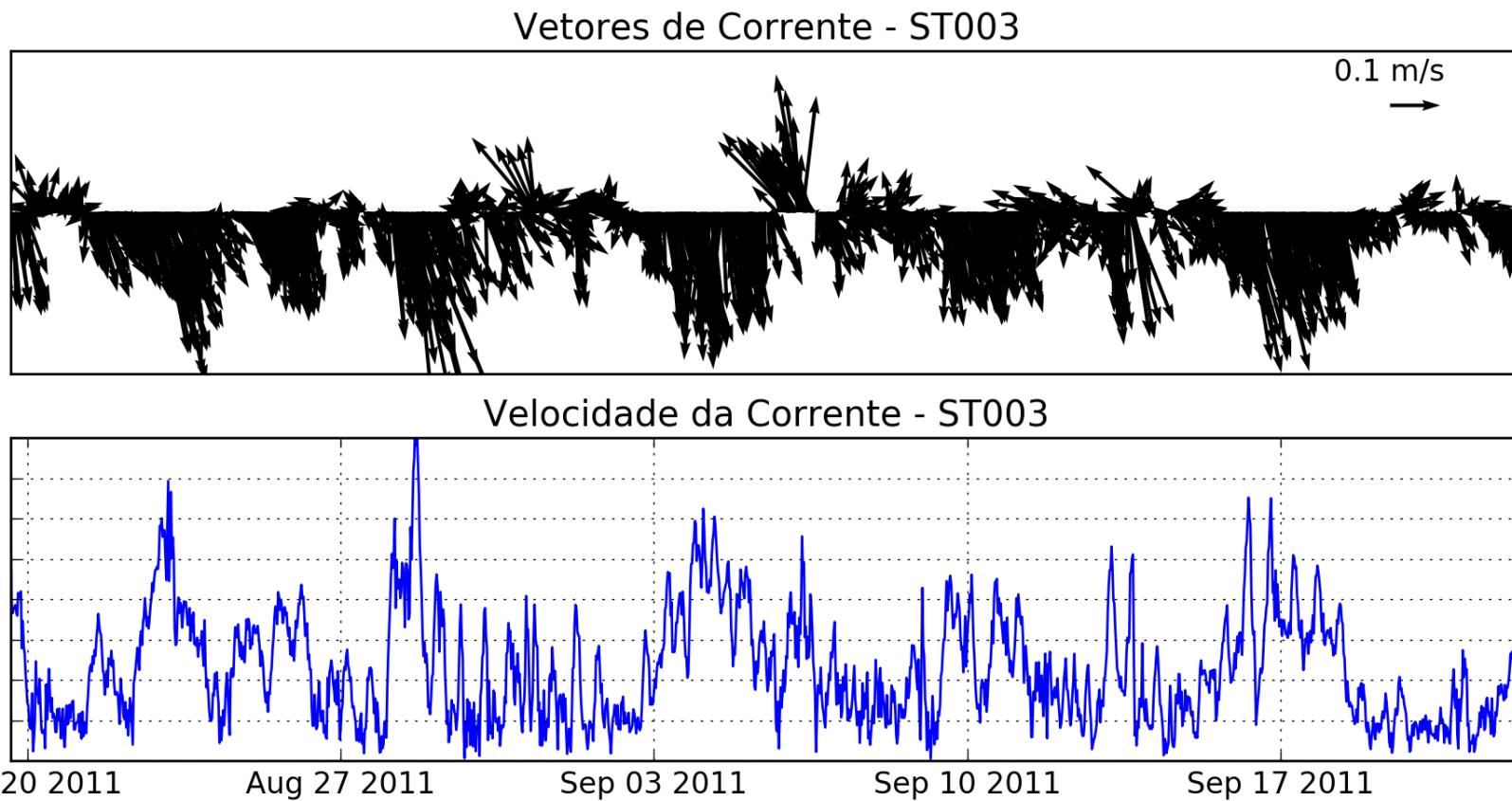


Figura 48 – Direção predominante e velocidade das correntes no ponto ST003

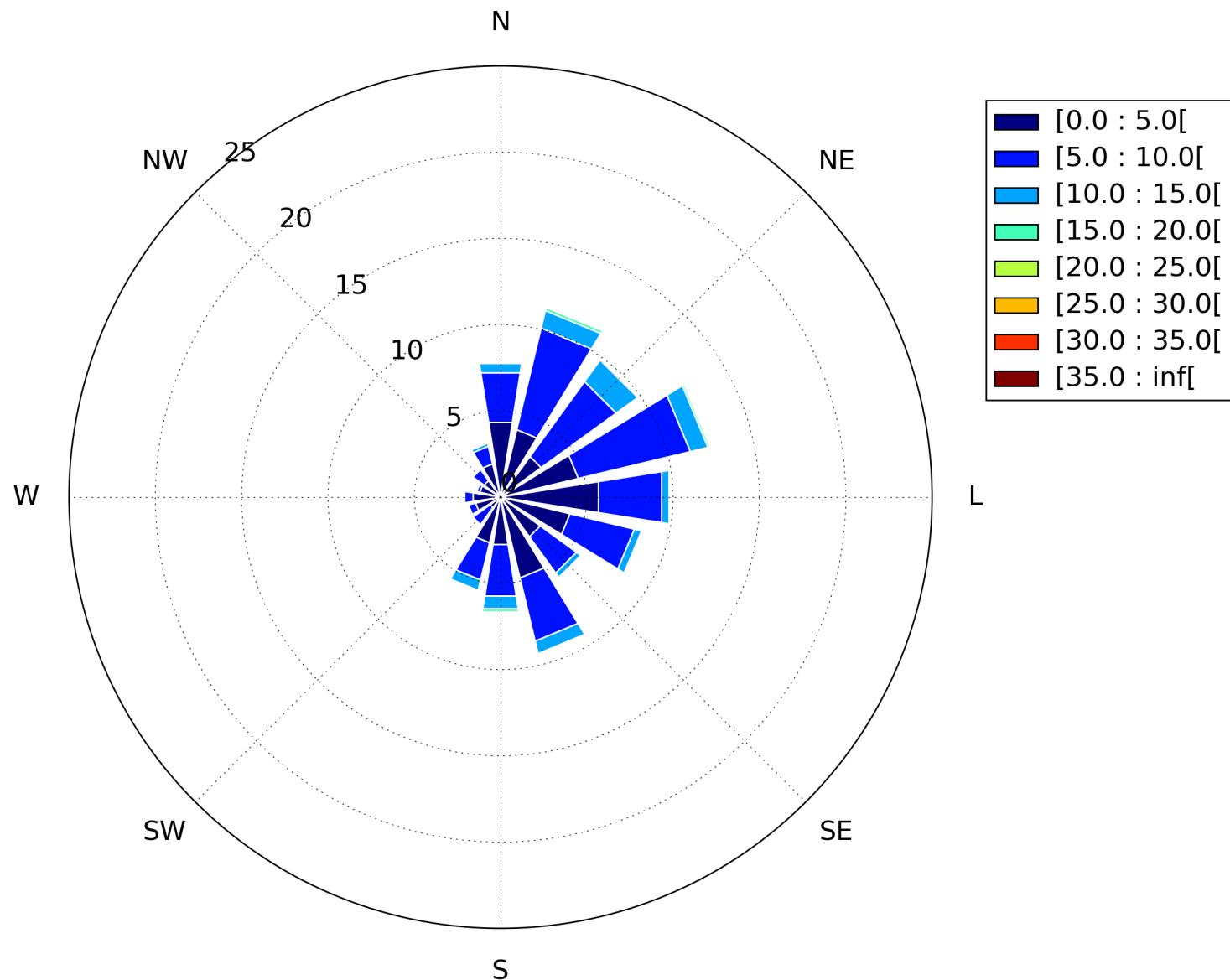


Figura 49 – Rosa de correntes no ponto ST001 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)

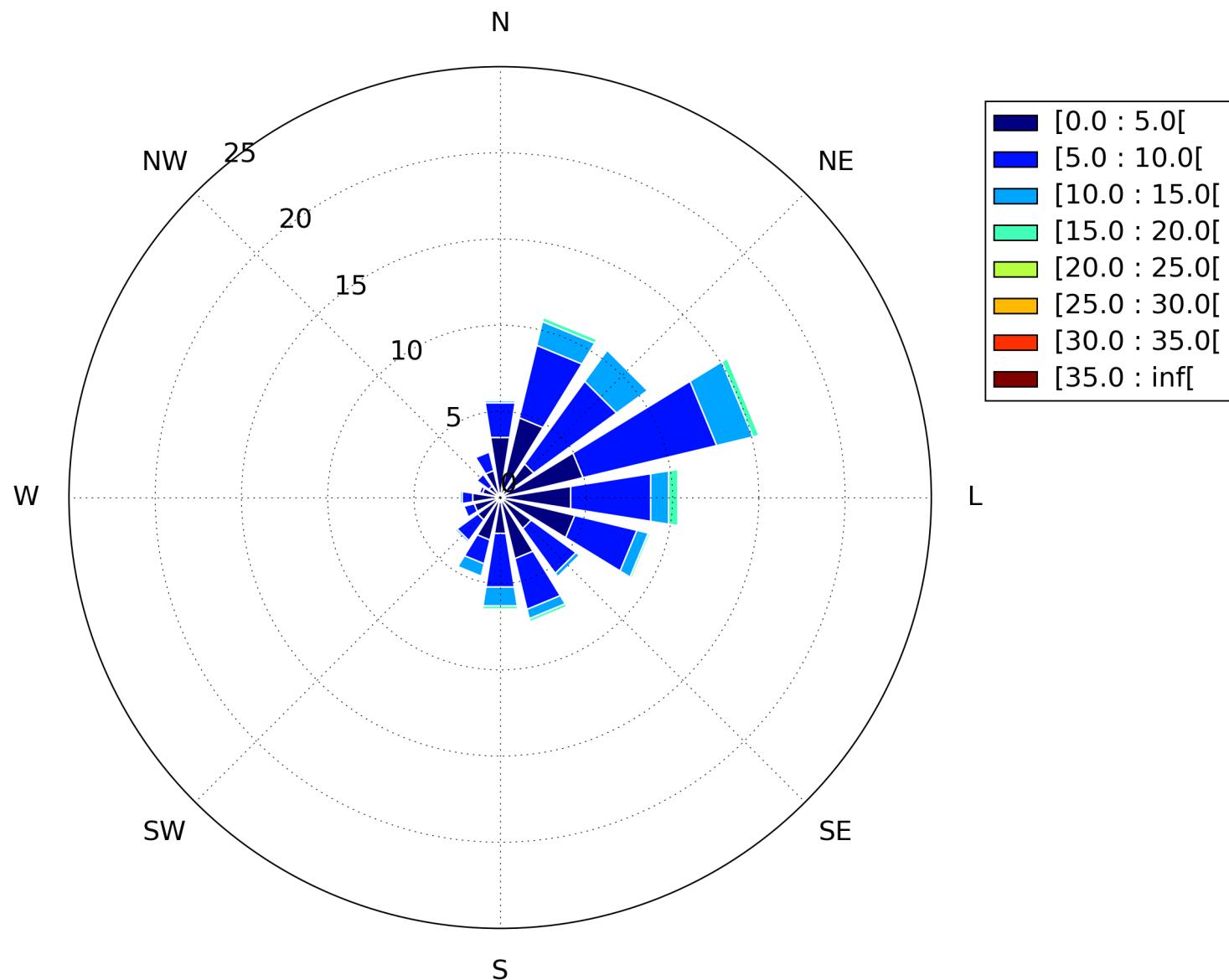


Figura 50 – Rosa de correntes no ponto ST001 célula 2 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

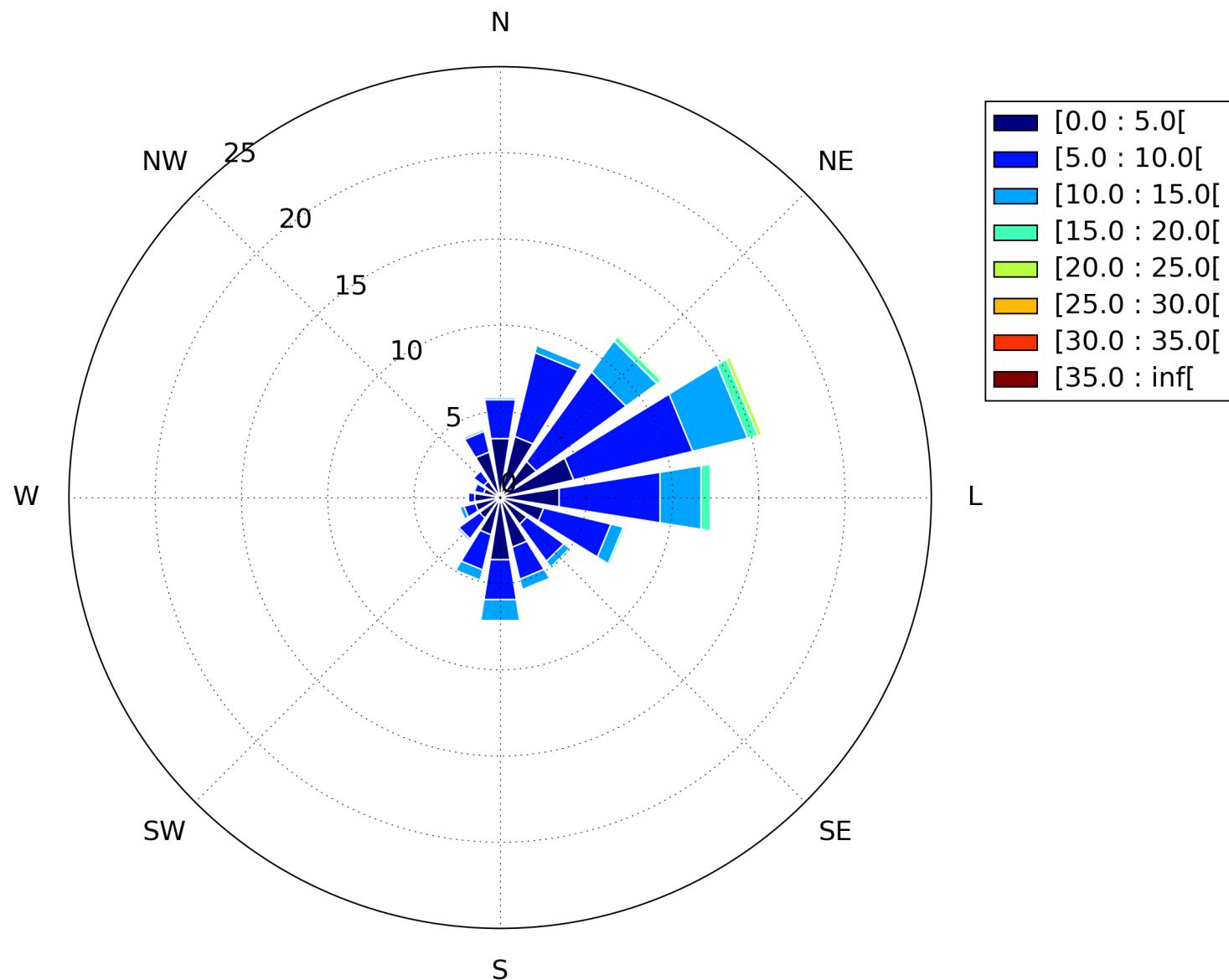


Figura 51 – Rosa de correntes no ponto ST001 célula 3 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

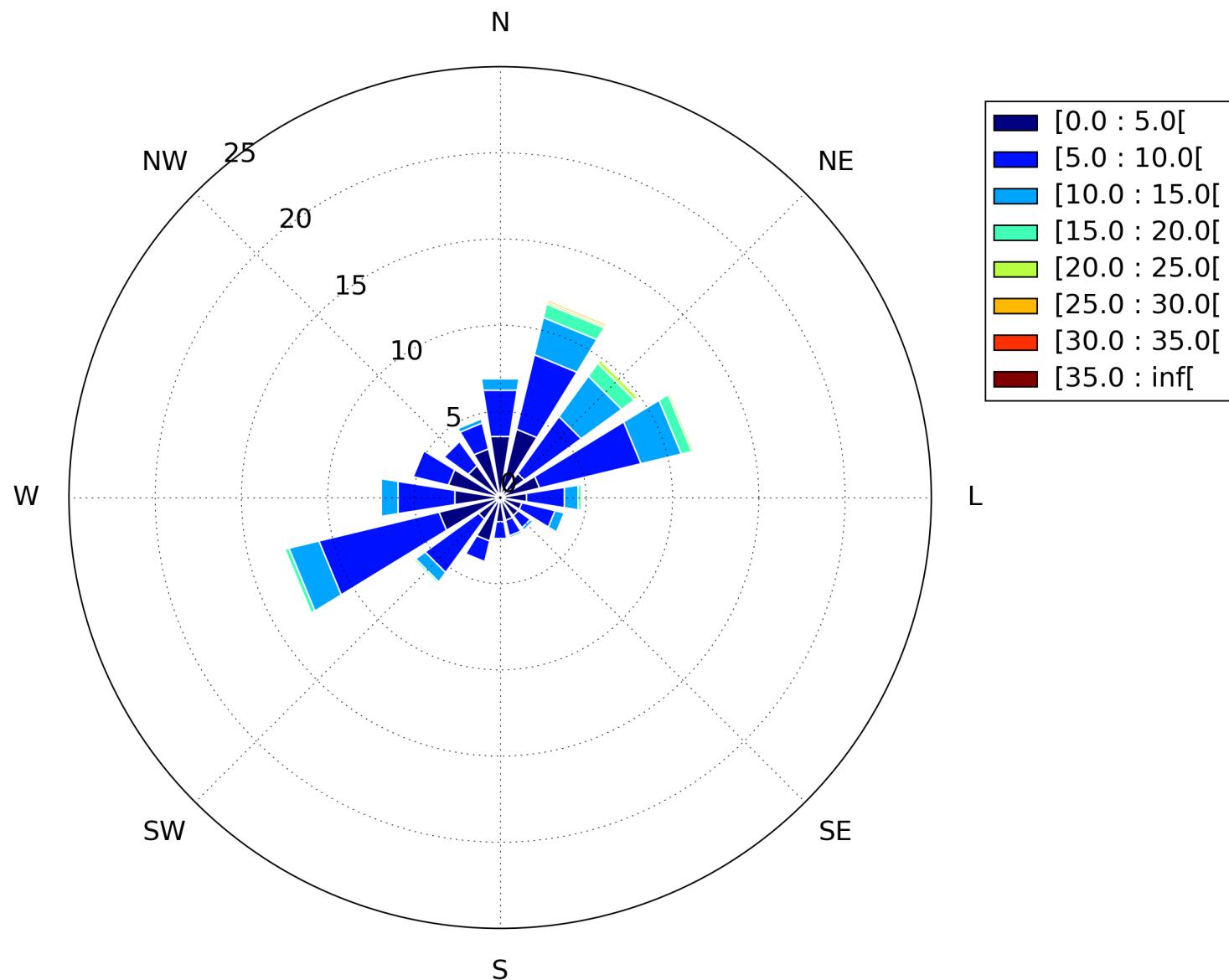


Figura 52 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 1 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

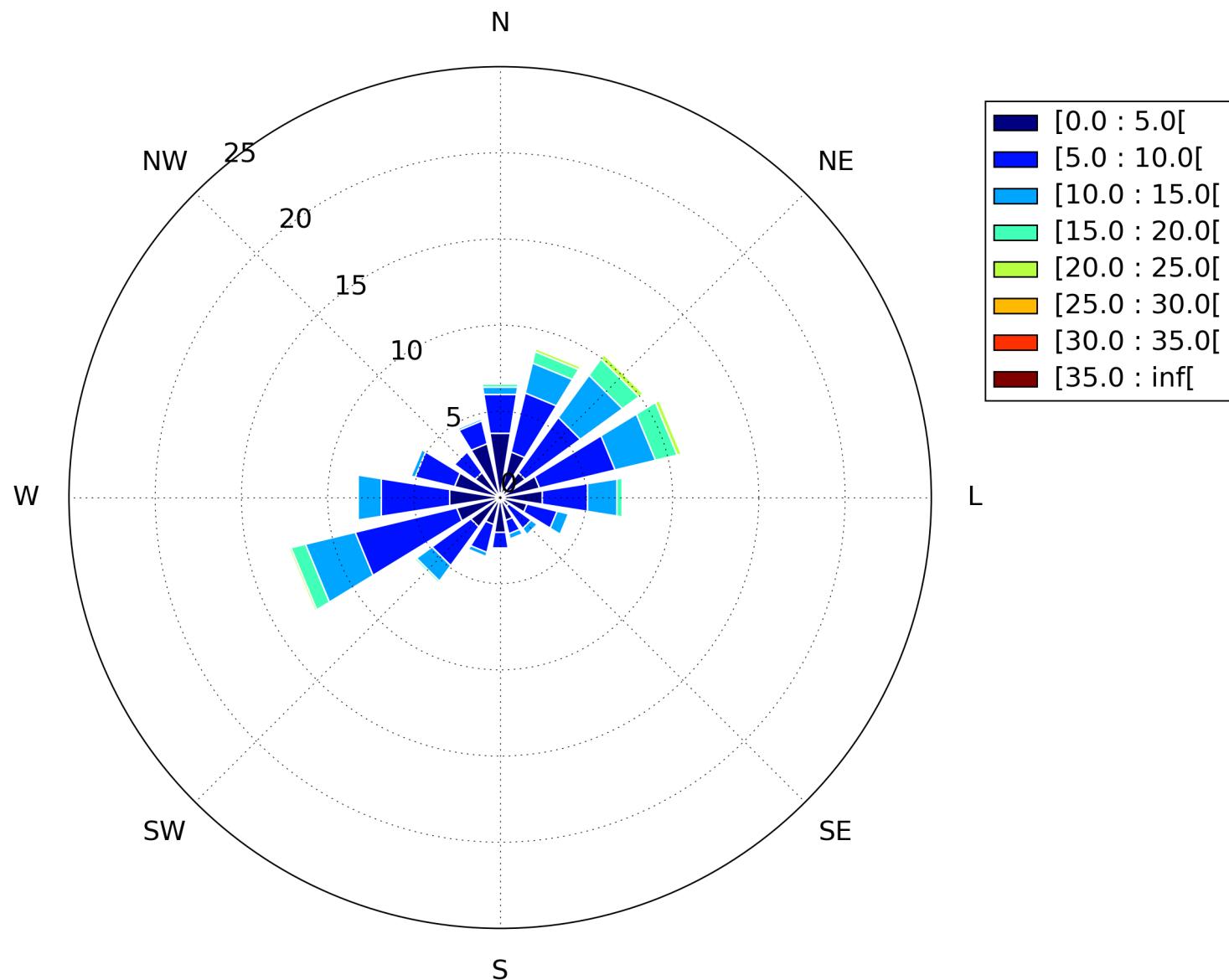


Figura 53 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)

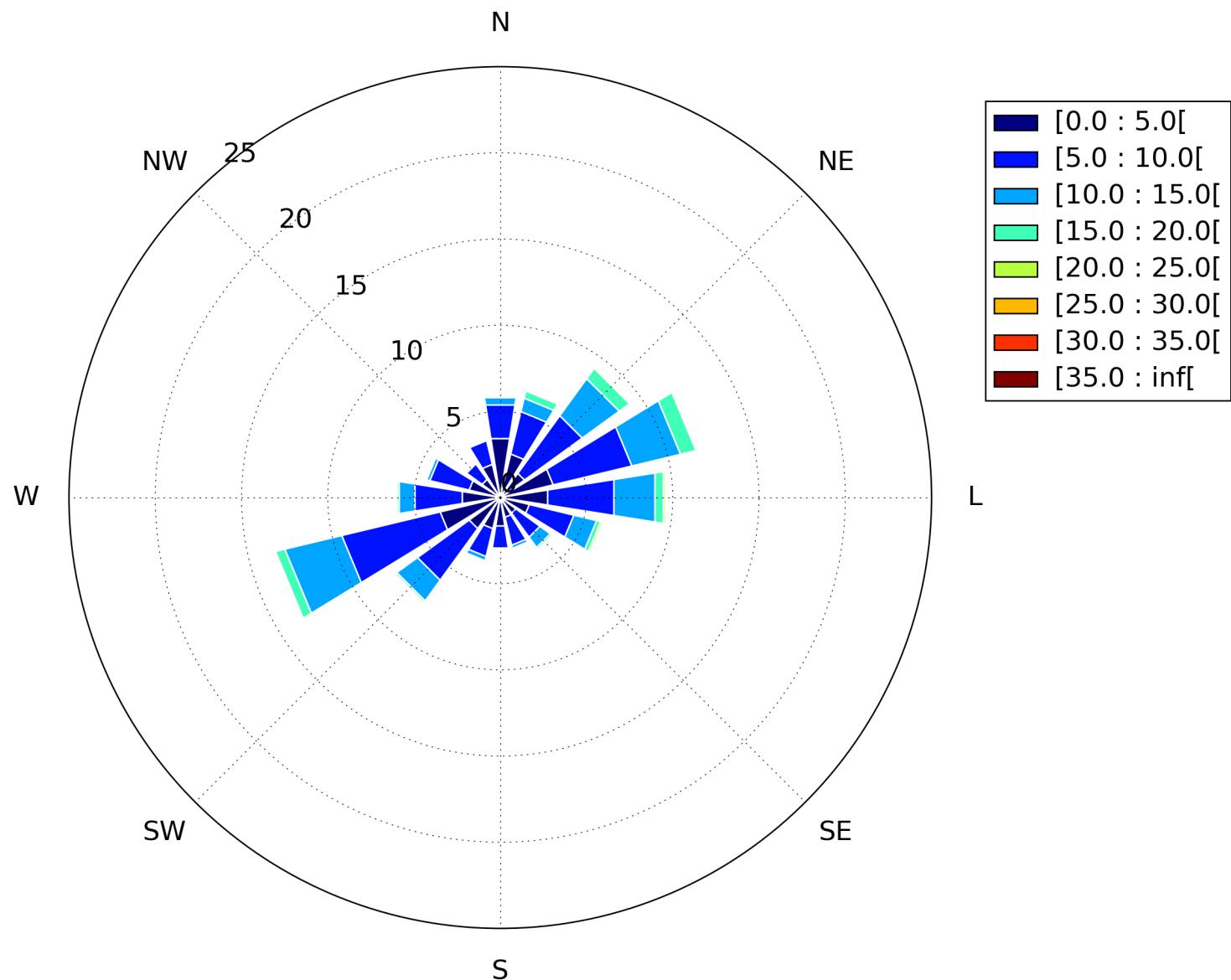


Figura 54 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)

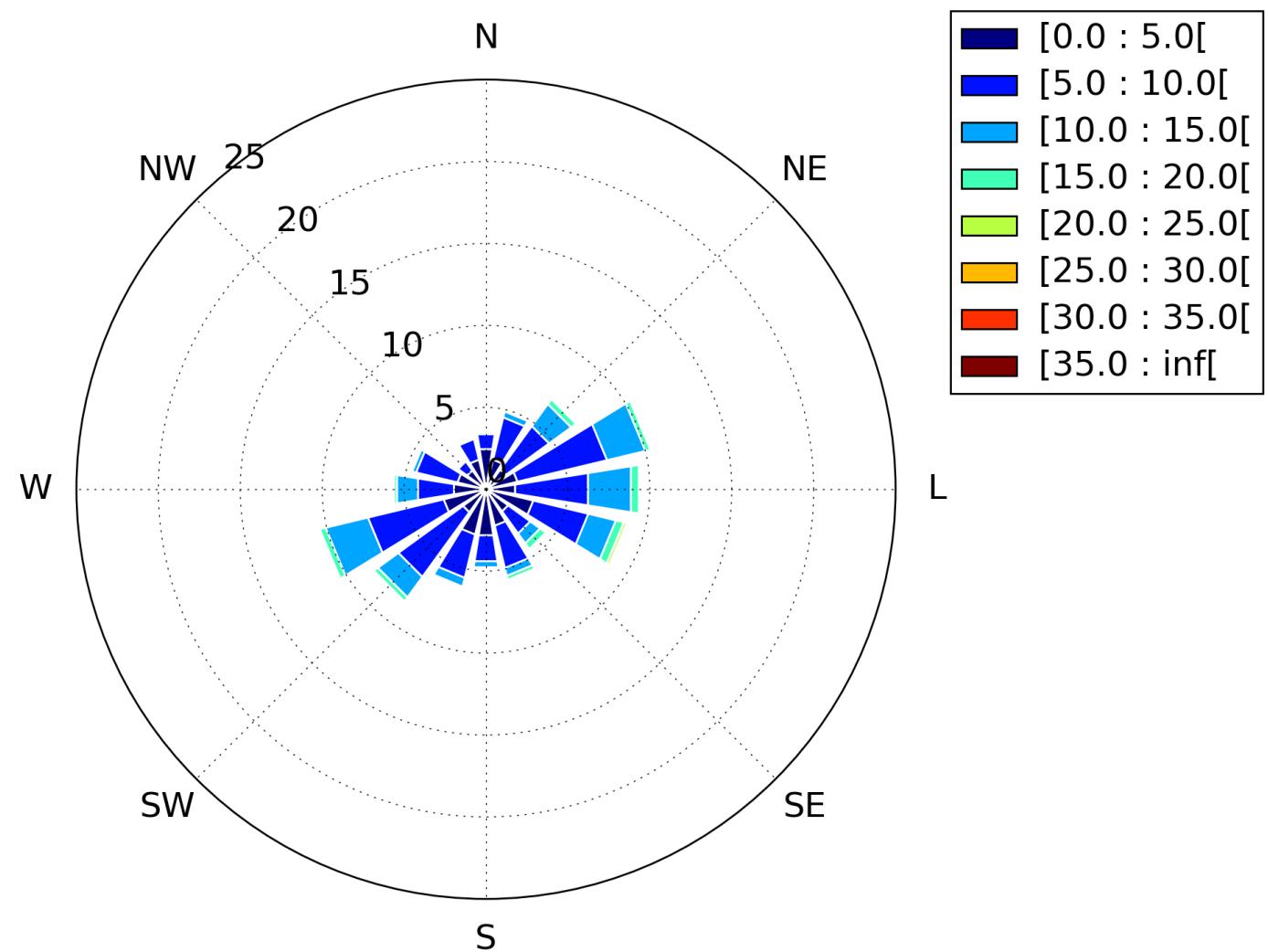


Figura 55 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 4 (em $cm.s^{-1}$)

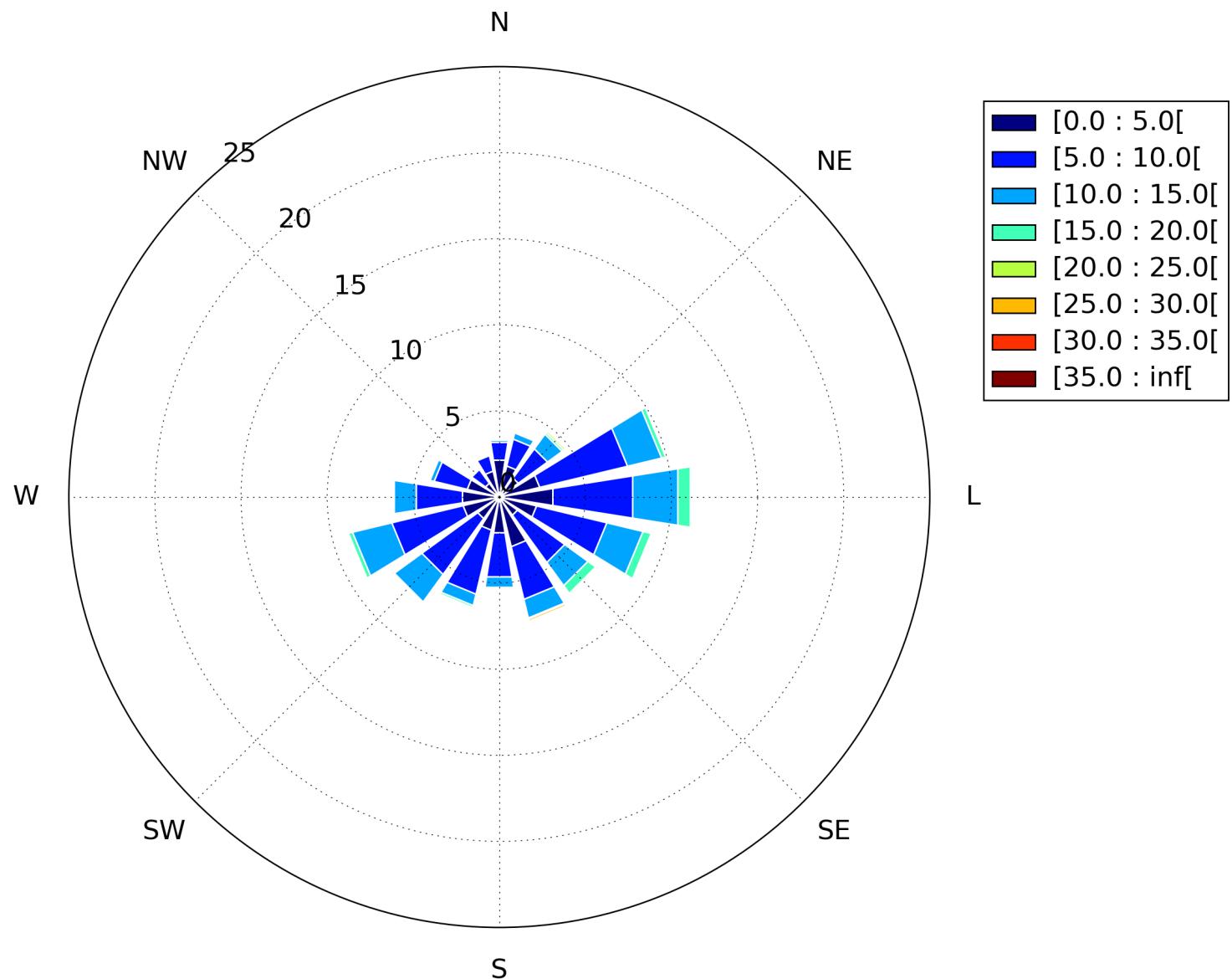


Figura 56 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 5 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

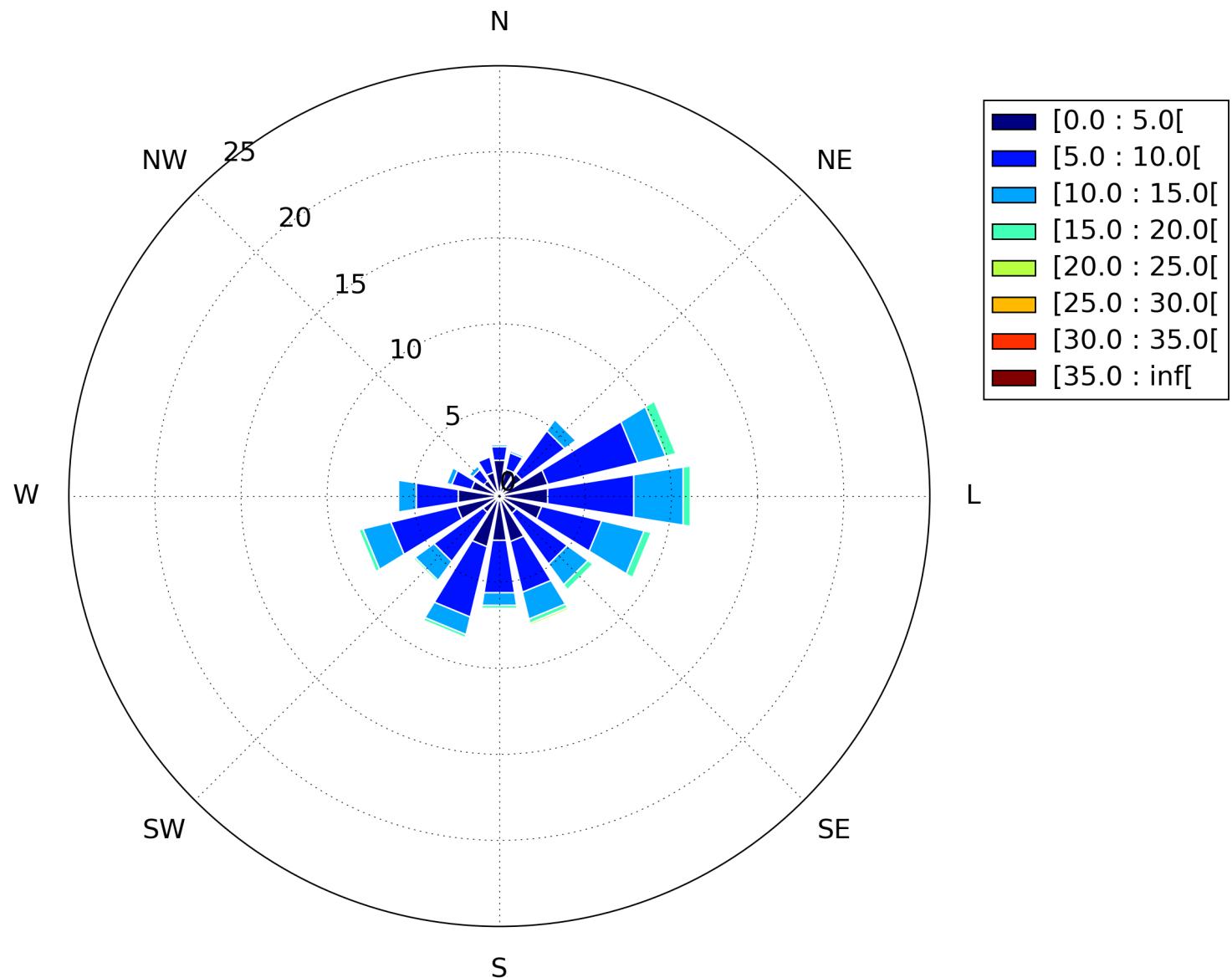


Figura 57 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 6 (em $cm.s^{-1}$)

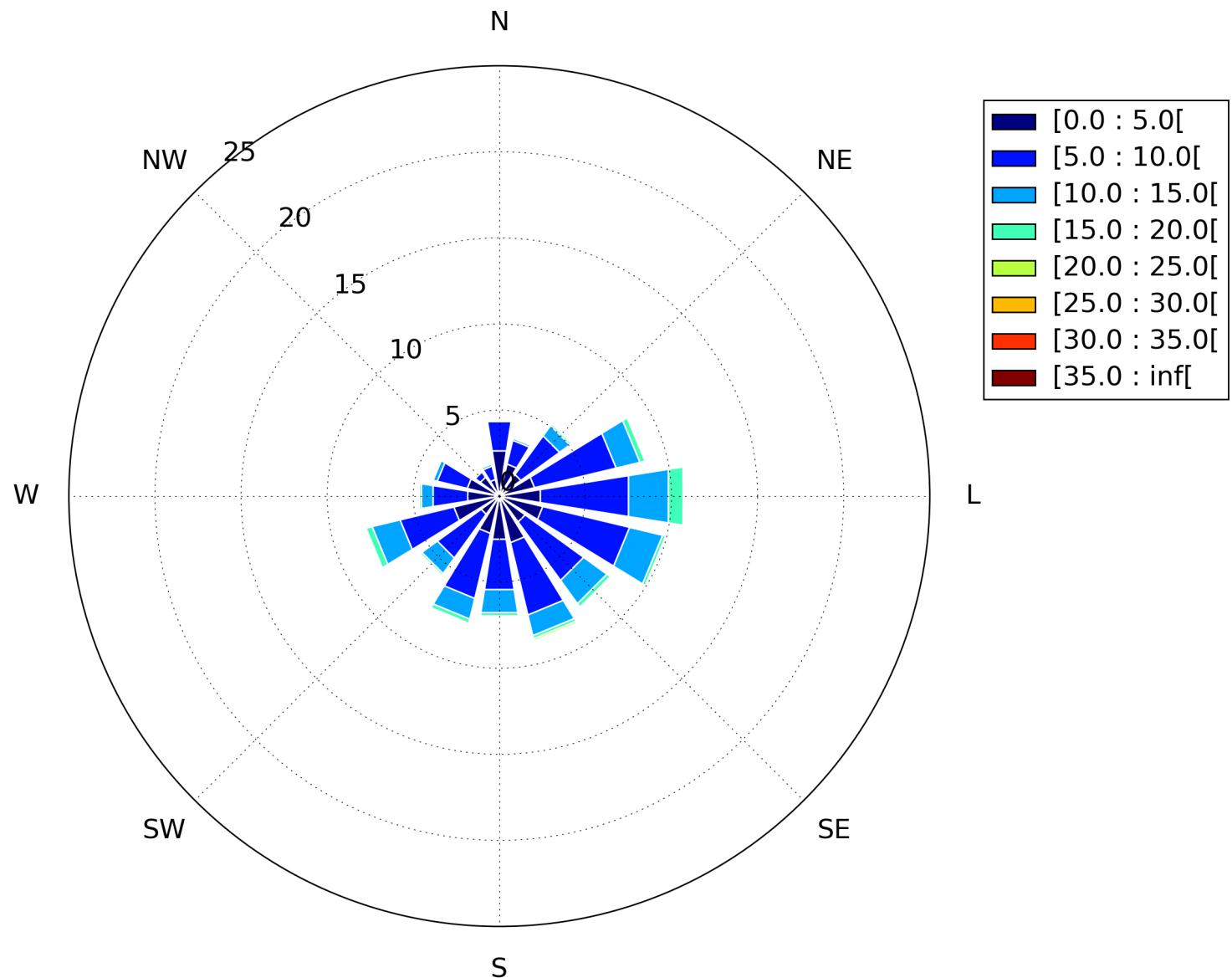


Figura 58 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 7 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

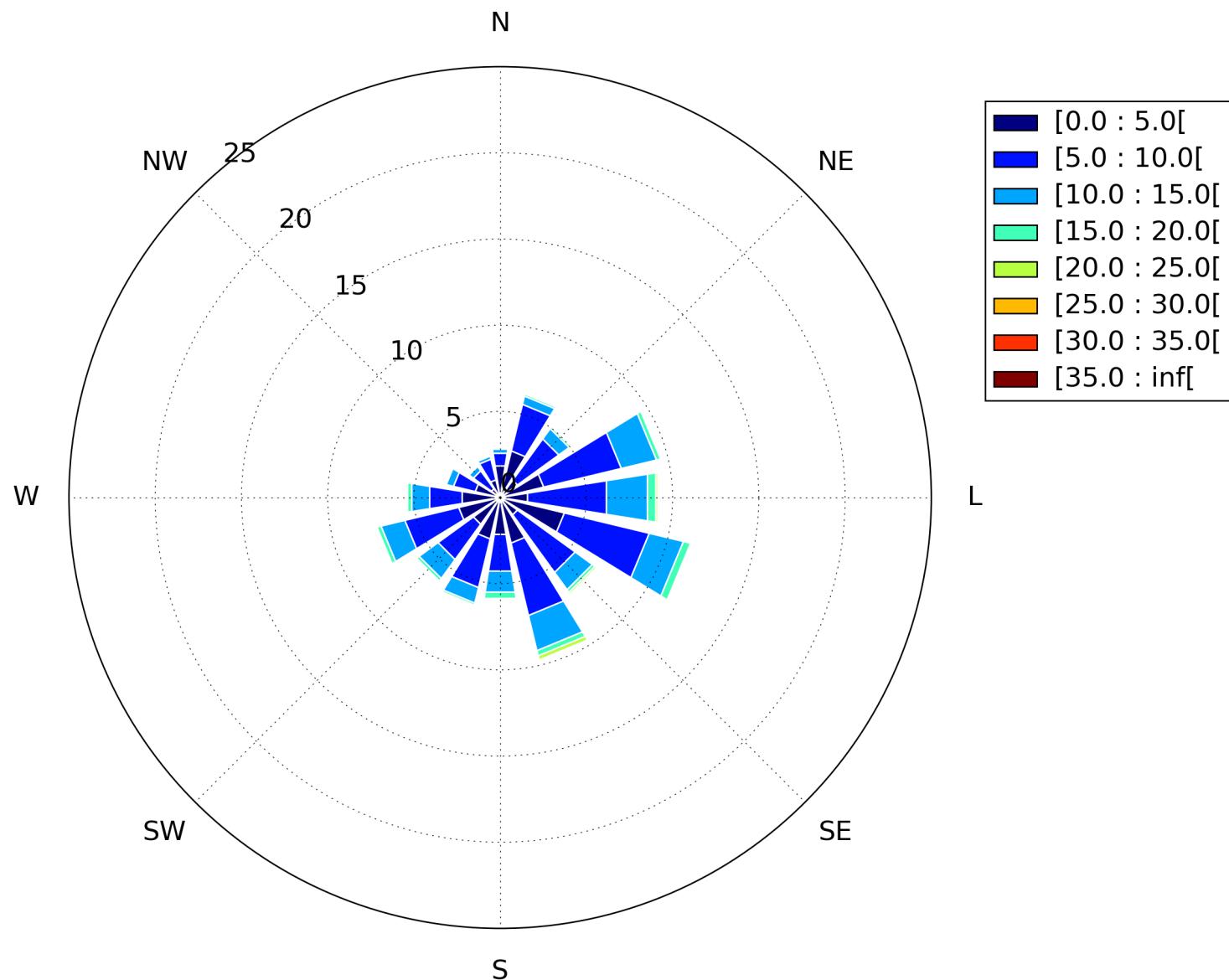


Figura 59 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 8 (em $cm.s^{-1}$)

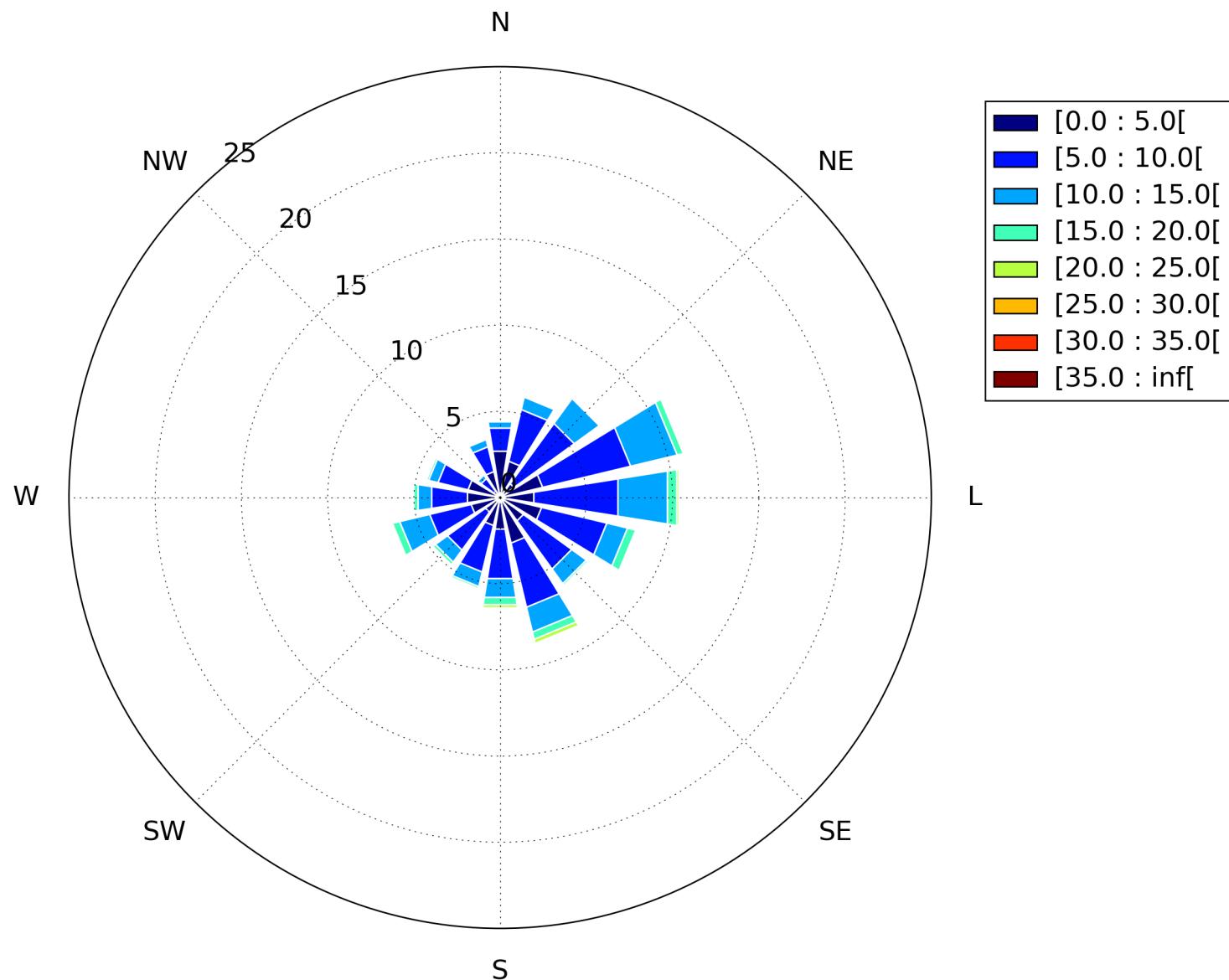


Figura 60 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 9 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

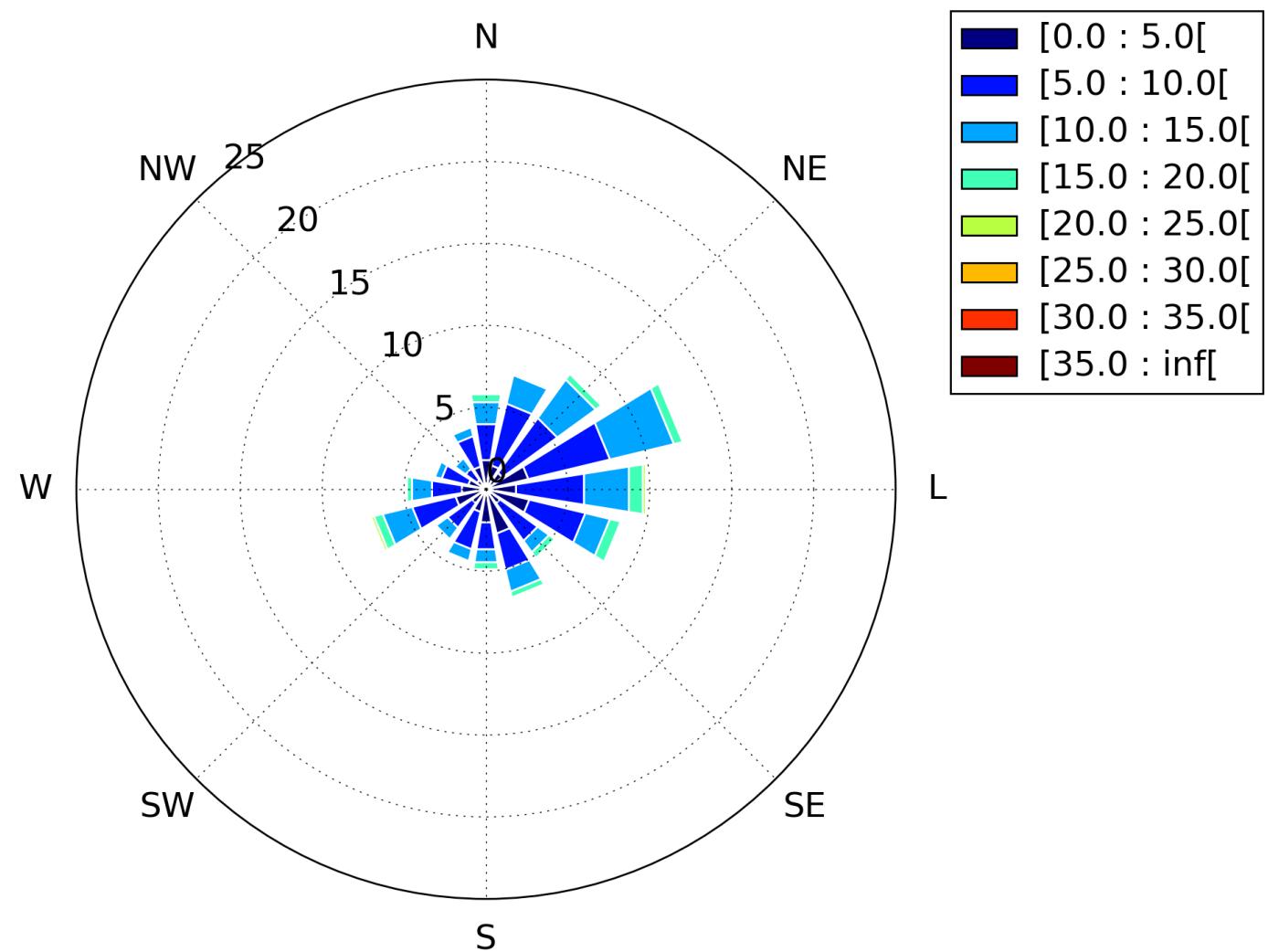


Figura 61 – Rosa de correntes no ponto ST002 célula 10 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

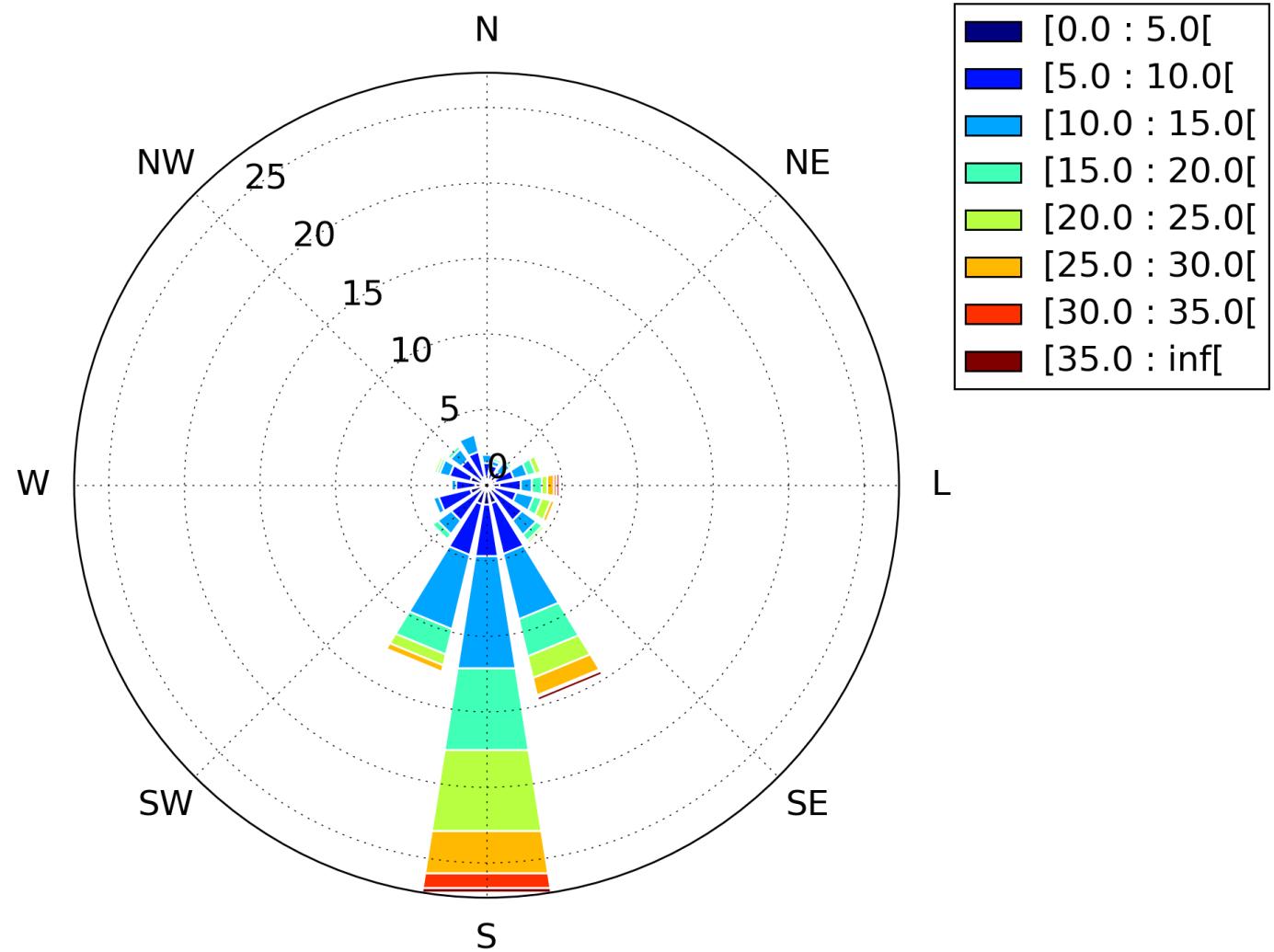


Figura 62 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 1 (em $cm.s^{-1}$)

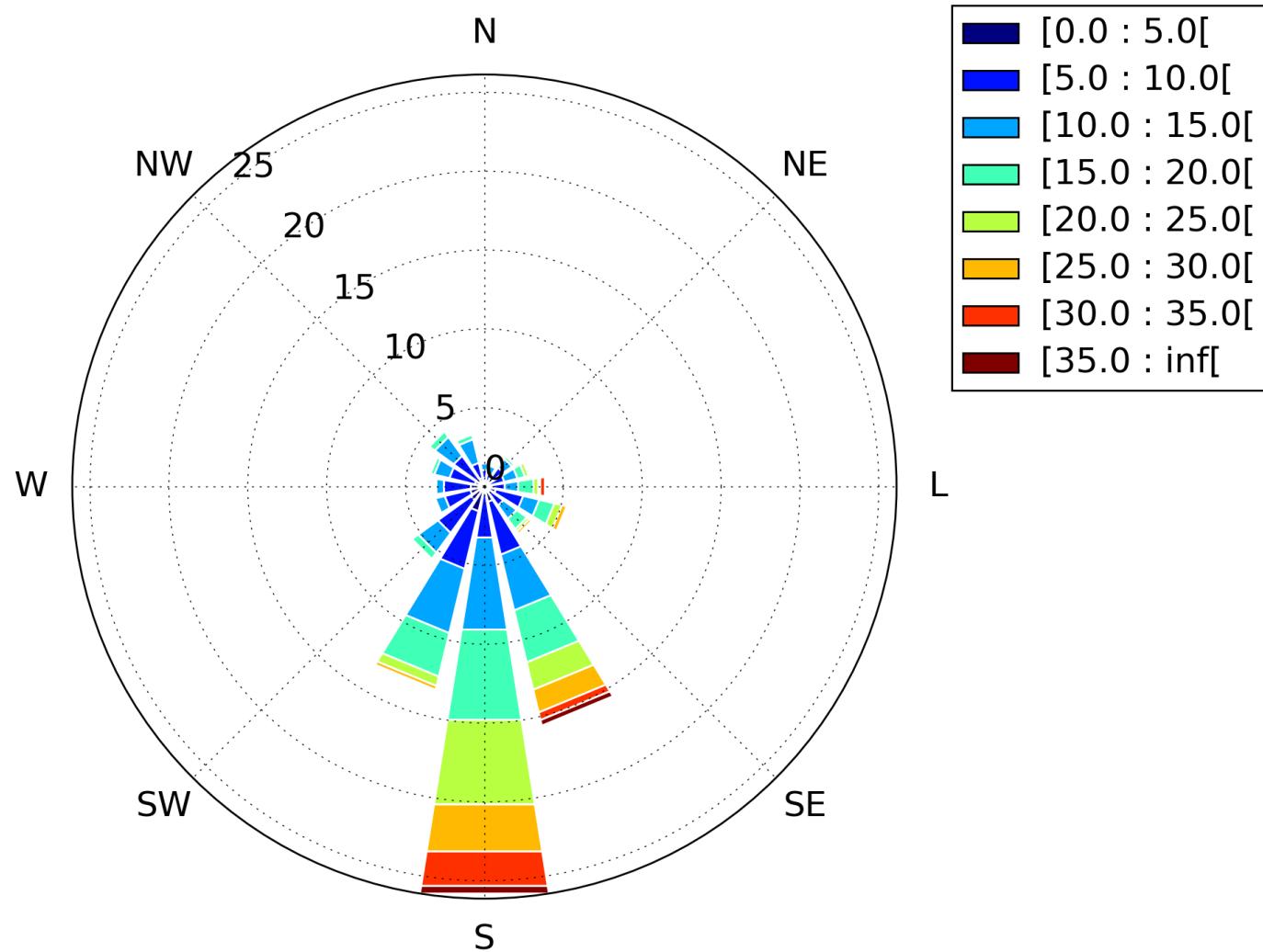


Figura 63 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 2 (em $cm.s^{-1}$)

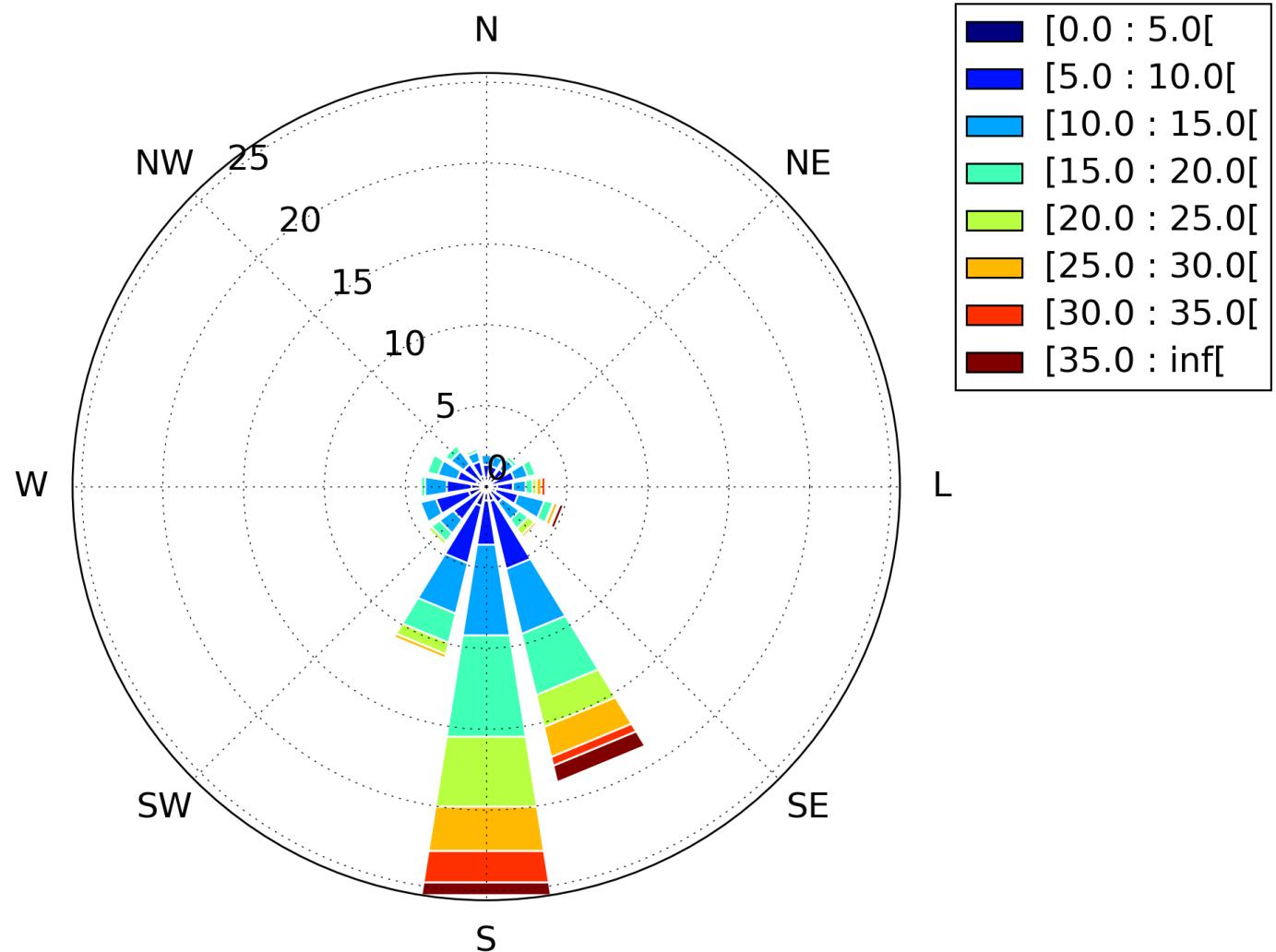


Figura 64 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 3 (em $cm.s^{-1}$)

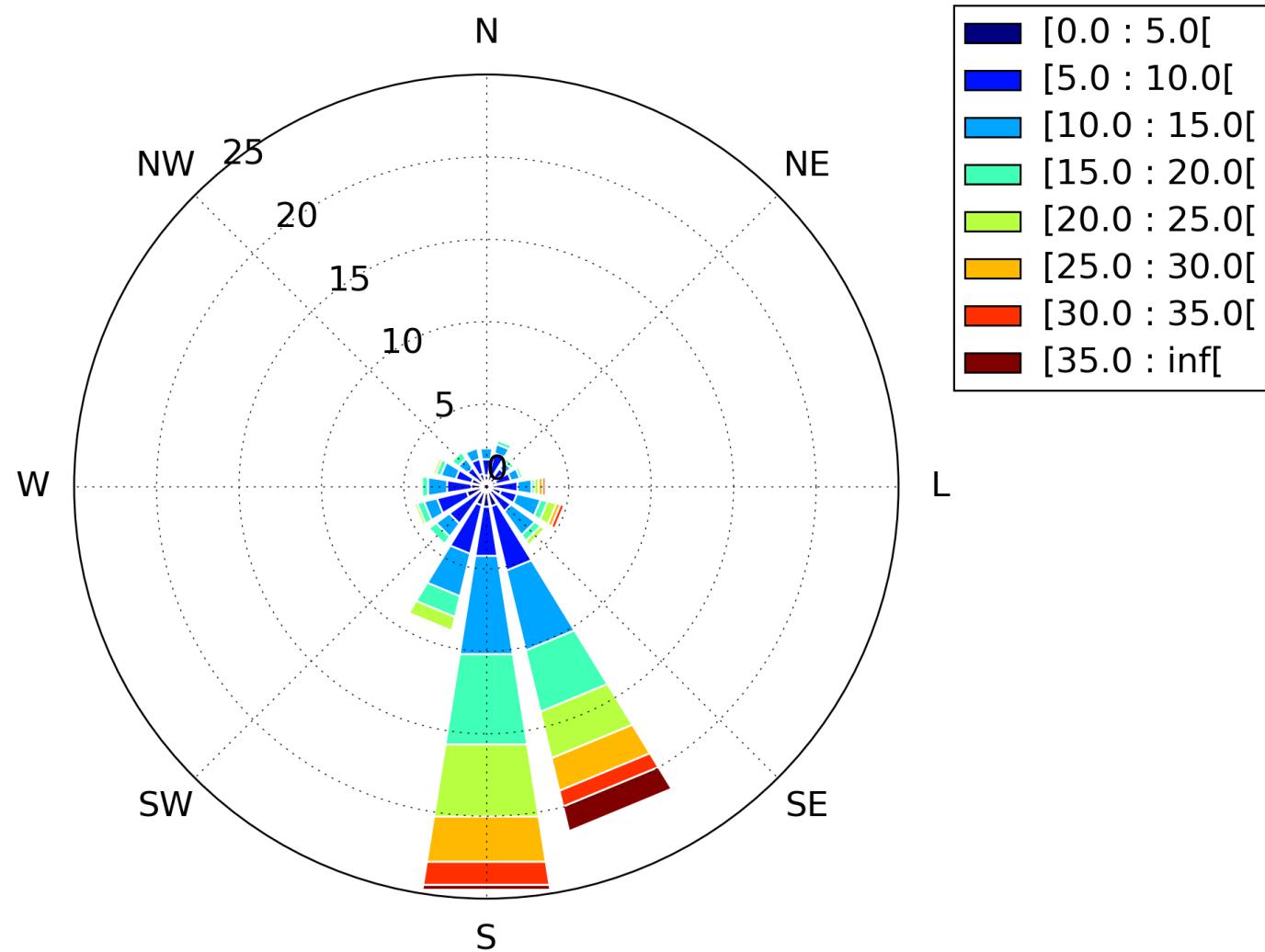


Figura 65 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 4 (em $cm.s^{-1}$)

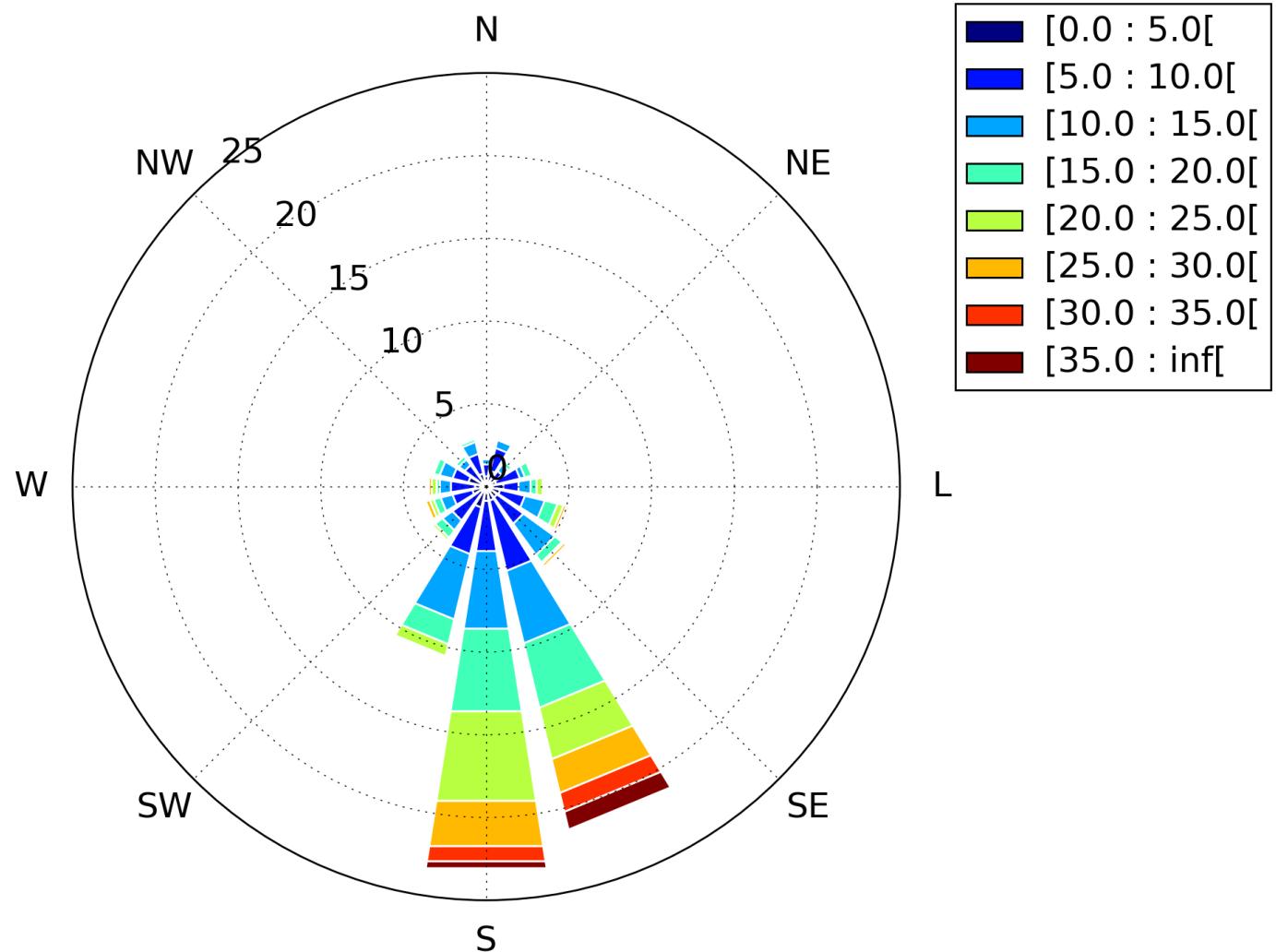


Figura 66 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 5 (em $cm.s^{-1}$)

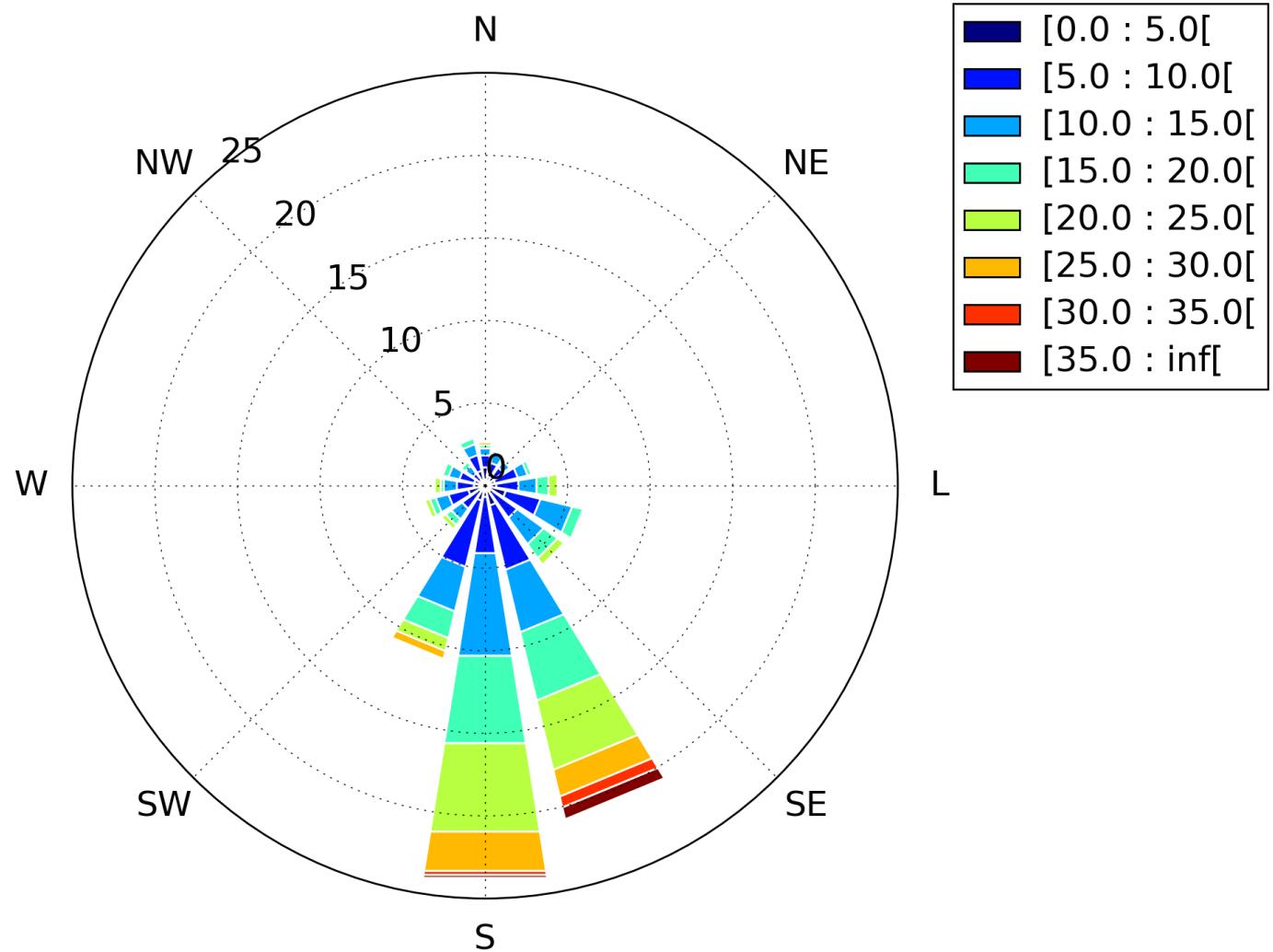


Figura 67 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 6 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

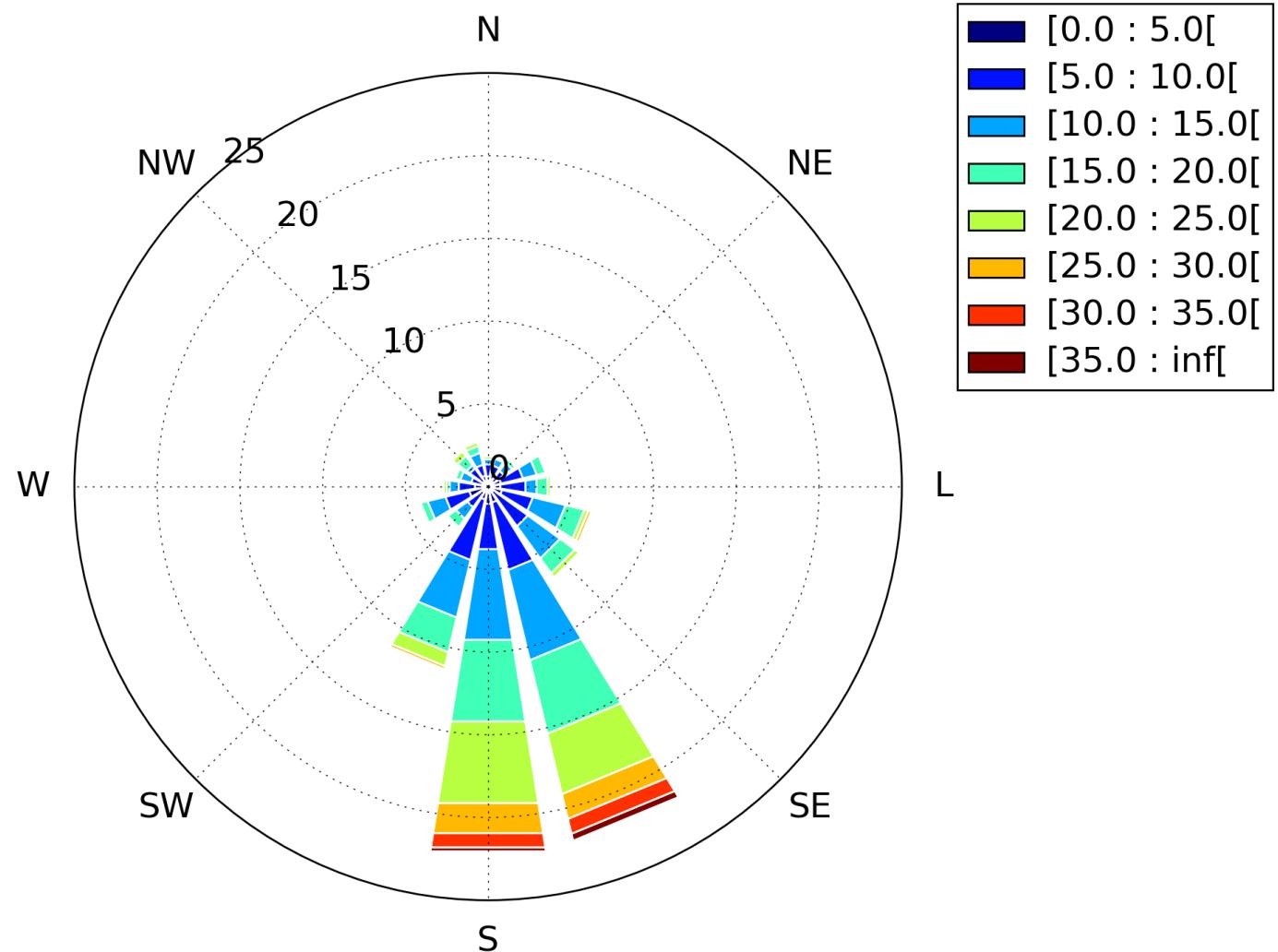


Figura 68 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 7 (em $cm.s^{-1}$)

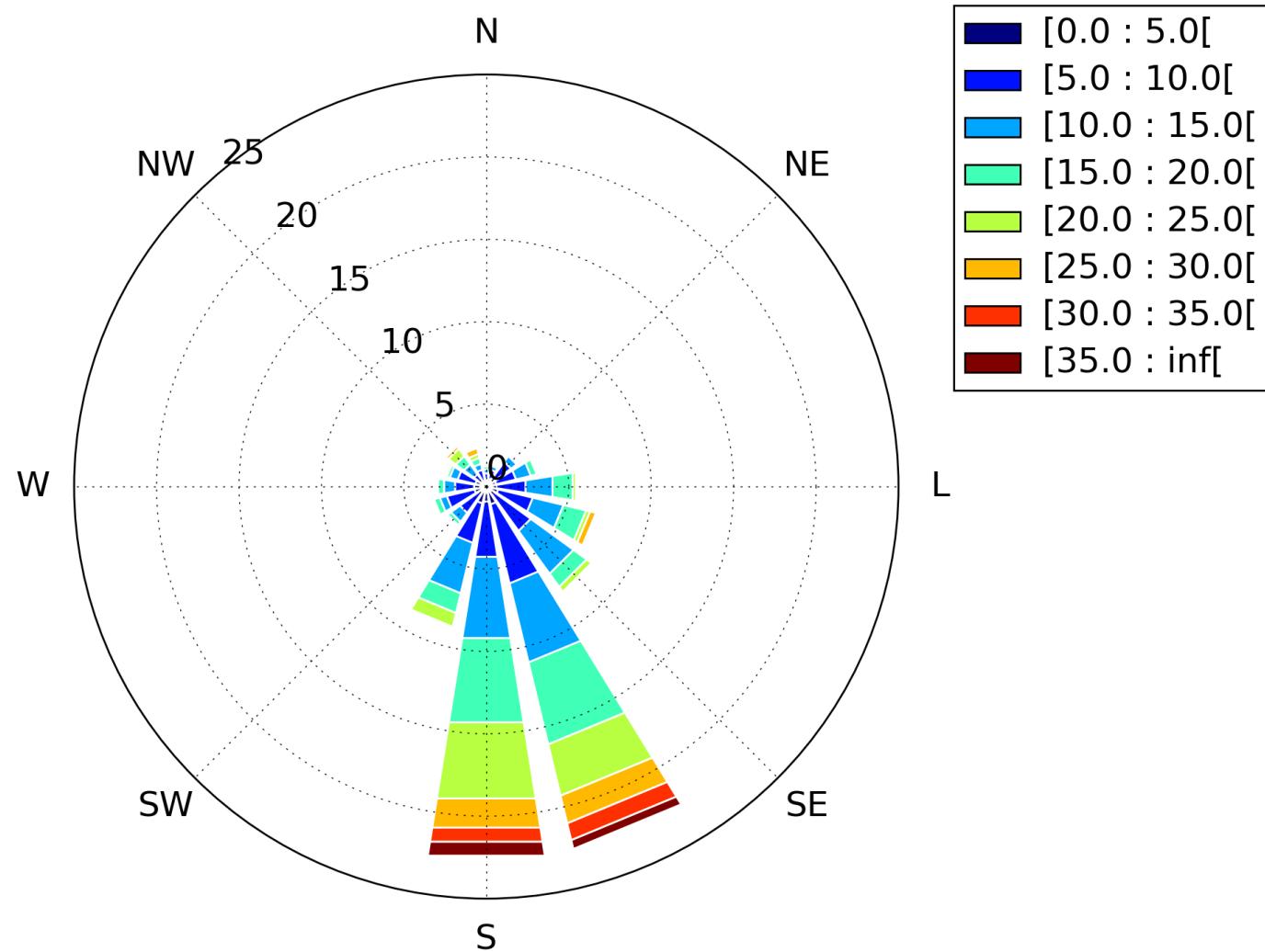


Figura 69 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 8 (em $cm.s^{-1}$)

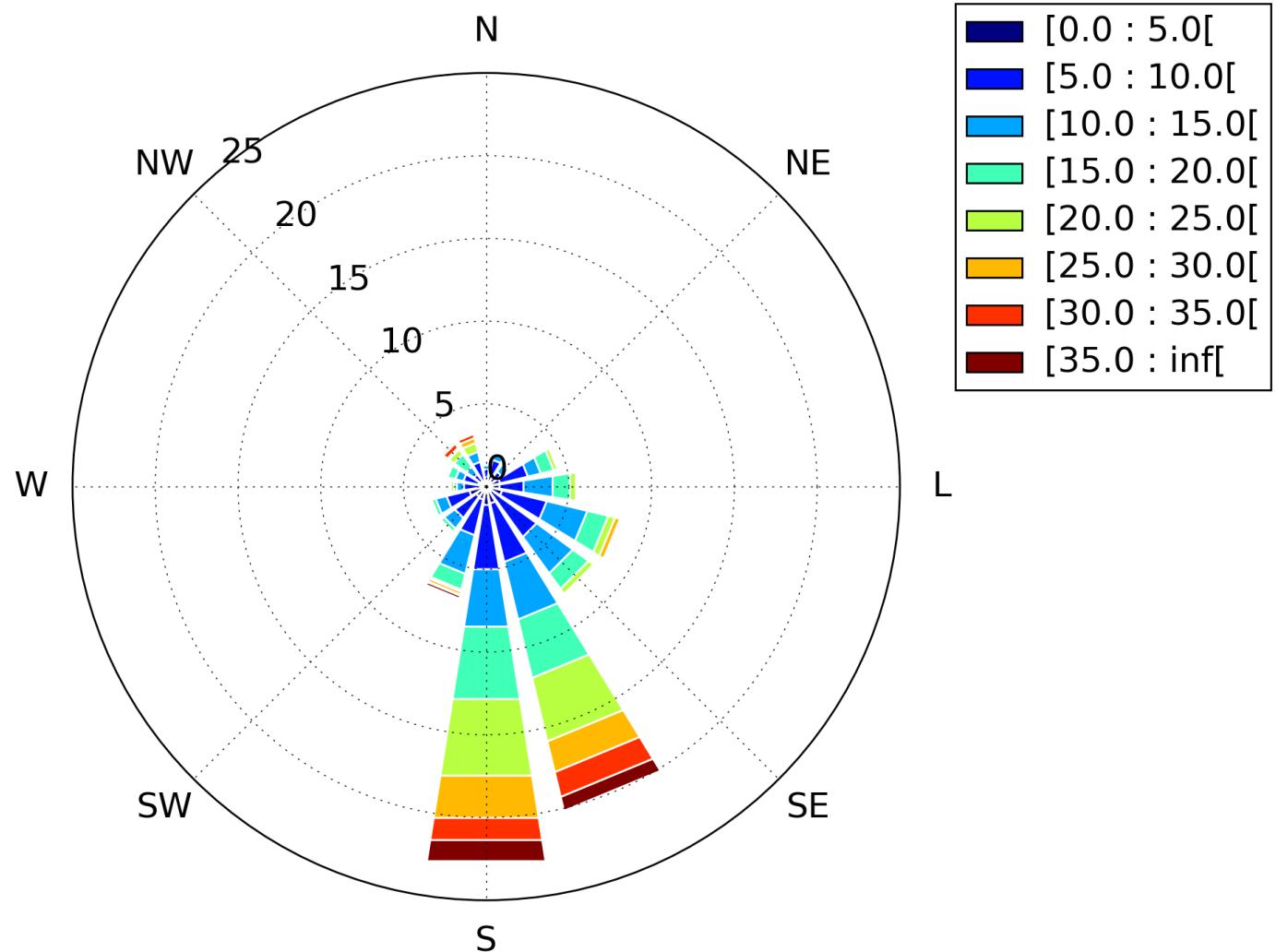


Figura 70 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 9 (em $cm.s^{-1}$)

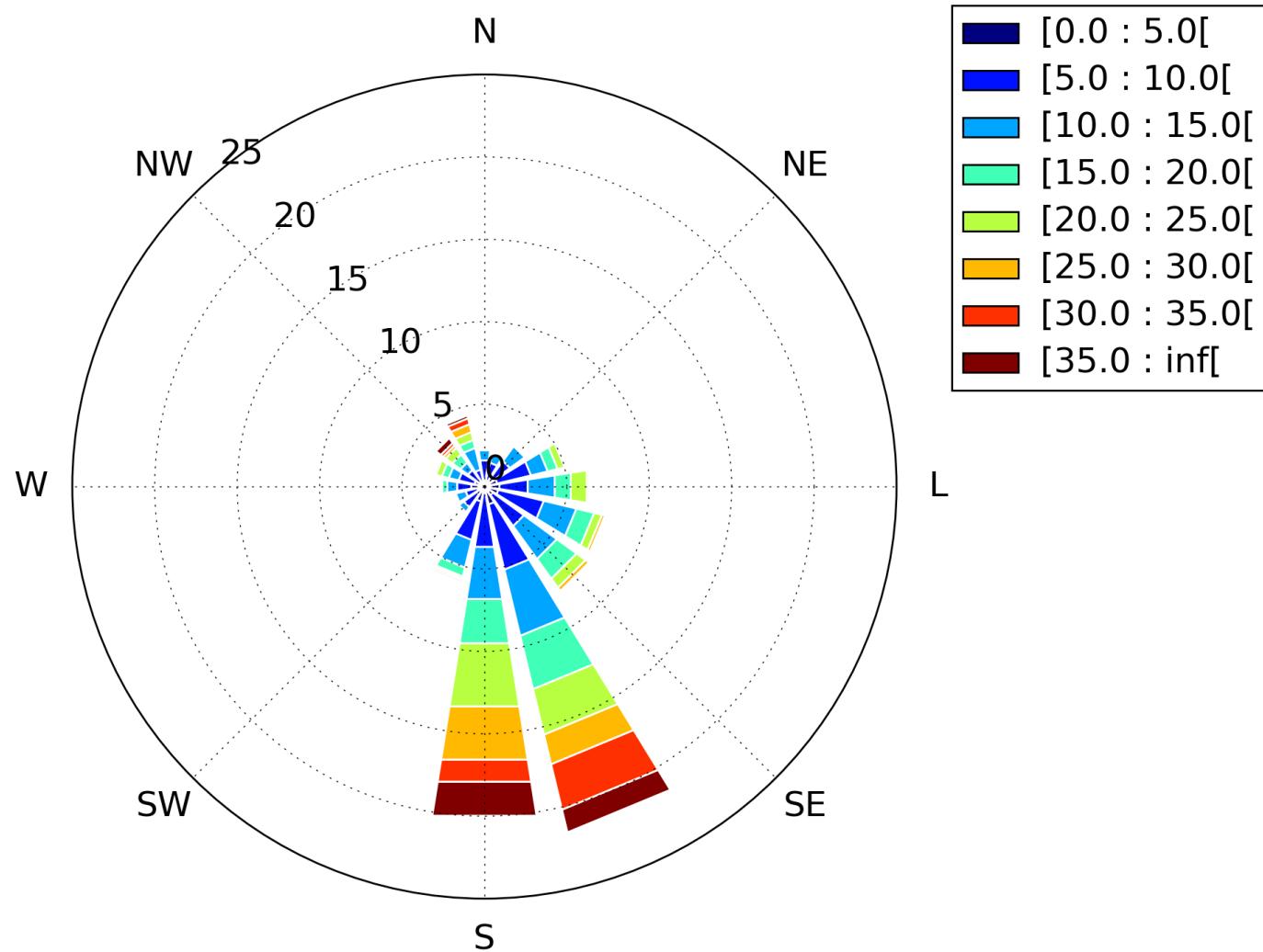


Figura 71 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 10 (em $\text{cm} \cdot \text{s}^{-1}$)

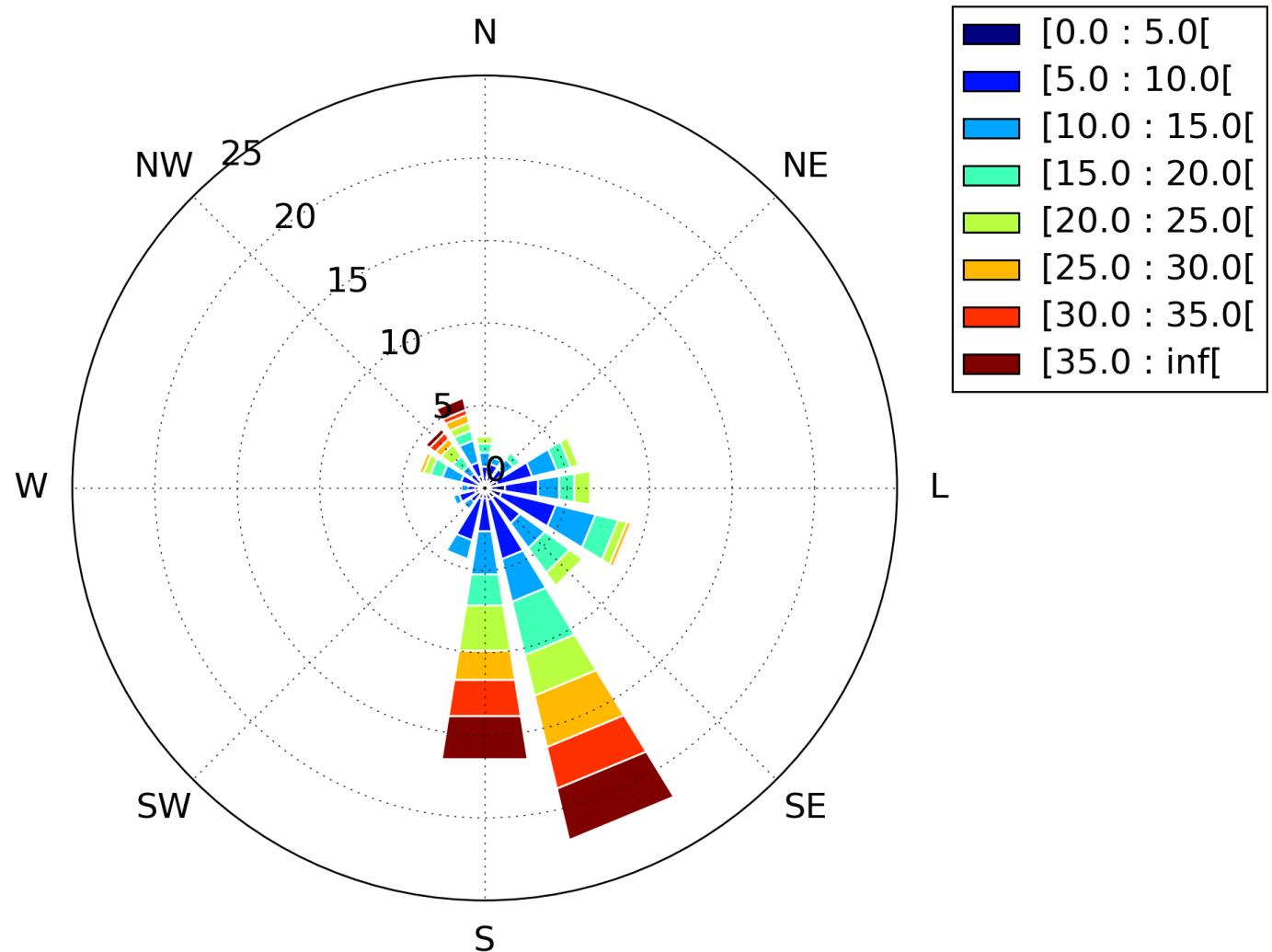


Figura 72 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 11 (em $cm.s^{-1}$)

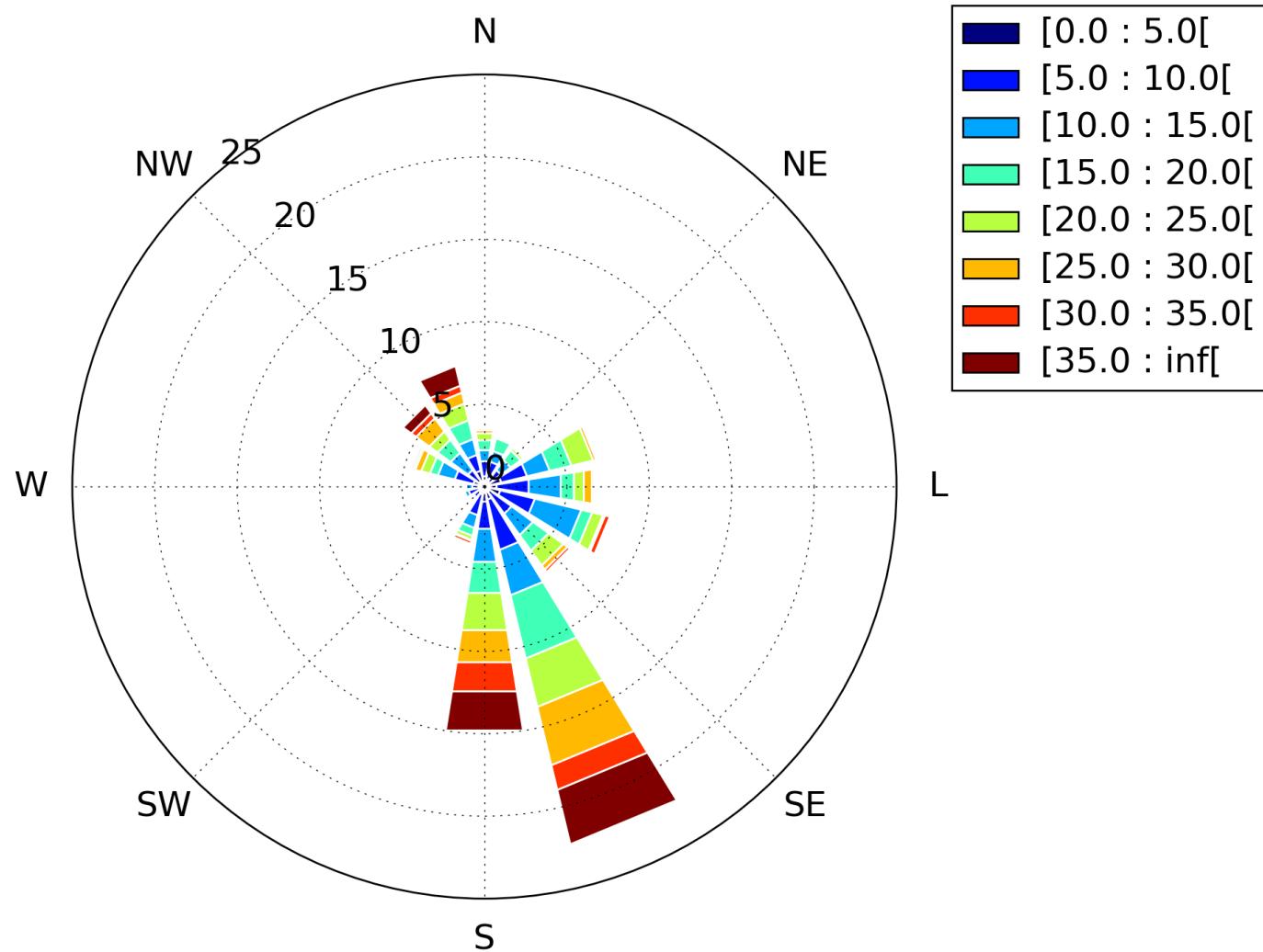


Figura 73 – Rosa de correntes no ponto ST003 célula 12 (em $cm.s^{-1}$)

4.3 MODELO NUMÉRICO

4.3.1 Grade Numérica e Batimetria

A grade numérica foi desenvolvida através da ferramenta Delft3D-RGFGRID disponível no pacote de módulos do Delft3D. O objetivo do RGFGRID é criar, modificar e visualizar grades curvilíneares de forma fácil e visual. Para isso, o software conta com diversas ferramentas para a geração de grades tais como aumentar ou diminuir a resolução da grade globalmente ou localmente, apagar ou adicionar células individuais e ortogonalização (DELTARES, 2011b). A qualidade de uma grade pode ser determinada pela ortogonalidade e pela taxa com que algumas certas propriedades (*smoothness*) mudam ao longo da área a ser modelada (DELTARES, 2014). A medida de ortogonalidade é o ângulo (ou o coseno do ângulo) entre as linhas de grade em ambas as direções x e y. A medida de *smoothness* é a relação entre os tamanhos das células de grade em ambas as direções.

O manual do RGFGRID recomenda alguns valores de propriedades da grade para que os cálculos que a mesma possa ser considerada de qualidade e para que se evite a introdução de erros numéricos devido ao aumento de resolução na área de estudo e curvatura da grade. Buscou-se manter-se o máximo possível dentro dos parâmetros recomendados conforme pode ser observado na tabela 16.

Tabela 16: Propriedades da grade numérica

Parâmetro	Valor Padrão/Recomendado	Valor Máx.
Ortogonalidade	<0.02	0.01
M Smoothness	<1.2	1.050
N Smoothness	<1.2	1.136
Aspect Ratio	1-2	<1.7 na área de estudo
Resolução Mínima	-	200 m
Resolução Máxima	-	23.7 m

Uma vez a grade foi definida, os pontos batimétricos descritos anteriormente foram interpolados na mesma. Para isso, utilizou-se o programa Delft3D-QUICKIN (DELTARES, 2011a). O valor máximo de profundidade dentro do domínio numérico é de 39.2 m e o resultado pode ser verificado na figura 2.6.

Grade numérica

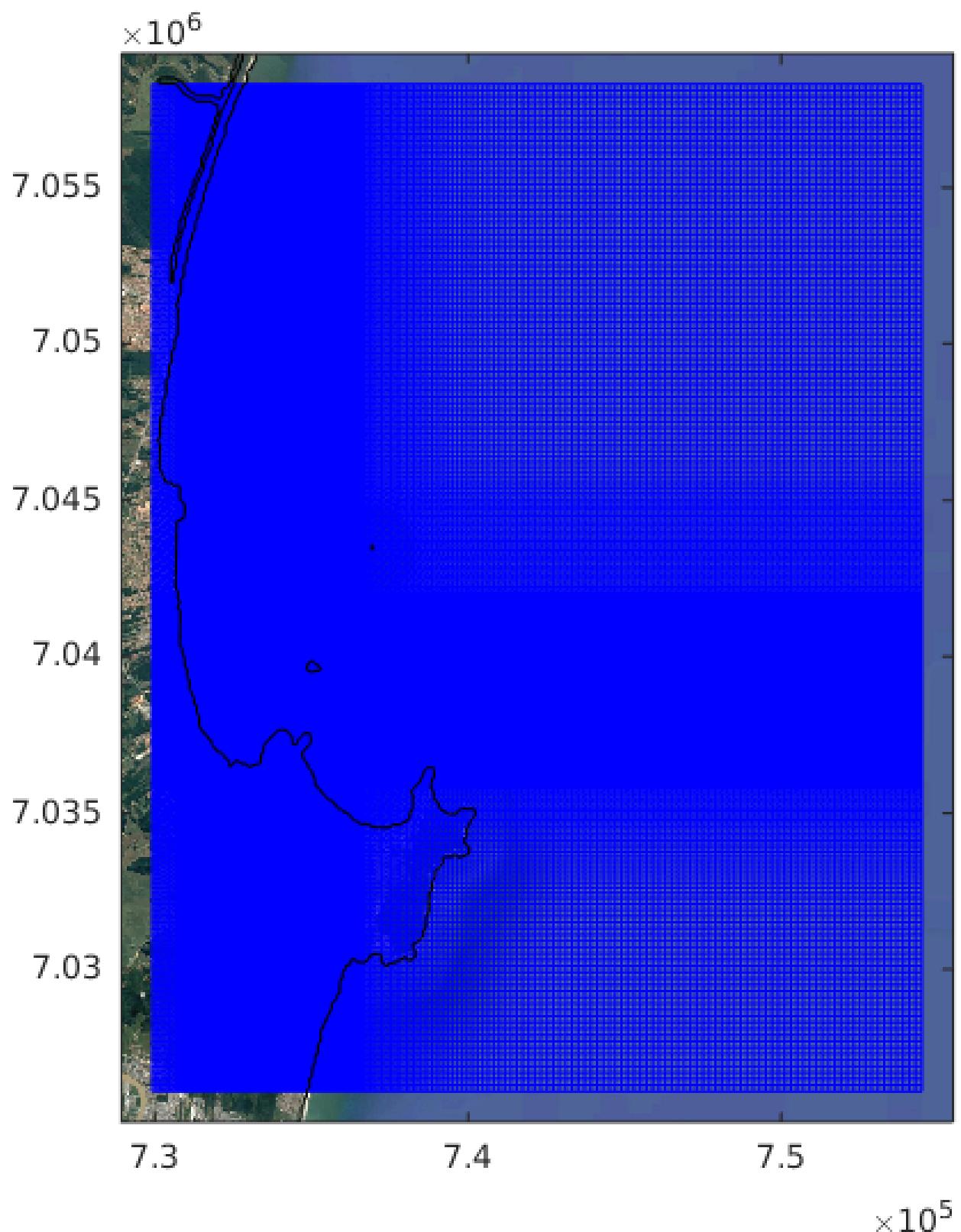


Figura 74 – Grade numérica

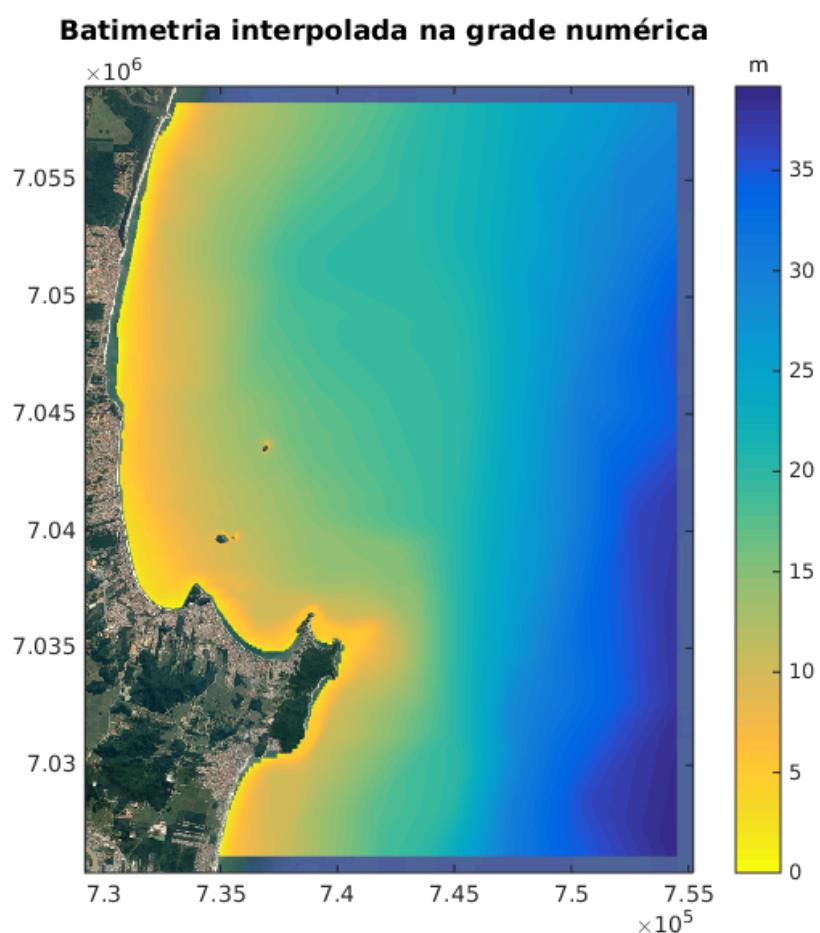


Figura 75 – Batimetria interpolada na grade numérica

4.3.2 Calibração

Diversos parâmetros foram testados de modo que se conseguisse chegar a um modelo que representasse aproximadamente a realidade. Os parâmetros utilizados na calibração e seus valores padrão estão apresentados na tabela 17.

Tabela 17: Configurações utilizadas na calibração.

Parâmetro	Valor padrão	Valor utilizado
Densidade da água	1000 kg.m^{-3}	1025 kg.m^{-3}
Formulação de Rugosidade	Chezy	Chezy
Rugosidade do fundo (U)	65	90
Rugosidade do fundo (V)	65	90
Viscosidade	$1 \text{ m}^2.\text{s}^{-1}$	$0,1 \text{ m}^2.\text{s}^{-1}$

Nas figuras XX a XX podem ser observados os resultados da calibração do modelo em comparação com os dados medidos nos 3 ADCPs posicionados em diferentes profundidades na Enseada do Itapocorói. Para avaliar a performance do modelo, foi calculada a amplitude máxima de variação dos dados medidos e, assumiu-se como aceitável valores de erros que correspondessem a aproximadamente 10% ou menos que o valor máximo de variação do dado medido. A tabela 18 apresenta os valores de amplitude e o valor de erro do modelo para cada parâmetro avaliado em cada um dos equipamentos.

Primeiramente, é notável que os valores de erro de nível são consideravelmente mais baixos que aqueles encontrados nas componentes de velocidade, ficando sempre abaixo de 3% do valor máximo da maré na região, que se encontra em aproximadamente 1,4m. Essa diferença de erros entre a calibração das componentes da velocidade e os valores nível indica que os processos que regem a hidrodinâmica local não estão associados às variações de nível, mas à outros processos costeiros como sugerido por Schettini et al. (1999).

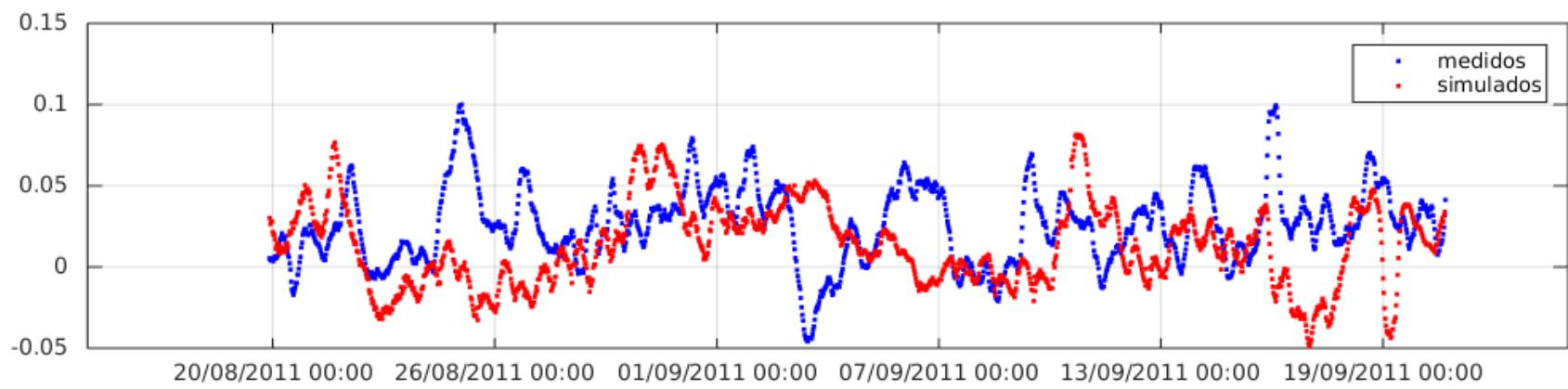
É possível verificar que, em relação à corrente, os valores de erro são menores no ponto ST002. O ponto ST001 apresenta-se muito próximo da costa, o que o faz sujeito a influências da batimetria e da linha de costa. A resolução da grade pode ter sido um limitante de calibração do modelo neste ponto costeiro, justificando os maiores valores de erro encontrados em ST001 do que ST002. Já o ponto ST003 apresenta-se em uma área muito externa. A inserção de vento no modelo teve menor influência neste ponto do que nos demais pontos costeiros, indicando que o mesmo está muito menos sujeito a variações locais do que os demais pontos analisados. O fato de não se ter conseguido uma calibração em ST003 em diversas tentativas com forçantes de maré e vento local, indica que o ponto está muito externo para serem desconsideradas forçantes de larga escala, ondas de plataforma e/ou a baroclinicidade do sistema.

Tabela 18: Amplitude máxima do valor medido e percentual de erro do modelo para cada equipamento e parâmetro medido

Equip.	Componente U		Componente V		Nível	
	Ampl. Máx	Erro	Ampl. Máx	Erro	Ampl. Máx	Erro
ST001	$0,323 \text{ m.s}^{-1}$	11,63%	$0,303 \text{ m.s}^{-1}$	13,32%	1,411 m	2,66%

Tabela 18: Amplitude máxima do valor medido e percentual de erro do modelo para cada equipamento e parâmetro medido

Equip.	Componente U	Componente V	Nível
ST002	$0,286 \text{ m.s}^{-1}$	9,79%	0.192 m.s^{-1}
ST003	$0,346 \text{ m.s}^{-1}$	10,93%	0.678 m.s^{-1}



RMSE = 0.037593 m/s - 80% com erros <=0.047084 m/s; 90% com erros <=0.062635 m/s; 95% com erros <=0.077147 m/s.

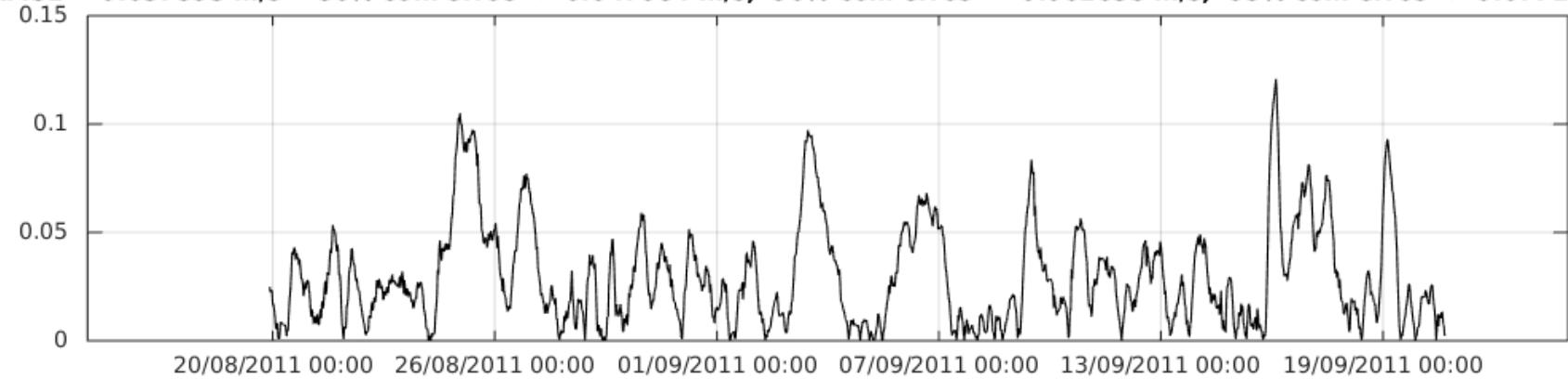
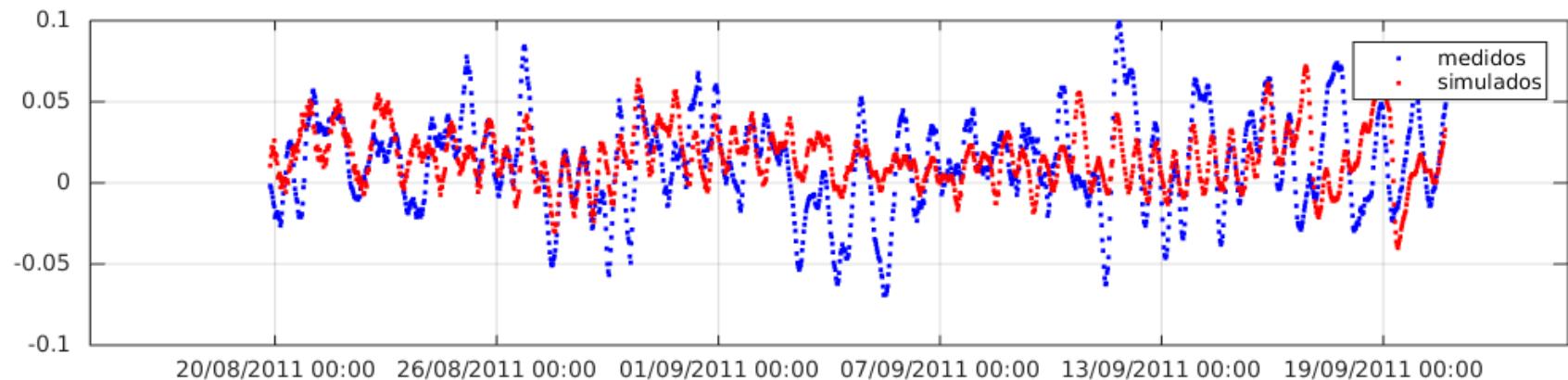


Figura 76 – RMSE para a componente U da velocidade em ST001



RMSE = 0.028493 m/s - 80% com erros <=0.036579 m/s; 90% com erros <=0.047159 m/s; 95% com erros <=0.056352 m/s.

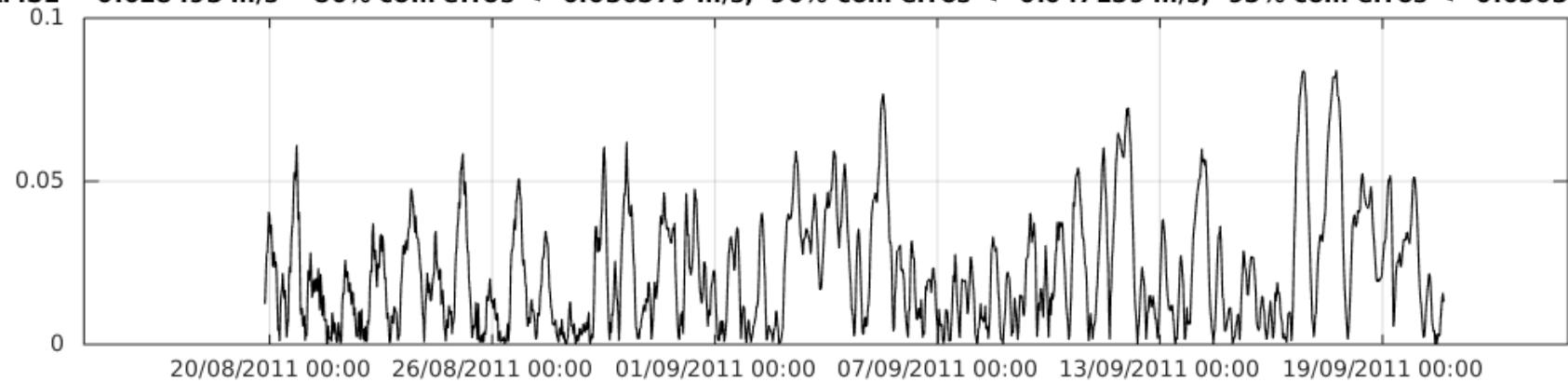
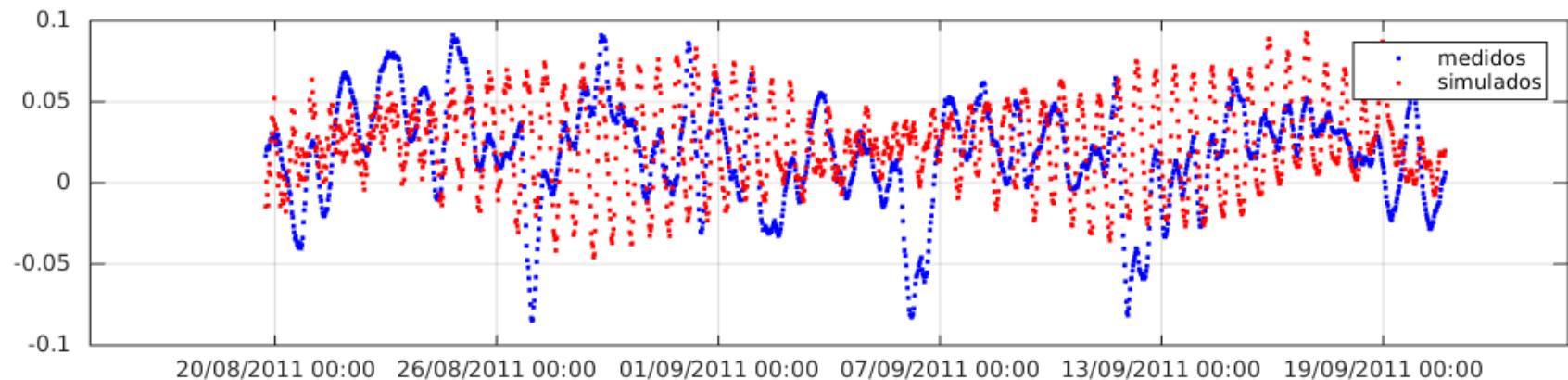


Figura 77 – RMSE para a componente U da velocidade em ST002



RMSE = 0.037842 m/s - 80% com erros <=0.046669 m/s; 90% com erros <=0.059255 m/s; 95% com erros <=0.07269 m/s.

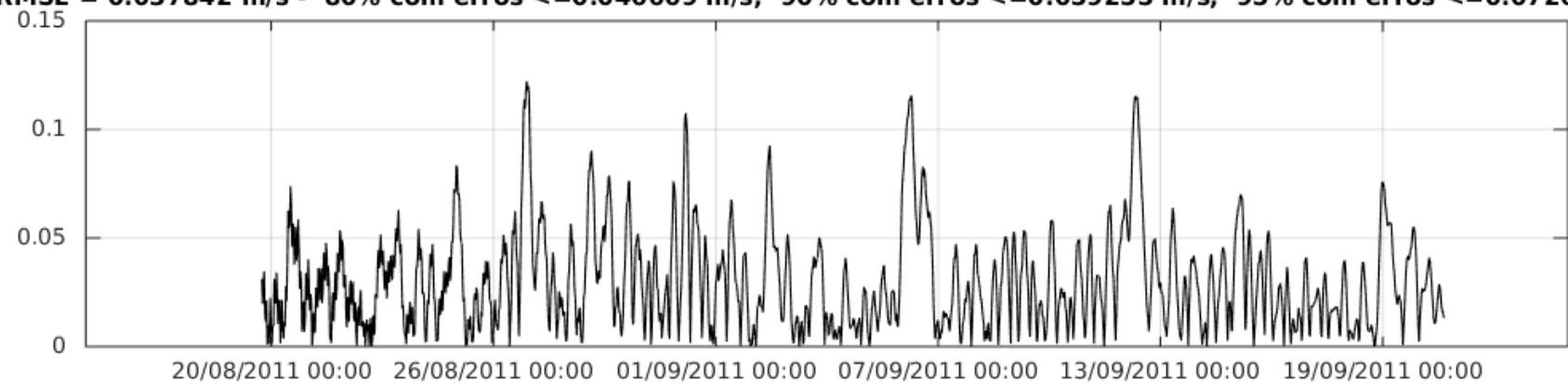
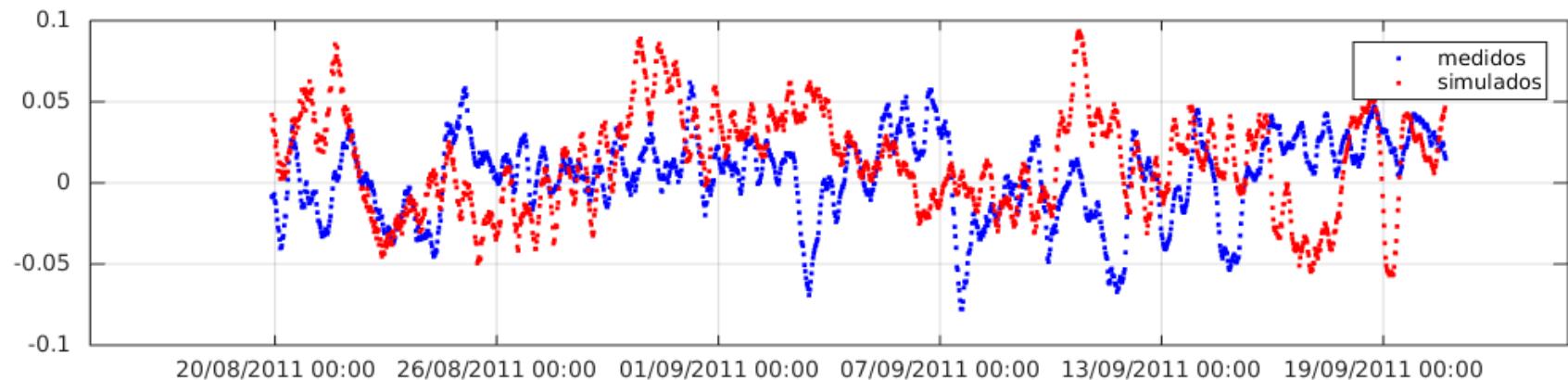


Figura 78 – RMSE para a componente U da velocidade em ST003



RMSE = 0.040494 m/s - 80% com erros <=0.053612 m/s; 90% com erros <=0.068475 m/s; 95% com erros <=0.078558 m/s.

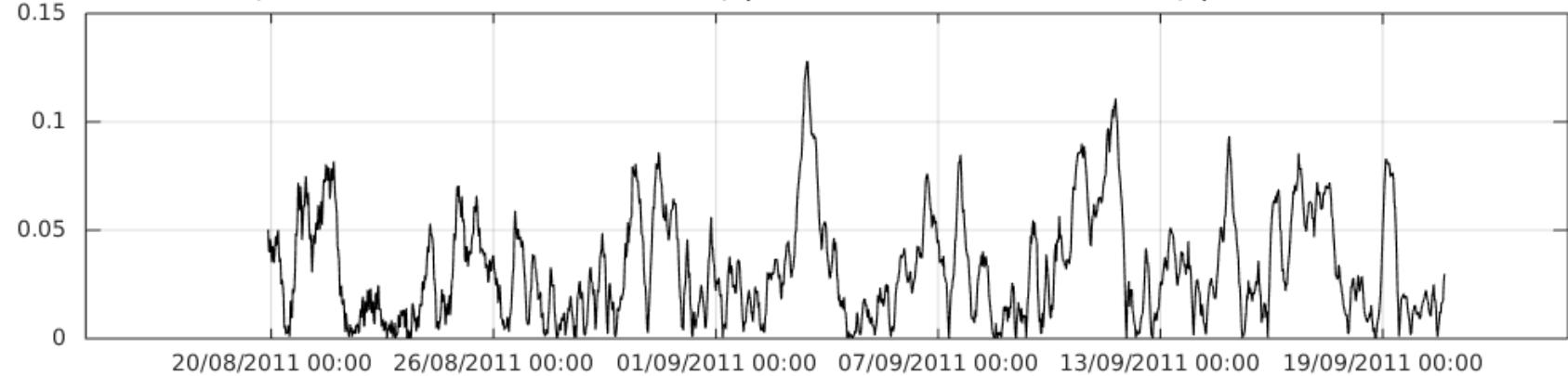
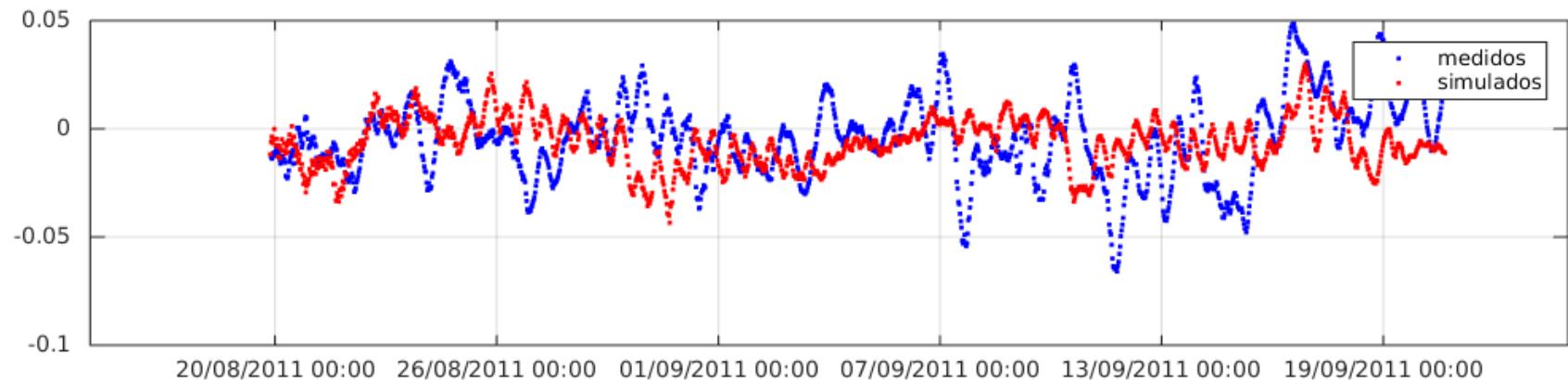


Figura 79 – RMSE para a componente V da velocidade em ST001



RMSE = 0.021519 m/s - 80% com erros <=0.026988 m/s; 90% com erros <=0.034644 m/s; 95% com erros <=0.043473 m/s.

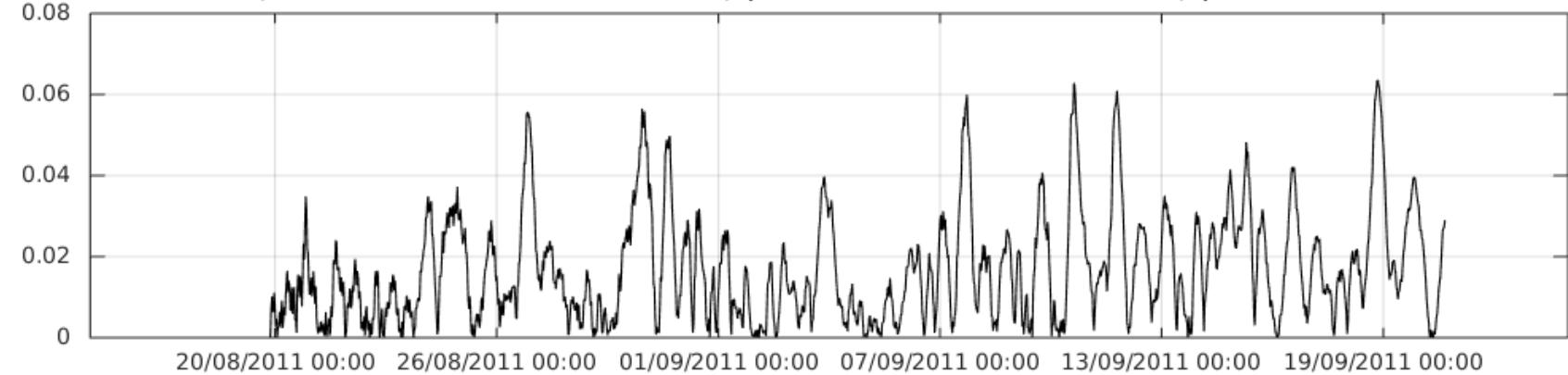
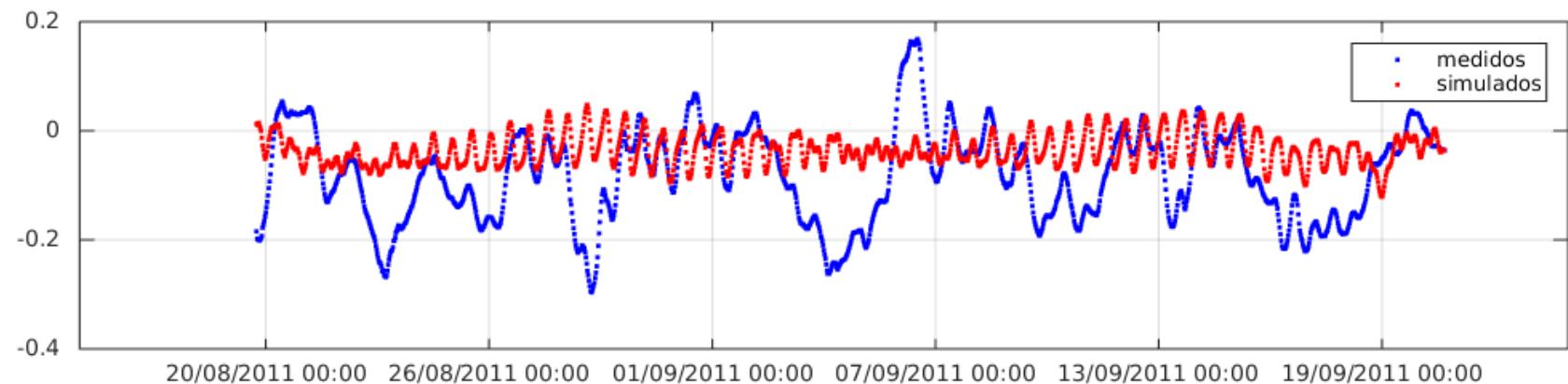


Figura 80 – RMSE para a componente V da velocidade em ST002



RMSE = 0.097282 m/s - 80% com erros <=0.13001 m/s; 90% com erros <=0.15844 m/s; 95% com erros <=0.18257 m/s.



Figura 81 – RMSE para a componente V da velocidade em ST003

4.3.3 Rodadas de análise

Para análise das correntes residuais foram selecionados 14 casos de estudo descritos na tabela 19. Foram selecionados casos de vento de acordo com as direções mais recorrentes (NO, N, NE, L, S, SE) e a velocidade média e máxima de vento, conforme descrito anteriormente na 6.

Tabela 19: Configuração das rodadas de análise

Rodada	Padrão de análise
1	Apenas maré (sem vento)
2	Maré e vento real (rodada de calibração)
3	Maré e vento Norte de 4 m/s
4	Maré e vento Norte de 10 m/s
5	Maré e vento Nordeste de 4 m/s
6	Maré e vento Nordeste de 10 m/s
7	Maré e vento Noroeste de 4 m/s
8	Maré e vento Noroeste de 10 m/s
9	Maré e vento Leste de 4 m/s
10	Maré e vento Leste de 10 m/s
11	Maré e vento Sul de 4 m/s
12	Maré e vento Sul de 10 m/s
13	Maré e vento Sudeste de 4 m/s
14	Maré e vento Sudeste de 10 m/s

4.3.4 Mapas de Residuais

Para avaliar os processos de longa escala foram feitos mapas do residual da velocidade em períodos maiores que 24 horas (2 ciclos completos de maré).

5 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O vento na região apresenta velocidades máximas de cerca de $10m.s^{-1}$ em todas as estações e um comportamento homogêneo em termos de velocidade em todas as estações, com uma média de velocidade de $4m.s^{-1}$. Esses resultados concordam com os resultados encontrados por Gomes (2010), que também encontrou um padrão muito semelhante de velocidades do vento ao longo das estações do ano. Entretanto, o autor descreveu ventos predominantes de L tanto verão quanto na primavera, enquanto os resultados do presente estudo indicam predominância de ventos de O e N, nestas estações. A predominância de ventos S no inverno foi encontrada em ambos os trabalhos. Também não foi possível determinar a expressividade de ventos da direção N-NE, associados à atuação do Anticiclone do Atlântico Sul, conforme descrito por Truccolo (1998). Entretanto, as velocidades amenas características do Anticiclone, entre 2 e $4m.s^{-1}$ se apresentam na maior parte dos dados. Apesar dos dados de vento descritos em Leite (2009) terem sido coletados no Inverno (11 de Julho a 23 de Agosto), a rosa de ventos encontrada pelo autor se assemelha muito mais à rosa de ventos deste trabalho para a estação do Outono, com ventos predominantemente de O-NO. Todos esses resultados indicam que existe uma forte sazonalidade de direção de ventos na região, com alta variabilidade entre estações e entre anos.

Verificou-se que a maré meteorológica analisada nos ADCPs não foi tão representativa quanto descrito por Parise et al. (2009). Os autores verificaram que as marés meteorológicas alcançam em média 1m, podendo alcançar 1,9m em casos na Praia do Cassino, extremo sul do Brasil. Os dados de nível de Penha, porém, indicaram que marés meteorológicas de até 1,3m podem ocorrer na região, concordando com os dados dos autores do Cassino.

Os resultados de frequência de nível mostraram uma forte influência da componente semi-diurna da maré, com presença de componentes diurnas, terci-diurnas e quadri-diurnas em níveis semelhantes de energia. Esse resultado concorda com o número de forma encontrado para cada ponto medido, que ficou abaixo de 0,30 em toda Enseada e 0,31 em Penha, indicando uma maré mista com predominância semidiurna. Esses valores foram menores que o número de forma encontrado por Leite (2009), de 0,38, ou seja, houve uma menor influência das constantes diurnas dentro do período analisado no presente trabalho.

Também verificou-se que 27,5 % da energia do sinal se encontrava em frequências superiores a 50h. Esse resultado vai ao encontro dos dados de Truccolo et al. (2006), que verificou que cerca de 24% da variação de nível em São Francisco do Sul poderia ser explicada por frequências submareais em São Francisco do Sul. Ou seja, circulações residuais e correntes de plataforma tem um papel fundamental na dinâmica de região e, portanto, seu papel não pode ser subestimado ao se analisar a dinâmica local.

Todos os valores de temperatura foram bem menores que aqueles descritos em Schettini et al. (1999), onde os valores permaneceram entre 25 e 27°C. Essa diferença entre os dados descritos pelos autores e os encontrados nos dados deste trabalho se dá pelo período em que tais dados foram medidos. Enquanto os dados de Schettini et al. (1999) foram medidos em março (fim do verão), os dados aqui apresentados foram coletados entre agosto e setembro (fim do inverno) e, portanto, essa diferença é natural para a região, que se encontra em uma região temperada e está sujeita à massas de água com valores menores de temperatura.

Os resultados de corrente indicaram correntes amenas, abaixo de $20cm.s^{-1}$ dentro da enseada e abaixo de $40cm.s^{-1}$ em regiões abertas e expostas à ondulação direta. Esses resultados corroboram com as observações descritas em Schettini et al. (1999). Entretanto, os autores afirmaram que as correntes obedecem mais diretamente ao regime dos ventos do que as oscilações da maré. Da mesma forma como foi feito com a temperatura, foram desenvolvidos alguns gráficos tentando correlacionar a velocidade da corrente com a direção ou o vento. Novamente nenhum padrão emergiu nas análises realizadas e não foi possível relacionar a velocidade da corrente com o vento.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. de. **Estudio de dinámica litoral y evolución de la zona sur de la Playa de Piçarras (Santa Catarina/ Brasil)**. Dissertaçāo (Mestrado) — Universidad de Cantabria, Santander, 2013. 263 p.
- ARAKAWA, A. & LAMB, V. Methods of computational physics. **Academic Press**, v. 17, p. 174–265, 1977.
- ARAUJO, R. S. et al. Variação da morfologia praial e identificação de zonas de erosão acentuada (zea) na enseada do itapocorói-sc. **Braz. J. Aqua. Sci. Technol.**, v. 14, n. 1, p. 29–38, 2010.
- BITENCOURT, D. & SILVA, G. V. **Levantamento Batimétrico na Enseada do Itapocorói utilizando Motoaquática**. [S.l.], 2011.
- BROWN, J. M. & BOLAÑOS, R. & SOUZA, A. J. a. Process contribution to the time-varying residual circulation in tidally dominated estuarine environments. **Braz. J. Aqua. Sci. Technol.**, v. 14, n. 1, p. 29–38, 2010.
- BURCHARD, H. et al. Drivers of residual estuarine circulation in tidally energetic estuaries: Straight and irrotational channels with parabolic cross section. **Journal of Physical Oceanography**, v. 41, p. 548–570, 2011.
- CHENG, R. T. Residual currents and long-term transport. In: _____. New York, U.S.A.: Springer-Verlag, 1990. cap. Introduction.
- COCHRAN, W. T. et al. What is the fast fourier transform. **Proceeding of the IEEE**, v. 55, p. 1664–1674, 1967.
- DELTARES. **Delft3D-QUICKIN User Manual**. [S.l.], 2011.
- DELTARES. **Delft3D-RGFGRID User Manual**. [S.l.], 2011.
- DELTARES. **Delft3D-FLOW User Manual**. [S.l.], 2014.
- EGBERT, G. D. & BENNET, A. F. & FOREMAN, M. G. G. Topex/poseidon tides estimated using a global inverse model. **Journal of Geophysical Research**, v. 99, p. 821–852, 1994.
- EGBERT, G. D. & EROFEEVA, S. Y. Efficient inverse modeling of barotropic ocean tides. **American Meteorologica Society**, v. 19, p. 183–204, 2002.
- EGBERT, G. D. & EROFEEVA, S. Y. **TPXO/Poseidon**. 2015. Acessado em 09 ago 2015. Disponível em: <<http://volkov.oce.orst.edu/tides/global.html>>.
- FEMAR. 2016. Acessado em mar. 2016. Disponível em: <<http://www.fundacaofemar.org.br/biblioteca/emb/tabelas/263.html>>.
- FORTUNA, A. O. **Técnicas Computacionais para Dinâmica dos Fluidos: Conceitos básicos e aplicações**. [S.l.]: Edusp, 2000.
- FOX, D. G. Judging air quality model performance. **Bulletin American Meteorological Society**, p. 599– 609, 1981.
- FREITAS, D. et al. Quantificação de perigos costeiros e projeção de linhas de costa futuras para a enseada do itapocorói - sc. **Braz. J. Aqua. Sci. Technol.**, v. 14, n. 1, p. 39–49, 2010.

- GILAT, A. & SUBRAMANIAM, V. **Métodos Numéricos para Engenheiros e Cientistas**: Uma introdução com aplicações usando o matlab. [S.l.]: Bookman, 2008.
- GOMES, G. H. **Caracterização do regime de vento costeiro do Estado de Santa Catarina por meio de dados do satélite Quikscat seawinds**. 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade do Vale do Itajaí.
- HEUVEL, S. van den et al. **Case Study Piçarras Beach**: Erosion and nourishment of a headland bay beach. [S.l.], 2008.
- HORSTMAN, E. & DOHMHEN-JANSSEN, M. & HULSCHER, S. Modeling tidal dynamics in a mangrove creek catchment in delft3d. **Coastal Dynamics**, p. 833–844, 2013.
- HU, K. & DING, P. The effect od deep waterway constructions on hydrodynamics and salinities in yangtze estuary, china. **Journal of Coastal Research**, v. 56, p. 961–965, 2009.
- HU, K. et al. A 2d/3d hydrodynamic and sediment transport model for the yangtze estuary, china. **Journal of Marine Systems**, v. 77, p. 114–136, 2009.
- HUNT, J. N. & JOHNS, B. Currents induced by tides and gravity waves. **Tellus**, v. 15, n. 4, p. 343–351, 1963.
- HUTHNANCE, J. M. Tidal current asymmetries over the norfolk sandbanks. **Estuarine and Coastal Marine Science**, I, p. 89–99, 1973.
- IBGE. 2015. Acessado em fev. 2015. Disponível em:
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421280&search=santa-catarina—balneario-picarras>
- IMASATO, N. What is tide-induced residual current. **American Meteorological Society**, p. 1307–1317, 1983.
- KLEIN, A. H. F. et al. Beach management: Principles and practice. In: _____. 100 Cambridge Grove: Earthscan, 2009. cap. Ameliorative Strategies at Balneário Piçarras Beach.
- KLEIN, A. H. F. & MENEZES, J. T. Beach morphodynamics and profile sequence for a headland bay coast. **Journal of Coastal Research**, v. 17, n. 4, p. 812–835, 2001.
- KLEIN, A. H. F. et al. Erosão e progradação do litoral brasileiro. In: _____. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006. cap. Santa Catarina.
- KUNDU, P. K. & COHEN, I. M. & DOWNLIND, D. R. **Fluid Mechanics**. [S.l.]: Elsevier, 2012.
- LEBLOND, P. H. **Tydal Hydrodynamics**. [S.l.]: John Wiley and Sons Inc, 1991.
- LEITE, L. **Hidrodinâmica das praias de enseada**: Estudo da enseada do itapocorói. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Aveiro, Aveiro, 2009. 61 p.
- LEITE, L. M. et al. Hydrodynamic study of bay beaches - a case study os itapocoroi bay, brazil. **Journal of Coastal Research**, v. 64, p. 1086–1090, 2011.
- LEONARDI, N. et al. Efect of tides on mouth bar morphology and hydrodynamics. **Journal of Geophysical Research**, v. 118, p. 4169–4183, 2013.
- LESSER, G. R. et al. Development and validation of a three-dimensional morphological model. **Coastal Engineering**, v. 51, p. 883–915, 2004.

MACCREADY, P. & BANAS, N. S. **Estuary Treatise**: Residual circulation, mixing and dispersion. [S.l.: s.n.], 2010.

MACIEL, R. **Prefeitura de Piçarras decreta novo estado de calamidade pública devido ao avanço das ondas**. 2010. Acessado em 10 ago. 2015. Disponível em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/noticia/2011/11/prefeitura-de-picarras-decreta-novo-estado-de-calamidade-publica-devido-ao-avanco-das-ondas-3548659.html>>.

MALISKA, C. R. **Transferência de Calor e Mecânica dos Fluidos Computacional**. [S.l.]: Livros Técnicos e Científicos S. A., 1995.

MASSEL, S. R. **Hydrodynamics of Coastal Zones**. [S.l.]: Elsevier Science Publisher, 1989.

MASSELINK, G. & SHORT, A. D. The effect of tide range on beach morphodynamics and morphology: A conceptual beach model. **Journal of Coastal Research**, v. 9, n. 3, p. 785–800, 1993.

MONTEIRO, M. A. Caracterização climática do estado de santa catarina: uma abordagem dos principais sistemas atmosféricos que atuam durante o ano. **Geosul**, v. 21, n. 16, p. 69–78, 2001. Florianópolis.

MÖLLER, O. & ABE, M. P. Estudos oceanográficos: do instrumental ao prático. In: _____. Pelotas, RS: Editora Textos, 2011. cap. Oceanografia Física.

NIHOUL, J. C. J. & RONDAY, F. C. The influence of the "tidal stress" on the residual circulation. **Tellus XXVII**, v. 5, 1975.

OLIVEIRA, J. G. de. **Modelagem numérica das respostas do perfil praial a eventos extremos em praias de enseada**: Estudo de caso da enseada do itapocorói, santa catarina, brasil. 2013. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal de Santa Catarina.

PARISE, C. K. & CALLIARI, L. J. & KRUSCHE, N. Extreme storm surges in the south of brazil: Atmospheric conditions and shore erosion. **Brazilian Journal of Oceanography**, v. 57, n. 3, p. 175–188, 2009.

PARKER, B. B. **Tidal Hydrodynamics**. [S.l.]: John Wiley and Sons Inc, 1991.

PARKER, B. B. **Tidal Analysis and Prediction**. [S.l.], 2007.

PAWLOWICS, R. & BEARDSLEY, B. & LENTZ, S. Classical tidal harmonic analysis including error estimates in matlab using ttide. **Computers & Geosciences**, v. 28, p. 929–937, 2002.

PAWLOWICZ, R. & BEARDSLEY, B. & LENTZ, S. Classic tidal harmonic analysis including error estimates in matlab using t_tide. **Computers & Geosciences**, v. 28, p. 929–937, 2002.

PETERSEN, G. **Wave Simulations at the Coast of Paraná in southern Brazil**. Dissertação (Mestrado) — Christian Albrechts University, Kiel, Alemanha, 2003. 128 p.

PUGH, D. T. **Tides, Surges and Mean Sea-Level**. [S.l.]: John Wiley & Sons, 1987.

RAMIREZ, M. R. **Estudio de la estabilidad de las playas en la enseada de Itapocorói (SC, Brasil)**. Dissertação (Mestrado) — Universidade da Cantábria, Santander, 2010. 184 p.

RIBEIRO, P. J. da C. **Medição de correntes e ondas na ensada do Itapocorói: Processamento dos dados e resultados.** [S.l.], 2011.

RIBEIRO, P. J. da C. **Transformação de ondas em praias de enseada: Estudo de Caso na Enseada de Itapocorói.** Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Florianópolis, Florianópolis, 2014. 140 p.

RODRIGUES, M. L. G. & FRANCO, D. & SUGAHARA, S. Climatologia de frentes frias no litoral de santa catarina. **Revista Brasileira de Geofísica**, v. 22, n. 2, p. 135–151, 2004.

ROELVINK, D. **A guide to modeling coastal morphology.** [S.l.]: World Scientific, 2012. 274 p.

SAHA, S. et al. The ncep climate forecast system reanalysis. **American Meteorological Society**, p. 1015–1057, 2010.

SAHA, S. et al. **NCEP Climate Forecast System Version 2 (CFSv2) Selected Hourly Time-Series Products.** [S.l.]: Research Data Archive at the National Center for Atmospheric Research, Computational and Information Systems Laboratory, 2011. Acessado em 16 ago 2015.

SANTUR. **Pesquisa Mercadológica e Estudo da Demanda Turística.** [S.l.], 2012.

SCHETTINI, C. A. F. et al. Aspectos hidrodinâmicos da enseada da armação de itapocorói. **NOTAS TÉC. FACIMAR.**, v. 3, p. 99–109, 1999.

SCHUREMAN, P. **Manual of Harmonic Analysis and Prediction of Tides.** [S.l.], 1958.

SHORT, A. D. & MASSELINK, G. Handbook of beach and shoreface morphodynamics. In: _____. West Sussex, England: John Wiley & Sons, LTD, 1999. cap. Santa Catarina.

SILVA, G. V. **Cota de Inundação e Recorrência para a Enseada do Itapocorói e Praia do Morro dos Conventos, Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. 98 p.

SILVA, R. et al. Hydrodynamics of a headland-bay beach: Nearshore current circulation. **Coastal Engineering**, v. 57, p. 160–175, 2010.

TEE, K. T. Tide-induced residual current - verification of a numerical model. **Journal of Physical Oceanography**, v. 7, p. 396–402, 1976.

TRUCCOLO, E. C. **Maré Meteorológica e Forçantes Atmosféricas Locais em São Francisco do Sul - SC.** Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. 116 p.

TRUCCOLO, E. C. **Hidrodinâmica em frequência mareal e submareal do estuário do Rio Itajaí-Açu,SC.** Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. 204 p.

TRUCCOLO, E. C. & FRANCO, D. & SCHETTINI, C. The low frequency sea level oscillations in the northern coast of santa catarina, brazil. **Journal of Coastal Research**, v. 39, p. 547–552, 2006.

VALLE-LEVINSON, A. et al. Tidal and residual circulation in a semi-arid bay: Coquimbo bay, chile. **Continental Shelf Research**, v. 20, p. 2009–2028, 2000.

WAVEREN, R. H. van et al. **Good Modelling Practice Handbook.** [S.l.], 2010.

WILMOTT, C. J. Some comments on the evaluation of model performance. **Bulletin American Meteorological Society**, p. 1309 – 1313, 1982.

YANAGI, T. Fundamental study on the tidal residual circulation i. **Journal of the Oceanographical Society of Japan**, v. 32, p. 199–208, 1976.